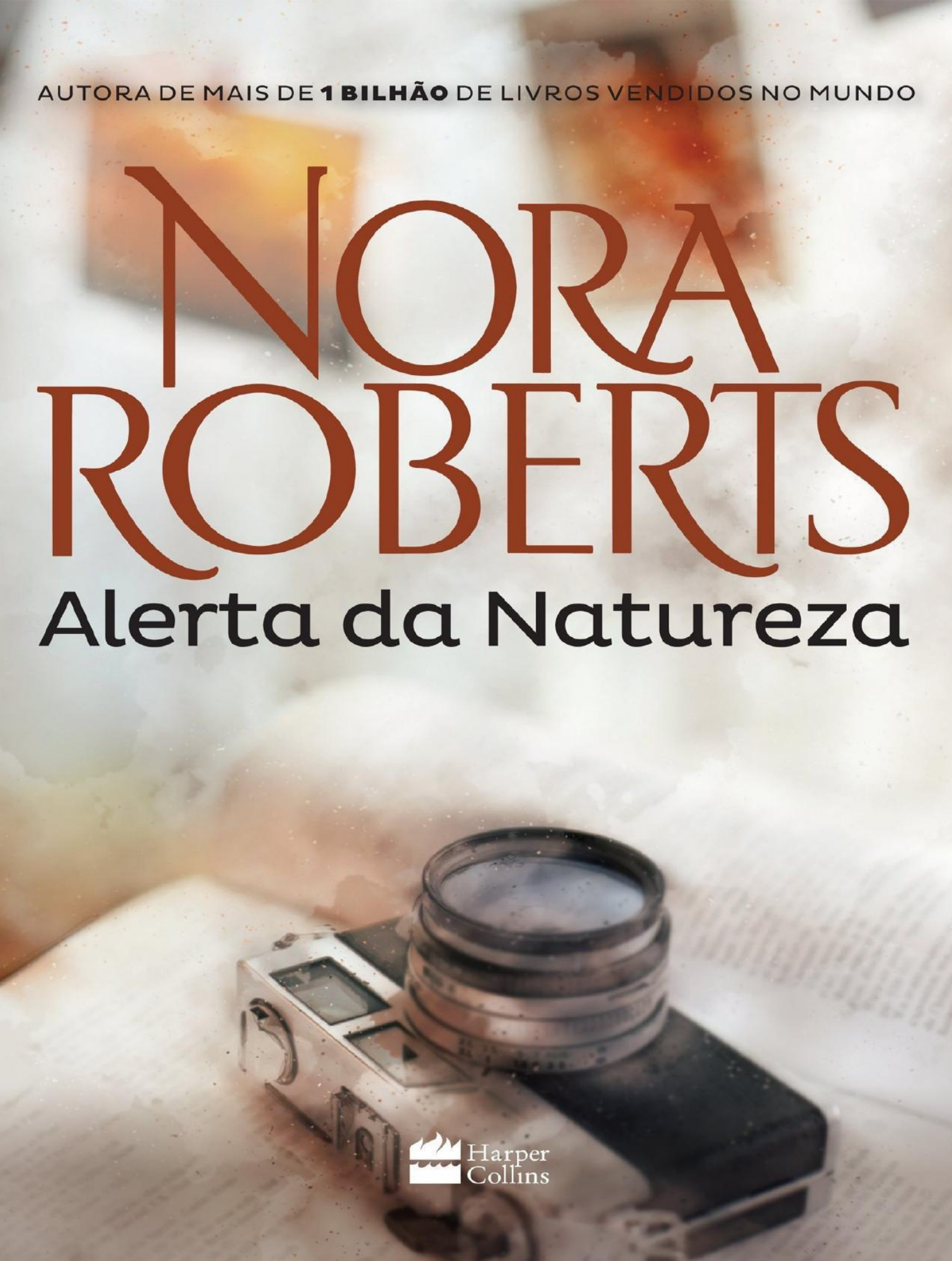
AUTORA DE MAIS DE **1 BILHÃO** DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NORA ROBERTS

Alerta da Natureza



Harper Collins

Para minha mãe, que não deixava meus irmãos baterem em mim, mesmo quando eu merecia.

Capítulo 1

O hotel PineView Inn ficava aninhado confortavelmente nas montanhas Blue Ridge. Saindo da estrada principal, um atalho sinuoso cruzava uma estradinha estreita com espaço suficiente para um carro. O estabelecimento situava-se a uma pequena distância além do vau.

Era um lugar encantador, cheio de

personalidade, com linhas tão limpas que chegavam a disfarçar a estrutura irregular da construção. Tinha três andares e era feita de tijolos que desbotaram até ficarem rosa claro, a fachada interceptada por janelas estreitas de persianas brancas. Do telhado íngreme, que há muito tempo adquirira um tom verde suave, brotavam três chaminés retas. Uma varanda ampla de madeira tecia uma saia branca ao redor de toda a casa e portas se abriam de todos os seus quatro lados.

O gramado ao redor era macio e bem cuidado. A casa e o terreno ocupavam menos de cinco mil

metros quadrados, até o ponto em que árvores e rochas reclamavam sua parte da terra. Era como se a natureza tivesse decidido que a casa só poderia ocupar aquele pedaço e nada mais. O efeito era magnífico. A casa e as montanhas conviviam pacificamente, nenhuma diminuindo a beleza da outra.

Quando parou o carro no estacionamento informal ao lado da casa, Autumn contou cinco veículos, incluindo o Chevrolet antigo de sua tia. Apesar de ainda faltarem semanas para a alta temporada, o hotel já parecia ter vários hóspedes.

Dava para sentir um leve clima de

abril no ar. Os narcisos ainda estavam para abrir e o açafrão mal começara a murchar. Os poucos botões das azaleias traziam algum colorido. O dia estava agradável e pronto para a primavera. As montanhas mais altas ao redor do terreno pendiam mais para o amarronzado do inverno, mas alguns toques de verde começavam a surgir. Não seriam mais melancolicamente marrons e cinzentas por muito tempo.

Autumn pendurou o estojo da câmera em um ombro e a sua bolsa no outro — a bolsa tinha menor importância. Duas malas enormes

também tiveram que ser arrastadas para fora do porta-malas. Depois de uns instantes de luta, conseguiu se organizar de modo a levar tudo em uma só viagem, e, em seguida, começou a subir os degraus. A porta, como sempre, estava aberta.

Não havia ninguém à vista. A ampla sala de estar que servia de lounge estava vazia, apesar de o fogo crepitar na lareira. Autumn colocou as malas no chão e entrou na sala. Nada havia mudado.

Tapetes antigos espalhavam-se no assoalho; mantas de crochê estavam dispostas sobre os dois sofás de patchwork. As janelas ainda

apresentavam as cortinas de *chintz*, e a coleção de bibelôs continuava sobre a lareira. Como sempre, a sala estava limpíssima, mas nem um pouco arrumada. Havia revistas jogadas aqui e ali, uma cesta de costura repleta até a borda, um monte de almofadas empilhadas junto às janelas altas — mais para o conforto de alguém do que para enfeitar a sala. O ambiente era simpático, com um charme despojado. Autumn não pôde evitar um sorriso ao pensar que a sala combinava perfeitamente com sua tia.

Sentiu um prazer estranho. Era

sempre reconfortante descobrir que algo muito amado não havia mudado. Lançando um último olhar pela sala, ela passou a mão pelos cabelos. Chegavam à cintura e estavam embaraçados devido à longa viagem com as janelas do carro abertas. Chegou a pensar em pegar uma escova, mas se distraiu assim que ouviu passos no corredor.

— Ah, Autumn, já chegou? — Como sempre, sua tia a cumprimentou como se a sobrinha tivesse passado uma hora no supermercado local, em vez de um ano em Nova York. — Que bom que você chegou antes do jantar. Hoje

teremos bife de caçarola, seu prato favorito.

Sem coragem de lembrá-la de que aquele era o prato predileto de seu irmão Paul e não o dela, Autumn sorriu.

— Tia Tabby, que bom ver você! — Rapidamente dirigiu-se à tia e sapecou-lhe um beijo no rosto. O cheiro familiar de lavanda a envolveu.

Tabby poderia ser o nome de um gato, mas tia Tabby não tinha nada de felino. Os gatos são esnobes, toleram com desdém o resto do mundo. São conhecidos por sua velocidade, agilidade e astúcia. Já

tia Tabby era conhecida por parecer estar sempre vagando no ar, com suas conversas sem nexo e seu pensamento confuso. Não tinha a menor malícia, e Autumn a adorava.

Ela afastou-se da tia ligeiramente e observou-a com maior atenção.

— Você está maravilhosa. — E isso era sempre verdade. Seus cabelos tinham a mesma cor de avelã dos de sua sobrinha, só que com tons de cinza, o que lhe caía bem. Usava-os curtos, encaracolados desordenadamente em torno de seu pequeno rosto redondo. Seus traços eram todos miúdos — boca, nariz, orelhas,

inclusive mãos e pés. Seus olhos eram de um azul pálido. Apesar de ter mais de cinquenta anos, seu rosto não tinha rugas; era macio como o de uma menina. Era um pouco mais baixa do que Autumn e agradavelmente redonda e fofa. A seu lado, Autumn sentia-se como um palito gigante. Abraçou-a novamente e, em seguida, beijou-lhe a outra face. — Absolutamente maravilhosa.

Tia Tabby sorriu para ela, olhando para cima.

— Que menina bonita você é. Eu sempre soube que seria! Mas está muito magrinha. — Fez um carinho no rosto da sobrinha e pensou em

quantas calorias teriam os bifes.

Autumn encolheu os ombros e pensou nos cinco quilos que ganhara quando parou de fumar. Ela os perdera com a mesma rapidez.

— Nelson sempre foi magro — acrescentou tia Tabby, pensando em seu irmão, o pai de Autumn.

— Ainda é — confirmou Autumn. — Colocou o estojo da câmera sobre a mesa e sorriu para a tia. — Mamãe continua ameaçando-o sempre com o divórcio.

— Ora essa — disse tia Tabby, estalando a língua e ficando pensativa. — Não acho que isso seja aconselhável depois de tantos anos

de casamento. — Percebendo que a brincadeira não tinha sido entendida, Autumn simplesmente concordou com um gesto de cabeça. — Separei seu quarto preferido, querida. Você ainda pode ver o lago pela janela. No entanto, logo as folhas cobrirão tudo, mas... Lembra quando você caiu dentro dele quando era pequena? Nelson teve que pescar você para fora.

— Foi o Will — lembrou Autumn à tia, pensando no dia em que seu irmão mais novo caiu no lago.

— É? — Tia Tabby pareceu ligeiramente confusa por um instante, mas em seguida sorriu

francamente. — Ele aprendeu a nadar bem, não foi? É um homem enorme agora. Isso sempre me surpreendeu. Não temos mais nenhuma criança conosco no momento — acrescentou, passando de um assunto para outro, com sua lógica peculiar.

— Vi vários carros. Há muita gente aqui? — Autumn esticou os músculos dormentes enquanto caminhava pela sala, que cheirava a sândalo e óleo de limão.

— Um casal e cinco solteiros. — respondeu Tabby. — Um dos solteiros é francês e adora minha torta de maçã. Ih, preciso ver minha

torta de amoras. — anunciou repentinamente. — Nancy é maravilhosa para fazer um bife de caçarola, mas um desastre com tortas. George está de cama com uma virose.

Ela já se dirigia para a porta enquanto Autumn ainda tentava arrancar-lhe mais alguma informação.

— Lamento saber disso — replicou com o que esperou ser um tom de simpatia.

— Estou um pouco desfalcada de pessoal no momento, querida. Será que você poderia levar suas malas ou esperar que um dos cavalheiros

chegue?

George. Autumn lembrava-se dele. Jardineiro, mensageiro e garçom.

— Não se preocupe, tia Tabby. Eu posso dar um jeito.

— Ah, a propósito, Autumn. — Ela se virou, mas sabia que o pensamento da tia estava na torta no forno. — Tenho uma surpresinha para você. Ah, a srta. Bond está chegando. — Como de hábito, ela interrompeu a si mesma e sorriu. — Ela vai lhe fazer companhia. O jantar é servido na hora de costume. Não se atrase.

Perceptivelmente aliviada tanto

por sua torta quanto por sua sobrinha já serem problemas resolvidos, saiu apressada, batendo com os saltos do sapato alegremente no assoalho de madeira.

Autumn virou-se para observar a companhia que sua tia mencionara entrando pela porta lateral e ficou boquiaberta.

Julia Bond. Autumn reconheceu-a imediatamente. Não havia outra mulher que tivesse uma beleza tão estonteante e dourada. Quantas e quantas vezes sentara-se na sala escura de um cinema e assistira ao talento e ao encanto de Julia transcender a tela? Pessoalmente,

em carne e osso, sua beleza era a mesma. Brilhava ainda mais ao vivo e em três dimensões.

Pequena, dona de curvas sensuais que quase alcançavam a luxúria, Julia Bond era um exemplo magnífico de mulher em seu sentido máximo. Vestida com calça de linho de cor creme e com um suéter de caxemira azul vivo, sua roupa combinava perfeitamente com o colorido de sua pele. Os cabelos, de um louro claro, emolduravam seu rosto como a luz do sol. Os olhos eram de um azul-celeste profundo. Sua boca bem desenhada, de lábios cheios, formava um sorriso ao

mesmo tempo em que suas famosas sobrancelhas se arqueavam. Por um momento Julia ficou parada, acariciando sua echarpe de seda. Então falou, e sua voz era ligeiramente rouca, exatamente como Autumn esperava.

— Que cabelo fabuloso.

Autumn levou um tempo para registrar o comentário. Estava estupefata ao ver Julia Bond atravessar o lounge da sua tia como se estivesse no hotel Hilton de Nova York. Seu sorriso, no entanto, era tão encantador e tão aberto que Autumn conseguiu sorrir de volta.

— Obrigada. Estou certa de que

está acostumada a ser observada, srta. Bond, mas peço desculpas de qualquer maneira.

Julia sentou-se, com uma graça ao mesmo tempo insolente e admirável, em uma poltrona *bergère*. Enquanto pegava um cigarro longo e fino, sorriu alegremente para Autumn.

— Os atores adoram ser observados. Sente-se — disse, apontando para poltrona ao seu lado. — Tenho a impressão de que finalmente encontrei alguém com quem poderei conversar neste lugar.

A obediência de Autumn foi imediata, rendendo-se ao encanto da atriz.

— É claro — continuou Julia, ainda estudando o rosto de Autumn —, já que você é tão jovem e tão atraente. — Ela recostou-se, cruzando as pernas. Sem que Autumn percebesse exatamente como ela fizera aquilo, Julia conseguiu transformar a poltrona, mesmo estando com o braço esquerdo ligeiramente manchado, em um trono. — E, além disso, seu colorido e o meu combinam. Qual é sua idade, querida?

— Vinte e cinco! — Cativada pelo encanto da outra, Autumn respondeu sem pensar.

Julia riu, um murmúrio que fluía e

expandia-se como uma. onda.

— Ah, eu também. Eternamente. — Sacudiu a cabeça, divertida, virando-a em seguida para o lado. Os dedos de Autumn procuravam a câmera. — Qual é o seu nome, meu bem? E o que a traz para a solidão dos pinheiros?

— Autumn — respondeu, enquanto afastava os cabelos dos ombros. — Autumn Gallegher. Minha tia é a dona do hotel.

— Sua tia? — O rosto de Julia registrou sua surpresa e diversão. — Aquela senhora encantadora e desajeitada é sua tia?

— É — disse Autumn, deixando

escapar um sorriso pela descrição. — Irmã do meu pai. — Mais relaxada, Autumn recostou-se. Fazia agora seus próprios estudos, pensando em ângulos e sombras.

— Incrível — decidiu, sacudindo a cabeça. — Você não se parece com ela. Ah, o cabelo. — corrigiu-se com um olhar de inveja a. — Imagino que o dela antigamente fosse da cor dos seus. Magnífico. Sei de mulheres que matariam para ter essa cor, e você tem quase um metro dele. — Com um suspiro, tragou delicadamente seu cigarro. — Então veio fazer uma visita a sua tia?

Não havia o menor tom de condescendência em sua atitude. Seus olhos mostravam interesse e Autumn começou a achá-la não só encantadora, como amável.

— Vou passar algumas semanas. Não a via há quase um ano. Ela escreveu pedindo que eu viesse, e então resolvi passar todas as minhas férias acumuladas aqui.

— O que você faz? — perguntou Julia, franzindo os lábios. — É modelo?

— Não. — Autumn riu. — Sou fotógrafa.

— Fotógrafa! — exclamou Julia. Iluminou-se de prazer. — Eu adoro

fotógrafos. Por vaidade, suponho.

— Imagino que os fotógrafos gostem de você pela mesma razão.

— Ora, meu bem. — No sorriso de Julia, Autumn podia sentir tanto o prazer como a diversão. — Que encantadora.

— Está sozinha aqui, srta. Bond? — Sua curiosidade estava aguçada. Autumn já esquecera sua surpresa e cerimônia iniciais.

— Pode me chamar de Julia, por favor. Não me faça lembrar a meia década que separa nossas idades. A cor do seu suéter fica bem em você. — comentou, observando-lhe a gola alta. — Eu jamais poderia usar

cinza. Sinto muito, querida — desculpou-se com um ligeiro sorriso. — Acontece que as roupas são minha fraqueza. Se estou sozinha? — O sorriso cresceu. — Na verdade, este pequeno hiato é uma mistura de negócios e prazer. Estou entre maridos no momento; um glorioso interlúdio. — Julia lançou a cabeça para trás. — Os homens são deliciosos, mas os maridos podem ser terrivelmente decepcionantes. Você já foi casada?

— Não — disse Autumn, sem conseguir conter o sorriso. Pelo tom que usou, Julia podia ter perguntado se Autumn alguma vez tivera um

cocker spaniel.

— Eu já, três vezes. — Os olhos de Julia tornaram-se ao mesmo tempo maldosos e deliciados. — Como dizem: um é pouco, dois é bom, três é demais. Seis meses com um barão inglês foram mais do que suficientes

Autumn lembrou-se das fotos que vira de Julia com um inglês alto e aristocrata. Ela usava *tweed* com muita elegância.

— Fiz um voto de abstinência. — continuou Julia. — Não contra os homens. Contra o casamento.

— Até a próxima vez? — arriscou Autumn.

— Até a próxima vez — concordou Julia com uma gargalhada. — No momento, estou aqui por motivos platônicos com Jacques LeFarre.

— O produtor?

— É claro. — Mais uma vez, Autumn sentiu sua curiosidade aumentando. — Ele dá uma olhada em você e decide que tem uma nova estrela no horizonte. Mas consegue ser uma diversão interessante. — Franziu a testa por um momento e, em seguida, voltou a seu estado normal. — Os outros hóspedes do acolhedor hotel de sua tia até agora ofereceram poucas perspectivas de

diversão.

—Ah? — Automaticamente Autumn sacudiu a cabeça em negativa, quando Julia ofereceu-lhe um cigarro.

— Temos o doutor e a sra. Spicer — começou Julia, batendo com a unha perfeita e bem cuidada no braço da poltrona. Havia alguma coisa diferente em sua atitude no momento. Autumn era sensível a estados de espírito, mas aquela mudança tinha sido tão sutil e repentina que não conseguira identificar. — O doutor pode ser interessante —continuou Julia. — É alto e com um bom corpo,

delicadamente bonito e com a quantidade certa de cabelos grisalhos nas têmporas.

Julia sorriu, e só então Autumn percebeu que ela se parecia com um gato muito bonito e bem alimentado.

— A mulher é baixinha e, infelizmente, um tanto deprimida. Elimina qualquer tipo de atração que pudesse existir nela, com uma perpétua expressão de desencanto. — Dizendo isso, Julia descreveu-a com extraordinária habilidade e Autumn não pôde conter a gargalhada.

— Que coisa mais feia — retrucou Autumn, ainda sorrindo.

— Ah, eu sei. —Apesar de concordar, agitou sua mão graciosa como a dizer que não se importava. — Não tenho paciência com mulheres que se abandonam e depois olham com raiva para as que não fizeram o mesmo. Ele gosta de ar puro e de caminhadas pelo bosque, e ela rasteja desanimada atrás dele. — Julia fez uma pausa e olhou curiosa para Autumn. —Você gosta de caminhar?

— Gosto. — Percebendo o tom de pedido de desculpas em sua voz, Autumn sorriu.

— Que bom. — Julia deu de ombros, sem ligar para

excentricidades. — Existe gente de todo tipo. A seguir, temos Helen Easterman. — As unhas ovais e bem pintadas voltaram a bater no braço da poltrona. Afastou os olhos de Autumn, dirigindo-os para além da janela. De alguma forma, Autumn sabia que ela não estava olhando para as montanhas e para os pinheiros. — Ela diz que é professora de arte, que está de férias para fazer esboços da natureza. É bastante atraente, apesar de um pouco bem nutrida, com olhinhos aguçados e um sorriso desagradável. Depois, temos Steve Anderson. — E Julia sorriu novamente, como um

gato preguiçoso. Ao descrever os homens, Autumn percebeu, Julia ficava mais à vontade. — Ele é uma graça. Ombros largos, cabelos louros da Califórnia, lindos olhos azuis. E é tremendamente rico. O pai dele é dono de... hã...

— Das Fábricas Anderson? — interrompeu Autumn prontamente, e foi premiada com um sorriso de aprovação.

— Como você é esperta.

— Soube que Steve Anderson deseja seguir uma carreira política.

— É possível. Combina com ele. — concordou Julia. — Ele é muito elegante e tem um sorriso de garoto

encantador, isso sempre funciona em política.

— É um pensamento tranquilizador saber que os representantes do governo são eleitos por seus sorrisos.

—Ah, os políticos. —Julia franziu o nariz e deu de ombros. — Eu já tive um caso com um senador. É uma profissão complicada, a política. — E riu de alguma piada particular.

Sem estar certa de que o comentário de Julia tivesse sido uma observação romântica ou apenas geral, Autumn não insistiu no assunto.

— Por enquanto — disse Autumn — me parece pouco provável que Julia Bond e Jacques LeFarre se juntem.

— *Show business*. — Com um sorriso acendeu outro cigarro, e acenou para Autumn. — Continue com a fotografia, Autumn, sejam quais forem as promessas que Jacques lhe faça. Estamos aqui graças a um capricho do último e mais interessante personagem de nossa peça. Ele é um escritor genial. Fiz um de seus filmes há alguns anos. Agora, Jacques quer fazer outro, e me quer para o papel principal. — Tragou profundamente

o cigarro. — É claro que estou disposta, bons roteiros são muito raros atualmente, mas nosso escritor está no meio de um romance. Jacques acha que o livro poderá ser transformado em um roteiro de cinema, mas nosso gênio resiste. Ele disse a Jacques que vinha para cá a fim de escrever em paz durante algumas semanas e que iria pensar no assunto. E o encantador LeFarre convenceu-o a permitir que também viéssemos para cá por alguns dias.

Autumn estava fascinada e, ao mesmo tempo, confusa. Sua pergunta foi caracteristicamente direta.

— Vocês geralmente caçam os

escritores desse jeito? Sempre pensei que fosse o contrário.

— E você teria razão. — disse Julia sem grandes expressões. Apenas com o movimento das sobrancelhas, a expressão tornou-se arrogante. — Mas Jacques está louco para produzir a obra desse escritor e me pegou em um momento de fraqueza. Eu tinha acabado de ler um dos roteiros mais horrorosos que já li. Na verdade — emendou com um sorriso — três dos roteiros mais horrorosos. É o meu trabalho que me alimenta, mas não trabalho com lixo. Então... —Julia sorriu e moveu as mãos. Aqui estou.

— Caçando um escritor relutante.

— Tem suas compensações.

Gostaria de fotografá-la com o sol em suas costas. Um sol baixo, se pondo. Os contrastes seriam perfeitos. Autumn esforçou-se para afastar seus pensamentos e prosseguir a conversa com Julia.

— Compensações? — repetiu.

—Acontece que o escritor é terrivelmente atraente, com aquele jeitão relaxado que ninguém consegue imitar, a não ser que tenha nascido com ele. Uma mudança de estilo maravilhosa — acrescentou, com um olhar malicioso —, depois dos barões ingleses. É alto,

bronzeado, com cabelo preto, um pouco longo e sempre desarrumado, o que dá uma vontade louca de mergulhar os dedos nele. E, o melhor de tudo, tem aqueles olhos escuros que dizem "Vá para o inferno" com eloquência. É um demônio arrogante. — Seu suspiro era de pura aprovação feminina. — Os homens arrogantes são irresistíveis, você não acha?

Autumn murmurou qualquer coisa, enquanto tentava apagar de sua mente a suspeita de a quem poderiam se referir as palavras de Julia. Tinha que ser outra pessoa, pensou desesperadamente. Qualquer

pessoa.

— E, naturalmente, o talento de Lucas McLean merece um pouco dessa arrogância.

A cor sumiu do rosto de Autumn, deixando-o inexpressivo. Ela sentiu-se invadida por ondas de uma dor que já estava quase esquecida. *Como podia doer tanto depois de todo aquele tempo?* Conseguira construir um muro tão sólido em torno de seus sentimentos, e isso lhe custara tanto trabalho — como podia virar pó só pelo som de um nome? Indagou-se, preocupada, qual jogada sádica do destino havia trazido Lucas McLean de volta para

atormentá-la. — O que foi, querida, o que aconteceu?

A voz de Julia, um misto de preocupação e curiosidade, invadiu-a. Como se em busca de ar para respirar, Autumn sacudiu a cabeça.

— Nada. — Sacudiu novamente a cabeça e engoliu em seco. — Só fiquei surpresa por saber que Lucas McLean está aqui. Respirando profundamente, encontrou os olhos de Julia. — Eu o conheci... há muito tempo.

— Ah, entendi.

E entendera mesmo, Autumn percebeu, e muito bem. A simpatia misturava-se com a especulação

tanto em seu rosto como em sua voz. Autumn encolheu os ombros, decidida a tratar o assunto com leveza.

— Mas duvido de que ele se lembre de mim. — Parte dela rezava fervorosamente para que aquilo fosse verdade, enquanto a outra rezava exatamente pelo contrário. *Teria ele esquecido?*, perguntava-se. *Poderia ele esquecer?*

— Autumn, querida, você tem um rosto que nenhum homem poderia esquecer. — E Julia estudou-a através de uma nuvem de fumaça. — Você era muito jovem quando se apaixonou por ele?

— Sim. — Autumn tentava com todas as forças reconstruir seu muro de proteção e não ficou surpresa com a pergunta. — Era jovem demais, ingênua demais. — Conseguiu sorrir ligeiramente e, pela primeira vez em seis meses, aceitou um cigarro. — Mas aprendo rapidamente.

— Bem, parece que os próximos dias prometem ser interessantes, afinal de contas.

— É — concordou Autumn com pouco entusiasmo. — É isso mesmo. —Precisava de tempo para ficar sozinha, para se recompor. — Preciso levar minhas malas para

cima — disse, ao mesmo tempo em que se levantava.

Enquanto Autumn esticava seus braços delicados para o alto, Julia sorriu.

— Nos vemos no jantar.

Concordando, Autumn juntou o estojo da câmera, a bolsa, e saiu da sala.

No corredor, cortou um dobrado com as malas, a câmera e a bolsa antes de iniciar a tarefa de transportá-las escada acima. Durante o pequeno trajeto pelas escadas, Autumn aliviou sua tensão resmungando e xingando. *Lucas McLean*, pensou e bateu a mala

contra seu queixo. Quase conseguiu convencer-se de que seu mau humor era resultado da dor que sentia por causa da batida. Sem fôlego nem paciência, chegou em frente à porta de seu quarto e jogou tudo no chão, com um estrondo furioso.

— Olá, gata. Onde está o carregador?

A voz e o apelido ridículo deslocaram os poucos tijolos que ela conseguira colocar tão recentemente em seu muro de proteção. Depois de uma breve hesitação, Autumn virou-se para ele. A dor que sentia não aparecia em seu rosto. Ela aprendera a disfarçar.

Mas estava ali, surpreendentemente real e física. Lembrava-lhe a dor que sentira quando seu irmão batera com o taco de beisebol em seu estômago quando tinha 12 anos. *Eu não tenho mais 12 anos*. Enfrentou o sorriso arrogante de Lucas com o sorriso que conseguiu formar.

— Olá, Lucas. Soube que estava aqui. O Pine View Inn está borbulhando de celebridades.

Ele não mudara nada. Moreno, esbelto e másculo. Havia certa aspereza em seu aspecto, acentuada por sobrancelhas espessas e pretas, sublinhando feições que não poderiam ser chamadas de bonitas.

Ah, não, essa era uma palavra muito simples para definir Lucas McLean. Excitante, irresistível. Fatal. Essas palavras estavam mais de acordo com ele.

Seus olhos eram quase tão escuros quanto os cabelos e sugeriam guardar muitos segredos. Ele movia-se de uma maneira elegante, com uma graça negligente, mais natural do que estudada. Seu poder masculino absolutamente nada sutil moveu-se com ele enquanto aproximava-se de Autumn e estudava seu rosto.

Foi então que ela percebeu como ele parecia cansado. Tinha olheiras.

Necessitava fazer a barba. As rugas do rosto estavam mais profundas do que lembrava, e ela lembrava-se muito bem.

— Você parece não ter mudado nada —disse, enquanto segurava mechas de seus cabelos e mergulhava os olhos nos dela. Ela perguntou-se como um dia poderia ter pensado que o havia esquecido. Nenhuma mulher esquecia Lucas. Apenas pura determinação manteve seu olhar no dele.

— E você — disse, enquanto abria a porta — está horrível. Precisa dormir um pouco.

Lucas recostou-se no batente da

porta, antes que ela pudesse arrastar suas malas para dentro e fechá-la.

— Estou tendo problemas com um dos meus personagens — disse ele suavemente. — É uma criatura alta, graciosa, com uma cabeleira cor de avelã que cai em ondas sobre suas costas. De quadris estreitos e com pernas longas.

Tentando controlar-se, Autumn virou-se e encarou-o, tendo antes o cuidado de apagar qualquer expressão de seu rosto.

— Ela tem a boca de uma criança — continuou ele, enfrentando seu olhar. — E um nariz pequeno, que parece um pouco estranho ao lado

dos molares altos e elegantes. Sua pele é cor de marfim, com um leve calor bem abaixo da superfície. Os olhos têm pálpebras longas e são emoldurados por cílios ridiculamente longos, de um tom verde quase âmbar, iguais aos de um gato.

Ela escutou sem comentários a descrição que ele fazia dela. Lançou-lhe um olhar entediado e desinteressado, como ele jamais vira em seu rosto nos últimos três anos.

— Ela é a assassina ou o cadáver? — Autumn ficou contente ao perceber que as sobrancelhas

dele ergueram se cm surpresa, antes de se juntarem de novo, inquisitivamente.

— Vou mandar-lhe uma cópia quando estiver pronto. — Examinou seu rosto, mas, em seguida, uma cortina baixou sobre o rosto de Lucas, deixando sua expressão indecifrável. Autumn percebeu que aquilo também não tinha mudado.

— Faça isso. — Após ter empregado uma força sobre-humana para empurrar as malas para dentro do quarto, Autumn descansou recostando-se contra a porta. Seu sorriso era sem expressão. — Desculpe-me, Lucas. Fiz uma longa

viagem e estou precisando de um banho.

E fechou a porta firme e definitivamente na cara dele.

Então, os movimentos de Autumn tornaram-se bruscos. Tinha que desfazer as malas, tomar um banho e escolher um vestido para o jantar. Essas coisas lhe dariam tempo para que se recuperasse antes que pudesse permitir-se pensar, sentir. Quando tirou a roupa, ficando só de lingerie e meias, seus nervos relaxaram um pouco. O pior tinha passado. Com toda certeza, lembrou-se, o primeiro encontro, a primeira troca de palavras foi o

mais difícil. Ela já o vira. Falara com ele. E tinha sobrevivido. O sucesso tornou-a mais confiante. Pela primeira vez em quase dois anos, Autumn permitiu-se recordar.

Tinha estado tão apaixonada! Sua tarefa havia sido bastante ordinária — uma foto do misterioso escritor Lucas McLean. O resultado foram seis meses de uma felicidade incrível seguida por uma mágoa indescritível.

Tinha ficado encantada por ele. Nunca havia conhecido ninguém parecido. Sabia agora que não havia mais ninguém como ele. Era único. Era brilhante, atraente, egoísta e

temperamental. Depois do primeiro choque, ao saber que ele estava interessado nela, Autumn flutuara em uma nuvem de encantamento e admiração. E amor.

Como Julia dissera, sua arrogância era irresistível. Seus telefonemas às três horas da manhã eram como um tesouro. A última vez em que estivera em seus braços, experimentando as selvagens demandas da boca dele, fora tão excitante quanto a primeira. Despencara na cama como um pêssego maduro, entregando sua inocência com a liberdade que surge juntamente com o amor cego e

confiante.

Lembrou-se de que ele nunca lhe dissera as palavras que desejava ouvir. Disse a si mesma que não tinha necessidade delas — que as palavras não eram importantes. Houve inesperadas caixas com rosas, piqueniques surpresa na praia, com vinho em copos de papel e a entrega de seus corpos, que era ao mesmo tempo intensa e esgotadora. Por que precisaria de palavras? Quando o fim chegou, foi repentino — e muito doloroso.

Autumn atribuiu a distração e o aborrecimento dele ao livro no qual estava trabalhando. Jamais lhe

passou pela cabeça que ele pudesse estar entediado. Era costume ela preparar o jantar na casa dele às quartas-feiras. Era sempre uma noite agradável e particular, que ela valorizava acima de todas as outras. Chegar à casa dele era tão natural para ela, tão rotineiro, que, quando entrou na sala de estar e encontrou-o vestido com roupas de sair, só conseguiu pensar que ele decidira acrescentar uma atmosfera mais formal a seu jantar romântico.

— Oi, gata, o que está fazendo aqui? — Aquelas palavras inesperadas foram ditas tão despreocupadamente que ela

simplesmente ficou pasma. — Ah, hoje é quarta-feira, não é? — Havia um ligeiro aborrecimento em seu tom, como se tivesse esquecido a hora marcada com o dentista. — Esqueci por completo. Desculpe, mas fiz outros planos.

— Outros planos? — ecoou ela. Ainda estava muito longe de compreender.

— Deveria ter telefonado para você, para poupar-lhe a viagem. Desculpe-me, gata, mas vou partir.

— Partir?

— Vou sair. — Atravessou a sala e olhou em seus olhos. Ela estremeceu. Os olhos de ninguém

podiam ser tão calorosos, ou tão frios, quanto os de Lucas McLean.

— Não torne as coisas difíceis, Autumn. Não quero magoá-la mais do que o necessário.

Sentiu então as lágrimas da compreensão formando-se em seus olhos, e sacudiu a cabeça para lutar contra a aceitação. Suas lágrimas o deixaram furioso.

— Pare com isso! Não tenho tempo para lidar com choros. Só tente entender. Aceite tudo como experiência. Só Deus sabe como você precisa disso.

Agitado, ele afastou-se para acender um cigarro. E ela ficou

parada no lugar, chorando sem emitir um som.

— Não se faça passar por boba, Autumn. — A voz calma e firme era mais assustadora para ela do que a raiva dele. Pelo menos, a raiva era uma emoção. — Quando uma coisa termina, a gente esquece e segue em frente. — E virou-se, dando de ombros. — É a vida.

— Você não me quer mais? — Ela ficou parada humildemente, como um cão que espera que a coleira seja colocada novamente. Sua visão estava muito embaçada pelas lágrimas, o que a impedia de ver a expressão dele. Por um

momento, ele ficou em silêncio.

— Não se preocupe, gata — respondeu com voz displicente, brutal. — Outros irão querer você.

Ela virou-se e saiu correndo. E foi preciso mais do que um ano para que ele deixasse de ser a primeira coisa em que pensava todas as manhãs ao acordar.

Mas tinha sobrevivido, lembrou-se. Pôs um vestido verde brilhante. *E vou continuar sobrevivendo*. Sabia que, basicamente, continuava a ser a mesma pessoa que havia se apaixonado por Lucas, só que agora tinha uma vivência mais sofisticada. Sua inocência tinha desaparecido e

seria preciso mais do que um Lucas McLean para fazê-la de boba novamente. Sacudiu os cabelos, satisfeita com a lembrança de sua recepção a ele, o que lhe causara certa surpresa. Não, Autumn Gallegher não era a mais a tola de ninguém.

Seu pensamento saltou para a estranha distribuição dos hóspedes de sua tia. Perguntou-se por que os ricos e famosos estariam se reunindo ali, em vez de em algum *resort* sofisticado e exclusivo. Afastou o pensamento com um sacudir de ombros, lembrando-se de que era a hora do jantar. E tia Tabby dissera

para ela não se atrasar.

Capítulo 2

Era bastante estranho encontrar, enclausurados no lounge de um remoto hotel da Virgínia, um escritor premiado, uma atriz, um produtor, um rico negociante californiano, um cirurgião cardiovascular famoso e sua mulher, uma professora de arte que vestia Yves St Laurent. Antes de conseguir fazer uma ideia completa do que se

passava, Autumn encontrou-se rodeada por eles. Julia, possessivamente, tomou conta dela e começou a fazer as apresentações. Obviamente, Julia apreciava o papel que representava e a posição central que ele lhe dava naquele palco. Qualquer embaraço que Autumn poderia ter sentido ao ser atirada no centro dos holofotes foi ofuscado pela surpresa com a exatidão das descrições que Julia fizera de todos mais cedo.

O dr. Robert Spicer era realmente bonito. Aproximava-se dos cinquenta e esbanjava saúde. Usava um cardigã que, apesar da aparência

informal, era nitidamente caríssimo, em um tom de verde, com aplicações de couro marrom nos cotovelos. Sua esposa, Jane, também era, infelizmente como Julia descrevera: chata. O pequeno sorriso que dirigiu a Autumn durou aproximadamente uns dois segundos antes que seu rosto mostrasse novamente rugas de insatisfação. Lançava olhares ameaçadores para o marido, enquanto este dava a Julia toda a sua atenção.

Observando-os, Autumn sentiu pouca simpatia por Jane e, ao mesmo tempo, não conseguia sentir desaprovação por Julia — ninguém

pode desaprovar uma flor por atrair abelhas. A atração que Julia exercia era natural e, simultaneamente, irresistível.

Helen Easterman estava atraente com um modelito funcional e com estilo. O vermelho de seu vestido caía-lhe muito bem, mas era gritante no lounge modestamente mobiliado. Seu rosto estava maquiado à perfeição, o que lembrava à Autumn uma máscara. Como fotógrafa, conhecia os truques e segredos dos cosméticos. Instintivamente, Autumn evitou-a.

Em contrapartida, Steve Anderson era encantador. Bonito, com ar

californiano, como Julia descrevera. Autumn gostou das ruguinhas nos cantos dos seus olhos e da elegância natural. Vestia cáqui com elegância e, pelo seu aspecto, Autumn sabia que usaria black-tie com a mesma simplicidade. Se escolhesse seguir a carreira política, pensou, conseguiria vencer com facilidade.

Julia não fizera nenhuma descrição de Jacques LeFarre. O que Autumn sabia sobre ele procedia principalmente de revistas de fofoca ou de seus filmes. Era mais baixo do que tinha imaginado, quase de sua altura, mas tinha um porte imponente. Os traços eram

fortes e usava os cabelos castanhos penteados para trás, deixando à mostra três rugas de preocupação na testa. Ela gostou do bigode estreito sobre os lábios e do jeito com que ele levantou a mão dela para beijar quando foram apresentados.

— Muito bem, Autumn — começou Steve com um sorriso. — Estou bancando o *bartender* na ausência de George. O que vai querer beber?

— Vodca Collins, com pouca vodca. — respondeu Lucas.

Autumn desistiu da ideia de ignorá-lo.

— Sua memória melhorou. —

disse, com frieza.

— O seu guarda-roupa também — disse ele, enquanto corria um dedo pela gola de seu vestido. — Ainda lembro quando só usava jeans e suéteres velhos.

— Eu cresci. — O olhar dela continuava tão firme e calculista quanto o dele.

— Estou vendo.

— Ah, vocês já se conheciam — interrompeu Jacques. — Mas que fascinante. São velhos amigos?

— Velhos amigos? — repetiu Lucas antes que Autumn pudesse falar. Ele estudou-a com ar ao mesmo tempo divertido e furioso. —

Você diria que é uma descrição apropriada, gata?

— Gata? —Jacques franziu a testa por um momento. — Ah, os olhos, *oui*. — Encantado, passou o dedo indicador sobre o bigode. — Combina. O que você acha, *chérie*? — Dirigiu-se a Julia, que parecia estar se divertindo com a cena. — Ela é encantadora e tem uma linda voz.

— Já preveni Autumn sobre você — retrucou Julia, dirigindo em seguida seu glorioso sorriso para Robert Spicer.

— Ah, Julia — disse Jacques delicadamente —, como você é

malvada.

— Autumn trabalha do outro lado da câmera— declarou Lucas. Sabendo que os olhos dele estavam o tempo todo sobre ela, Autumn ficou aliviada quando Steve voltou com sua bebida. — Ela é fotógrafa.

— Mais uma vez estou fascinado. — A mão livre de Autumn foi capturada pela de Jacques. — Diga: por que fica atrás de uma câmera quando deveria estar na frente dela? Só os seus cabelos fariam os poetas correr atrás de suas canetas.

Nenhuma mulher era imune a uma conquista com sotaque francês, e Autumn sorriu olhando diretamente

para ele.

— Duvido que eu conseguisse ficar parada na frente dela por muito tempo.

— Os fotógrafos podem ser muito úteis —declarou Helen Easterman repentinamente. Levantou a mão e ajeitou os cabelos escuros e rígidos por causa do fixador. — Um fotógrafo bom, eficiente, é um instrumento valioso... para um artista.

Uma pausa desagradável acompanhou essa declaração. A tensão entrou na sala, tão deslocada naquele confortável salão com suas cortinas de *chintz*, que Autumn

pensou ter sido sua imaginação. Helen sorriu dentro daquele silêncio e tomou um gole da bebida. Seus olhos passavam por todos, sem deter-se em nenhum deles.

Autumn sabia que havia alguma coisa ali que isolava Helen, separando-a dos outros. Mensagens eram passadas sem palavras, apesar de Autumn não conseguir distinguir quem comunicava o que para quem. Aquele ar pesado mudou subitamente, quando Julia juntou-se a Robert Spicer em uma conversa animada. As habituais rugas da testa de Jane Spicer tomaram-se mais pronunciadas.

O clima descontraído permaneceu quando foram jantar. Sentada entre Jacques e Steve, Autumn continuou observando enquanto Julia flertava simultaneamente com Lucas e Robert. Era magnífica, na opinião de Autumn. Apesar do desconforto que sentia ao ver que Lucas correspondia casualmente ao flerte, teve de admirar o talento de Julia. Seu encanto e beleza eram insaciáveis. Jane comia em um silêncio constrangido.

Que mulher estranha, pensou Autumn enquanto se indagava qual seria sua reação se visse o marido tão encantado. Agiria, não ficaria em

silêncio. Simplesmente arrancaria seus olhos. A imagem da desajeitada Jane contrastando com a elegante Julia fez com que sorrisse. Apesar de gostar da ideia, quando levantou os olhos viu que os de Lucas estavam pregados nela.

Suas sobrancelhas erguiam-se num ângulo que ela sabia significar que ele estava se divertindo. Autumn dirigiu sua atenção a Jacques.

— Acha que existem muitas diferenças na indústria cinematográfica aqui nos Estados Unidos, sr. LeFarre?

— Chame-me de Jacques. — Seu sorriso elevou as pontas dos

bigodes. — Existem diferenças, sim. Eu diria que os americanos são mais... aventureiros do que os europeus.

Autumn deu de ombros e sorriu.

— Talvez porque sejamos uma mistura de nacionalidades. Sem perdermos a essência, só ficamos americanizados.

— Americanizados. —Jacques repetiu a palavra e aprovou-a. Seu sorriso desta vez foi mais jovem, menos urbano. — Sim, eu diria que me sinto americanizado na Califórnia.

— Mesmo assim a Califórnia é somente um aspecto do país —

acrescentou Steve. — E eu não diria que Los Angeles ou o sul da Califórnia sejam particularmente típicos.

Autumn percebeu que os olhos dele passeavam por seus cabelos. Seu interesse provocou uma pequena reação que a agradou. Isso provava que ela ainda era uma mulher, aberta para os homens, e não só para um único homem.

— Já esteve na Califórnia, Autumn?

— Já morei lá... há algum tempo. — Sua reação a Steve e a necessidade de provar alguma coisa para si mesma fizeram com que

olhasse para Lucas. Seus olhos encontraram-se e permaneceram ligados durante um breve instante.

— Mudei-me para Nova York faz três anos.

— Havia uma família aqui de Nova York — continuou Steve. Se notara o olhar entre os dois, não o demonstrou. *Sim, um ótimo político*, Autumn pensou novamente. — Foram embora esta manhã. A mulher era daqueles tipos robustos, com energia brotando de cada célula. E ela precisava mesmo — acrescentou ele com um sorriso dirigido somente a Autumn. — Ela tinha três meninos. Trigêmeos. Disse que tinham 11

anos.

— Ah, aquelas crianças terríveis! —Julia desviou sua atenção de Robert e olhou para o outro lado da mesa. Seus esplêndidos olhos azuis giraram nas órbitas. — Correndo por aí como se fossem um bando de macacos. Pior ainda, nunca se sabia qual deles estava chegando ou saltando em cima da gente. Faziam tudo em triplo. — Estremeceu e levantou o copo com água. — E comiam como elefantes.

— Correr e comer fazem parte da infância — comentou Jacques, sacudindo a cabeça. —Julia — disse para Autumn, piscando um

olho — nasceu com 21 anos e linda.

— Qualquer pessoa educada nasceu com 21 anos — respondeu Julia. — Ser linda simplesmente foi um bônus. — Seus olhos agora riam francamente. —Jacques é louco por crianças — informou a Autumn. — Ele mesmo tem três espécimes.

Interessada, Autumn virou-se para ele. Nunca pensara em Jacques LeFarre em termos que não fossem os do seu trabalho.

— Também sou louca por crianças — confessou, lançando um sorriso para Julia. — Que tipos de espécimes você tem?

— Meninos. — respondeu. O

carinho que surgiu em seus olhos deixou Autumn fascinada. — São em escadinha. — E, com as mãos, formou degraus imaginários. —Sete, oito e nove anos. Moram na França com minha mulher... minha ex-mulher. — Franziu a testa por um momento, mas, em seguida, voltou ao estado normal. Autumn entendeu então como as linhas em sua testa tinham se formado.

— Na verdade, Jacques quer ter a guarda dos três monstrinhos. — O olhar de Julia era mais tolerante que as palavras. Agora, Autumn percebeu que o afeto transcendia o flerte. — Apesar de suspeitar de sua

sanidade mental, Jacques, sou obrigada a admitir que você se sai melhor como pai do que Claudette como mãe.

— As ações de guarda são assunto muito delicado — anunciou Helen da ponta da mesa. Bebia água, lançando olhares agudos por cinta da borda do copo. O olhar que enviou a Jacques parecia varrer todos os outros em seu campo de visão. — É muito importante que... qualquer informação inadequada não venha à tona.

A tensão voltou a imperar. Autumn sentiu que o francês enrijeceu a seu lado. Mas não era só

ele. As correntes de mal-estar pareciam percorrer a longa mesa de pinho de um lado a outro. Era impossível não senti-las, apesar de não haver nada tangível, nada sólido. Instintivamente, os olhos de Autumn buscaram os de Lucas. Mas não conseguiu ver nada além da máscara indecifrável que tantas vezes vira no passado.

— Sua tia serve refeições deliciosas, srta. Gallegher. — Com um sorrisinho satisfeito e enigmático, Helen dirigiu sua atenção à Autumn.

— É — respondeu Autumn naquele silêncio horrível. — Tia

Tabby dá muita importância à comida.

— Tia Tabby? — A gargalhada gostosa de Julia enfrentou a tensão e venceu-a. O ar instantaneamente ficou mais leve. — Mas que nome maravilhoso! Você sabia que Autumn tinha uma tia Tabby, Lucas? — E olhou-o diretamente nos olhos.

Autumn lembrou-se imediatamente de um filme no qual Julia representava uma mulher ingênua com perfeição.

— Lucas e eu não nos conhecíamos o suficiente para falar sobre parentes. — A voz de Autumn saiu clara e descuidada, o que a

deixou muito feliz. Quase tanto quanto o franzir do sobrecenho de Lucas, praticamente imperceptível.

— Na verdade — replicou ele, recuperando-se rapidamente —, estávamos muito ocupados para discutir nossas árvores genealógicas. — E enviou-lhe um sorriso que quase derrubou suas defesas. O pulso de Autumn disparou. — Sobre o que conversávamos naquela época, gata?

— Esqueci — murmurou, sabendo que tinha perdido o controle, antes mesmo de conseguir mantê-lo. — Isso foi há muito tempo.

Nesse momento, tia Tabby entrou

na sala com sua torta maravilhosa.

Havia música no aparelho de som e um fogo brando crepitava na lareira quando voltaram ao salão. A cena, se Autumn a tivesse capturado em um filme, seria de uma camaradagem relaxada. Steve e Robert jogavam xadrez enquanto Jane via uma revista com seu ar descontente de sempre. Mesmo sem ter um olhar de fotógrafo, para cores, Autumn sabia que aquela mulher jamais deveria usar marrom. E teve quase certeza de que Jane usava sempre essa cor.

Lucas esparramou-se no sofá. De alguma forma, ele sempre conseguia

relaxar de modo negligente sem parecer desleixado; podia-se sempre perceber que estava alerta, que havia uma energia percorrendo seu corpo pouco abaixo da superfície. Autumn sabia que ele observava as pessoas sem ser óbvio — não que se importasse que ficassem desconcertados, não ligava a mínima —, simplesmente era algo que ele conseguia fazer. E enquanto observava-as, descobria seus segredos. Escritor obsessivo, buscava seus personagens em carne e osso. Sem a menor piedade, Autumn lembrou-se.

Naquele momento, parecia estar

satisfeito com a conversa com Julia e Jacques. Estavam sentados a seu lado no sofá e conversavam com aquela facilidade que vem da familiaridade; pertenciam ao mesmo mundo.

Mas esse não é o meu mundo, Autumn recordou-se. Só fingi ser por algum tempo. Só fingi que ele era meu por algum tempo. Estava certa quando disse a Lucas que tinha crescido. Jogos de faz de conta eram para crianças.

Mesmo assim, pensou Autumn quando se recostou na cadeira e observou, havia algum jogo acontecendo ali. Havia certo

desconforto imposto naquele quadro doméstico. Sempre ligada nos contrastes, podia perceber, sentir. *Eles não estão me deixando conhecer as regras*, pensou, e sentiu-se agradecida. Não queria mesmo jogar. Desculpando-se com ninguém em particular, Autumn escapuliu da sala para ir ver a tia.

Qualquer que fosse a tensão sentida por ela, evaporou-se no momento em que entrou no quarto da tia.

— Ah, Autumn. — Tia Tabby tirou os óculos e deixou que pendessem de uma corrente que trazia no pescoço. — Estava lendo

uma carta de sua mãe. Tinha esquecido que estava aqui, até há pouco. Ela diz que quando eu a estivesse lendo, você estaria aqui. E você está aqui. — Sorrindo, fez um carinho na mão de Autumn. — Debbie sempre foi tão inteligente. Gostou do bife de caçarola, querida?

— Estava delicioso, tia Tabby, obrigada.

— Vou fazer uma vez por semana enquanto você estiver conosco.

Autumn sorriu e pensou em como gostava de espaguete. Provavelmente Paul come espaguete quando vem aqui, pensou.

— Vou anotar isso, se não esqueço completamente.

Autumn lembrou-se que as famosas anotações de tia Tabby possuíam a capacidade de desaparecer em outra dimensão, o que a fez sentir-se aliviada.

— Onde estão meus óculos?— tia Tabby murmurou, erguendo sua sobrancelha ao máximo. Levantou-se e foi procurar na escrivaninha, revirando papéis e olhando sob os livros. — Nunca estão onde eu os deixo.

Autumn levantou os óculos que pendiam sobre o busto de sua tia e recolocou-os em seu nariz. Depois

de piscar por um instante, tia Tabby sorriu, daquele seu jeito vago.

— Não é estranho? — comentou. — Estavam aí o tempo todo. Você é tão inteligente quanto sua mãe.

Autumn não resistiu e deu-lhe um abraço de estalar os ossos.

— Tia Tabby, eu te adoro!

— Você sempre foi uma criança tão meiga. — Fez um carinho no rosto de Autumn e depois afastou-se, deixando o perfume de lavanda no ar. — Espero que goste da surpresa.

— Tenho certeza de que vou gostar.

— Você ainda não viu? — E apertou sua boquinha, pensativa. —

Não, estou certa de que ainda não lhe mostrei, então não pode saber se vai gostar. Você e a srta. Bond conversaram bastante? É uma moça encantadora. Acho que trabalha no mundo artístico.

O sorriso de Autumn cresceu ainda mais. *Não há ninguém*, pensou, *absolutamente ninguém como tia Tabby*.

— É, acho que sim. Eu sempre a admirei.

— Ah, você já a conhecia? — tia Tabby perguntou de modo distraído, enquanto embaralhava as coisas da escrivaninha, colocando os papéis em sua ordem peculiar. — Acho que

vou mostrar para você agora, enquanto ainda estou me lembrando.

Autumn tentava acompanhar os processos do pensamento da tia, mas já fazia um ano desde a última visita e estava enferrujada.

— Mostrar o quê, tia Tabby?

— Ora, ora, não seria uma surpresa se eu lhe dissesse, seria? — Em um tom brincalhão, colocou o dedo sob o nariz da sobrinha. — Seja paciente e venha comigo. — Dizendo isso, saiu rapidamente do quarto.

Autumn seguiu-a, deduzindo que ainda estariam discutindo a surpresa. Teve que diminuir o passo

para acompanhar o da tia. Autumn geralmente movia-se com passos largos, resultado do comprimento e da agilidade de suas pernas, enquanto a tia movia-se sem ritmo nenhum. Como um coelho, Autumn pensou, que corre para a estrada e depois não consegue decidir para que lado quer ir. Enquanto caminhavam, tia Tabby murmurava sobre a roupa de cama. E os pensamentos de Autumn voavam irresistivelmente para Lucas.

— Pronto, chegamos. — E tia Tabby parou, sorrindo em alegre expectativa para a porta. Aquela porta, segundo Autumn se lembrava,

dava para uma sala de espera, há muito tempo abandonada e convertida em um depósito. Era um ótimo local para produtos de limpeza, já que ficava ao lado da cozinha. — Bem — disse tia Tabby com os olhos brilhando —, o que você acha?

Procurando o comentário adequado, Autumn percebeu que a surpresa deveria estar ali dentro.

— Minha surpresa está aí dentro, tia Tabby?

— Sim, é claro, que bobagem minha. — Estalou a língua. — E você não vai saber até abrir a porta.

Com essa lógica indiscutível,

abriu-a.

Quando as luzes foram acesas, Autumn ficou atônita. Onde esperava encontrar esfregões, vassouras e baldes, estava um quarto escuro completamente equipado para revelação de filmes. Cada detalhe, cada peça que seria usada, encontrava-se arrumado e em ordem à sua frente. Sentiu que sua voz tinha ficado do lado de fora da porta.

— O que você achou? — tia Tabby perguntou. Percorreu lentamente todo o aposento, parando de vez em quando para examinar as garrafas de fluido revelador, pinças e bandejas. — Tudo parece tão

técnico e científico para mim. — A observação fez com que franzisse a testa e sacudisse a cabeça. — Não consigo compreender nada disso.

— Ah, tia Tabby. — Finalmente a voz de Autumn voltou a pertencer a seu corpo. — Não deveria ter feito isto.

— Minha querida, há alguma coisa errada? Nelson me disse que você mesma revelava seus filmes e a empresa que trouxe todas estas coisas me garantiu que estava tudo correto. Mas é claro que... — Parou de falar, em dúvida. — Eu não entendo mesmo nada disso.

Sua tia de repente parecia tão

triste que Autumn quase chorou de amor por ela.

— Não, tia Tabby, está perfeito, está maravilhoso. — Envolveu aquele corpinho macio em seus braços. — Quis dizer que você não deveria ter feito tudo isso para mim. Todo esse trabalho... e a despesa...

— Ah, é só isso? — tia Tabby interrompeu e o desapontamento desapareceu como por encanto enquanto percorria novamente a sala. — Ora, não foi trabalho algum. Aqueles homens muito delicados vieram e fizeram o trabalho todo. Quanto à despesa, bem... — Encolheu os ombros roliços. —

Prefiro ver você desfrutando meu dinheiro agora do que depois que eu estiver morta.

Às vezes, Autumn pensou, aquele cerebrozinho confuso conseguia pensar nas coisas mais brilhantes.

— Tia Tabby. — Autumn segurou o rosto da tia entre as mãos. — Nunca tive uma surpresa tão maravilhosa. Obrigada.

— Espero que se divirta aqui. — As bochechas de tia Tabby ficaram rosadas de satisfação quando Autumn beijou-as, e olhou para os líquidos químicos e bandejas novamente. — Suponho que você não vai explodir nada aqui.

Sabendo não se tratar de brincadeira e que a tia estava realmente preocupada com explosões naquele seu modo distraído, Autumn garantiu-lhe que isso não aconteceria. Satisfeita, tia Tabby saiu apressada do quarto, deixando que Autumn o explorasse à vontade.

Durante mais de uma hora Autumn ficou absorvida naquilo que conhecia tão bem. A fotografia, que começara como um hobby quando ainda era criança, tornou-se seu prazer e sua profissão. As substâncias químicas e equipamentos complicados não eram

estranhos para ela. Ali, em um quarto escuro, ou com uma câmera nas mãos, sabia exatamente quem era e o que queria. Na fotografia ela aprendera a manter o controle — o mesmo controle que sabia que precisava empregar sobre seus pensamentos acerca de Lucas. Não era mais uma menina de olhos deslumbrados, pronta para seguir o estalar de um dedo. Era uma profissional, com uma reputação crescente em seu meio. Teria que se agarrar a esse pensamento agora, como tivera de fazer a três anos. Jamais poderia voltar ao passado.

Alegremente cansada, depois de

ter arrumado a sala escura a seu modo, Autumn dirigiu-se para a cozinha a fim de preparar para si mesma uma solitária xícara de chá. A lua estava redonda e branca, com um fiapo de nuvem sobre ela. Inesperadamente, um arrepio percorreu-lhe o corpo, rápido e assustador. A estranha sensação que sentira tantas vezes naquela noite tinha voltado. Franziu a testa. Imaginação? Autumn conhecia-se o suficiente para saber que poderia ser isso. Fazia parte de sua arte. Mas aquilo era diferente.

Descobrir que Lucas estava no hotel mexera com seus sentidos e

suas emoções vieram à tona. Decidiu então que era apenas isso que estava errado. A tensão que sentira mais cedo era sua própria tensão; a agitação, sua própria agitação. Despejando o resto do chá na pia, decidiu que o que ela precisava era de uma boa noite de sono. E sem sonhos, ordenou-se com firmeza. Já tivera sua cota de sonhos há três anos.

Agora a casa estava quieta. O luar penetrava na sala, deixando os cantos nas sombras. O lounge estava vazio, mas, ao atravessá-lo Autumn ouviu vozes sussurrando. Hesitou por um momento, pensando se

deveria parar um instante para dizer boa-noite, mas então detectou que não se tratava de uma conversa, e sim de uma discussão. Havia raiva nas vozes apressadas e sem gênero. As palavras que não conseguia distinguir eram rápidas e passionais. Passou rapidamente, para não ouvir a discussão particular. Um xingamento saiu em tom mais elevado, bastante nervoso, mas em francês elegante.

Subindo as escadas, Autumn não conteve um sorriso, Jacques, concluiu, possivelmente estaria perdendo a paciência com o jeito mimado artístico de Lucas. E, por

motivos exclusivamente maldosos, desejou, no fundo de sua alma, que o francês estivesse lhe dando uma lição.

Mas foi somente quando se achava no meio do corredor que levava a seu quarto que Autumn percebeu estar errada. Nem mesmo Lucas McLean poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo. E, definitivamente, ele estava ali. Na porta de outro quarto, Lucas estava atado a Julia Bond em um abraço apertado.

Autumn sabia como eram seus braços, qual era o gosto de sua boca. Lembrava-se de tudo,

completamente, como se nem um ano tivesse se passado para amortecer as sensações. Sabia como aquela mão subiria pelas costas para chegar ao pescoço. E que seus dedos não seriam gentis. Não, não existiam carinhos gentis para Lucas.

Não precisava preocupar-se em não ser vista. Tanto Lucas quanto Julia estavam concentrados um no outro completamente. Autumn tinha certeza de que o teto poderia cair sobre eles que continuariam parados e entrelaçados. A dor voltou, odiosa, a todo vapor.

Passou rapidamente pelos dois e deu vazão ao ciúme doentio e

indesejado batendo violentamente sua porta.

CAPÍTULO 3

A FLORESTA ESTAVA FRESCA pela manhã. Transmitia uma tranquilidade cheia de odores picantes e do canto dos pássaros. Do lado leste, o céu estava cheio de fiapos de nuvens brancas. Sendo otimista, Autumn preferiu acreditar nelas e ignorar o céu escuro e ameaçador que se encontrava a oeste. Contornos vermelhos ainda

coroavam os picos das montanhas. Suavemente, a cor foi mudando para rosa até chegar ao azul.

A luz estava boa, filtrando-se através das nuvens brancas e iluminando a floresta. As folhagens ainda não estavam suficientemente desenvolvidas para tapar a luz do sol, apenas tocando o alto das árvores com pontos verdes. A brisa, às vezes forte, curvava os galhos e agitava os cabelos de Autumn. Ela sentia o cheiro da primavera.

Violetas selvagens surgiam inesperadamente, com sua cor púrpura dramática contra o musgo. Ela viu o primeiro pintarroxo,

marchando imponente sobre o solo, à procura de minhocas. Os esquilos subiam e desciam das árvores e mergulhavam nas folhas caídas do ano anterior.

Autumn pretendera caminhar até o lago, esperando encontrar um veado tomando seu banho matinal, mas quando sua câmera insistiu em colocar-se diante de seu rosto tantas vezes, ela não resistiu. Continuou caminhando, feliz na solidão e em sintonia com a natureza.

Em Nova York, ela nunca se sentia só — sozinha, às vezes, mas não solitária. A cidade invadia sua privacidade. Agora, abrigada pelas

montanhas e árvores, percebeu o quanto precisava sentir-se sozinha para recarregar-se. Desde que deixara a Califórnia e Lucas, Autumn nunca se permitira um tempo sozinha. Existia um vácuo a ser preenchido, e ela o preenchia com gente, com trabalho, com barulho — qualquer coisa que mantivesse sua mente ocupada. Usava o ritmo da cidade. Aquilo tinha sido necessário. Agora, precisava da paz das montanhas.

À distância, as águas do lago murmurejavam. Os reflexos das montanhas e das árvores que o cercavam espelhavam-se na água,

invertidos e esfumaçados. Não havia nenhum veado, mas quando se aproximou mais, Autumn divisou duas figuras do lado oposto. O penhasco onde se encontrava ficava a uns 16 metros acima do pequeno vale onde havia o lago. A vista era espetacular.

O lago estendia-se como um braço de uns cem metros de comprimento por uns 13 de largura. A brisa que acariciava os cabelos de Autumn não atingia a água; sua superfície era clara e parada. A água opaca gradativamente escurecia quando se aproximava do centro, avisando da profundidade perigosa.

Autumn esqueceu-se das pessoas que vira andando em torno do lago, sua mente totalmente ocupada com ângulos e profundidades de campo e da velocidade que deveria usar. A distância era grande demais para que ela visse quem eram, mesmo que estivesse interessada.

O sol continuou a subir, e Autumn sentiu-se contente. Só parava para trocar o filme. Quando substituía o rolo, percebeu que o lago agora estava deserto. A luz já não mais servia para o que ela queria, então começou lentamente a voltar para o hotel.

Desta vez, a calma da floresta

parecia diferente. O sol estava mais brilhante, mas ela sentiu uma inquietude estranha que não sentira na luz mais fraca do amanhecer. Infantilmente, olhou por cima do ombro, depois disse a si mesma que era uma boba. Quem poderia estar seguindo-a? E por quê? Mas a sensação persistia.

A serenidade tinha se evaporado. Autumn forçou-se a afastar um desejo impulsivo de sair correndo para o hotel, onde havia gente e cheiro de café fresco. Mas não era criança para sair correndo, pensando em ogros e gnomos. Para provar a si mesma que suas fantasias

não a tinham afetado, obrigou-se a parar e levar um tempo para tirar uma foto perfeita de um esquilo cooperativo. Um ruído fraco de folhas secas veio de trás dela e Autumn levantou-se de um salto, aterrorizada.

— Olá, gata, continua ligada numa câmera?

O sangue latejava em sua cabeça. Autumn olhava fixamente para Lucas, que estava com as mãos confortavelmente enfiadas nos bolsos dos jeans e continuava parado diretamente na frente dela. Por um momento, ela não conseguiu falar. O medo tinha sido agudo e

real.

— O que pretende, surgindo de repente às minhas costas desse jeito? — disse, quando conseguiu recuperar a voz, que saiu furiosa. Estava aborrecida por ter sido tola o suficiente para se assustar, e zangada por ter sido assustada logo por ele. Jogou os cabelos para trás e encarou-o.

— Estou vendo que, finalmente, você descobriu o temperamento que combina com seus cabelos — observou ele com a voz lânguida. Em seguida, atravessou a pequena distância que os separava e ficou mais próximo. Autumn agora tinha

amor-próprio e se recusou a afastar-se.

— É particularmente chato quando alguém estraga uma foto. — Era um jeito simples de explicar sua reação, como tendo sido causada pela interferência em seu trabalho. Não daria prazer a Lucas, confessando seu medo.

— Você está um pouco agitada, gata. — O demônio poderia tomar aulas de sorriso maligno com Lucas McLean, ela pensou amargamente. — Eu deixo você nervosa?

Os cabelos escuros encaracolavam-se confusamente em torno do rosto liso, os olhos eram

escuros e confiantes. E era exatamente essa confiança, Autumn pensou, que ela mais odiava nele.

— Não seja tão convencido — devolveu. — Não me lembrava de que você gostava de caminhar de manhã, Lucas. Desenvolveu um amor pela natureza?

— Sempre gostei da natureza. — Ele estudava-a com olhos profundos e poderosos, enquanto a boca curvava-se em um sorriso. — Sempre gostei de fazer piqueniques.

A dor voltou, uma dor aguda na boca do estômago. Ainda lembrava-se da sensação da areia sob suas pernas, do gosto ácido do vinho em

sua língua e do cheiro do mar por toda parte. Esforçou-se para manter o olhar firme no dele.

— Deixei de gostar de piqueniques. — Ela girou e recomeçou a andar, mas ele apressou-se para manter o passo ao lado dela. — Ainda não estou voltando para casa — informou-lhe. O gelo em sua voz teria desencorajado qualquer outro. Parando, tirou uma foto de um pássaro azul.

— Não estou com pressa — respondeu ele calmamente. — Sempre gostei de vê-la trabalhar. É fascinante observar como você fica

concentrada. — Observou-lhe as costas, deixando que os olhos percorressem o comprimento dos cabelos. — Chego a acreditar que você poderia estar fotografando um rinoceronte vindo na sua direção e não se moveria um palmo até tirar a foto perfeita. — Houve uma ligeira pausa enquanto ela permanecia afastada dele. — Vi aquela foto que você tirou de um prédio incendiado em Nova York. Era fantástica. Forte, clara e desesperada.

Satisfeita com o elogio, Autumn virou-se e encarou-o. Ela sabia que Lucas não era generoso com elogios. *Forte, clara e desesperada*, pensou.

Ele escolhera as palavras perfeitamente. Não gostou de descobrir que a opinião dele ainda importava tanto.

— Obrigada. — Virou-se novamente de costas para ele para focalizar um grupo de árvores. — Ainda está tendo problemas com seu livro?

— Mais do que esperava — murmurou. Repentinamente ele segurou-lhe os cabelos entre as mãos. — Nunca pude resistir a eles, não é?

Ela continuou a dedicar sua atenção às árvores. Sua resposta foi um dar de ombros meio ausente, mas

fechou os olhos com força por um momento.

— Nunca vi outra mulher que tivesse cabelos como os seus. E como procurei, só Deus sabe, mas o tom é sempre errado, ou a textura, ou o comprimento. — A voz dele possuía um timbre sedutor. Autumn enrijeceu-se, tentando não pensar nisso. — Ele é único. Uma cascata de fogo ao sol, profunda e brilhantemente espalhada sobre um travesseiro.

— Você sempre teve um dom para a descrição. — E continuou ajustando a lente, sem a menor ideia do que estava fazendo. Sua voz

estava distante, ligeiramente entediada, enquanto rezava para ele ir embora. Em vez disso, ele segurou seus cabelos com mais força. E em um movimento rápido virou-a de frente para ele e retirou-lhe a câmera das mãos.

— Droga, não use esse tom comigo. Não vire as costas para mim. Nunca mais vire as costas para mim.

Ela ainda se lembrava muito bem daquela expressão zangada e do temperamento instável. Houve um tempo em que ela praticamente derretia-se quando ele falava daquele jeito. Porém, não mais,

pensou rapidamente. Não desta vez.

— Não aceito mais levar broncas atualmente, Lucas. — Sacudiu a cabeça, levantando o queixo. — Por que não guarda sua atenção para Julia? Eu não a quero mais.

— É isso, então. — O sorriso era leve e divertido, numa mudança repentina. — Era você. Não precisa ter ciúme, gata. Foi a moça quem tomou a iniciativa, não eu.

— Sim, percebi como você lutava bravamente para se libertar dela. — Lamentou o que disse no mesmo instante em que proferiu as palavras. Aborrecida, Autumn tentou afastar-se dele, mas foi puxada para mais

perto. Seu perfume mexia com seus sentidos e lembrava-lhe coisas que ela preferia esquecer — Escute, Lucas — falava lentamente, enquanto a raiva e a saudade cresciam dentro dela —, levei seis meses para perceber o cretino que você era e tive três anos para cimentar essa descoberta. Estou crescida agora, e não sou mais suscetível a seus encantos abundantes. Agora, tire essas mãos de mim e dê o fora.

— Aprendeu a morder bem, não foi, gata? — A expressão de seu rosto era mais divertida do que insultada, o que só aumentou a raiva

dela. Os olhos baixaram para os lábios dela, demoraram neles por um momento, depois levantaram-se. — Não é mais maleável mas, mesmo assim, você é fascinante.

Como suas palavras feriram-na mais do que ela pensava ser possível, começou a dizer-lhe todos os impropérios que lhe vinham à cabeça.

A gargalhada dele interrompeu-a como um tapa. Abandonando seus protestos verbais, Autumn começou a lutar com um ódio selvagem, furioso. Abruptamente, ele puxou seu corpo para junto do dele. Sua boca encontrou-se com a dela, com

um gosto de castigo e posse. O calor cegava-a.

O antigo e desesperado desejo voltou à superfície. Ela estivera faminta durante três anos, e agora toda aquela fome gritava em protesto. Não houve a menor hesitação quando seus braços enlaçaram o pescoço dele. Seus lábios abriram-se, ansiando por mais. A boca de Lucas era urgente e violenta. Mas a dor era um paraíso, enquanto ela pedia por mais. Seu sangue fluía novamente. Lucas beijou todo o rosto de Autumn, voltando em seguida para sua boca, com novas exigências. Autumn

concedeu e queria ainda mais. O tempo correu para trás e depois para a frente novamente, antes que ele levantasse a cabeça.

Seus olhos estavam incrivelmente escuros, opacos de uma paixão que ela conhecia muito bem. Pela primeira vez, ela sentiu o leve palpitar onde suas mãos a seguravam, passando em seguida a um carinho. O gosto dele derramou-se em seus lábios.

— Ainda me quer, gata. — murmurou Lucas. Com familiaridade, mergulhou os dedos em seus cabelos. — Ainda me quer.

Imediatamente, a mágoa e a

humilhação a dominaram. Afastou-se decididamente, empurrando-o com uma das mãos. Ele agarrou seu punho e ela, frustrada, tentou afastá-lo com a outra mão. Mas os reflexos dele eram aguçados e ela não conseguiu seu intento. Presa pelos dois punhos, só conseguia se contorcer, quase sem fôlego. As lágrimas queimavam a garganta, mas ela não permitiu que saíssem. *Ele não vai me fazer chorar*, tinha jurado com fervor. *Ele nunca mais vai me ver chorando*.

Em silêncio, Lucas observava enquanto ela lutava para recuperar o controle. Não havia nenhum outro

som na floresta, a não ser os gemidos de Autumn. Quando conseguiu falar, sua voz sai dura e fria.

— Existe uma diferença entre amor e desejo, Lucas. Até mesmo você deveria conseguir ver a diferença entre um e outro. O que existe agora pode ser o mesmo para você, mas não para mim. Eu amei você. Eu amei você. — As palavras, repetidas, eram uma acusação. As sobrancelhas dele juntaram-se enquanto seu olhar tomava-se mais intenso. —Você recebeu tudo um dia; meu amor, minha inocência, meu orgulho, depois, jogou tudo de volta

na minha cara. Não pode tê-los de volta. O primeiro morreu, a segunda acabou e o terceiro pertence a mim.

Durante um momento, ambos ficaram imóveis. Lentamente, sem tirar os olhos dos dela, Lucas soltou-a. Não disse nada e sua expressão também não demonstrava nada. Recusando-se a correr dele pela segunda vez, Autumn virou-se e afastou-se a passos normais. Só quando teve a certeza de que ele não a estava seguindo permitiu que as lágrimas saíssem livremente. Suas declarações sobre orgulho e inocência tinham sido verdadeiras. Mas o amor estava longe de estar

morto. Estava vivo, e doía.

Quando divisou os tijolos vermelhos do hotel, Autumn enxugou as lágrimas. Não iria lamentar o que tinha acabado. Amar Lucas não mudaria nada, como não mudara há três anos. Mas ela mudara. Ele não a encontraria mais chorando, frágil e — como ele mesmo dissera — maleável.

A desilusão dera-lhe forças. Ele ainda poderia magoá-la. Percebera isso rapidamente. Mas não conseguiria mais manipulá-la, como fizera em outra época. Mesmo assim, o encontro com ele deixara-a tremendo, e não gostou nada quando

viu que Helen aproximava-se vindo de uma alameda à direita.

Seria impossível, sem ser absolutamente rude, que Autumn mudasse seu caminho e a evitasse. Em vez disso, colou um sorriso no rosto. Quando Helen virou a cabeça, Autumn percebeu um hematoma nítido sob o olho. O sorriso desapareceu, substituído por uma expressão sincera de preocupação.

— O que aconteceu? — O ferimento parecia doloroso e despertou a simpatia de Autumn.

— Esbarrei em um galho. — Helen levantou os ombros enquanto levantava os dedos para tocar o

ferimento. — Preciso ter mais cuidado no futuro.

Talvez o turbilhão enfrentado por Autumn com Lucas fizesse com que ela detectasse alguma sombra oculta no significado daquelas palavras, mas Helen parecia querer dizer mais do que tinha dito. Com certeza, os olhos que se encontraram com os de Autumn estavam tão vermelhos e zangados quanto o ferimento. E Autumn percebeu que a marca em si lembrava mais o contato com uma violenta mão do que com um galho afiado. Afastou o pensamento. Quem teria agredido Helen? — perguntou-se. E por que ela esconderia a

violência? Sua falta de cuidado fazia mais sentido.

— Isso parece sério — comentou Autumn enquanto aproximavam-se do hotel. — É preciso fazer algo. Tia Tabby deve ter alguma coisa para aliviar o machucado.

— Ah, pretendo cuidar disso — disse Helen, e em seguida sorriu para Autumn com seu olhar áspero. — Sei o que fazer. Saiu cedo para tirar fotos? — perguntou, enquanto Autumn procurava ignorar o desconforto que as palavras provocaram. —Sempre achei que as pessoas fossem mais interessantes que as árvores. Gosto especialmente

de fotos simples. — Helen começou a rir de alguma piada particular. Era a primeira vez que Autumn a ouvia rir e não pôde deixar de pensar como o som combinava com o sorriso dela. Ambos eram desagradáveis.

— Esteve no lago mais cedo? — Autumn lembrou-se das duas figuras que tinha visto. Para sua surpresa, o riso de Helen parou abruptamente e seus olhos ficaram mais duros.

— Você viu alguém?

— Não — começou, confusa pela aspereza da pergunta. — Não exatamente. Vi duas pessoas no lago, mas eu estava longe demais para ver

quem eram. Eu estava tirando fotos do alto do penhasco.

— Tirando fotos. — Helen repetiu. Enrugou a boca, como se estivesse considerando alguma coisa muito seriamente. E, novamente, começou a rir com aquele som horroroso.

— Ora, ora, quanto bom humor, para gente tão madrugadora! —Julia descia os degraus da entrada. Levantou a sobrancelha quando viu o rosto de Helen. Autumn perguntou-se se o tremor que vira nela seria real ou afetado. — Meu Deus do céu, o que aconteceu com você?

A alegria de Helen parecia ter

desaparecido. Olhou rapidamente para Julia e, em seguida, levou o dedo ao ferimento novamente.

— Esbarrei em um galho — murmurou, antes de subir rapidamente os degraus e entrar no hotel.

— Parece mais um soco — comentou Julia, e sorriu. Com um gesto de desinteresse, esqueceu-se de Helen e virou-se para Autumn. — O chamado das selvas também atraiu você? Parece que todo mundo está passeando pelas florestas e montanhas à luz matinal, menos eu. É tão difícil continuar sã quando todos à sua volta parecem ter

enlouquecido.

Autumn foi obrigada a sorrir. Julia parecia um raio de sol. Contrastando com seus jeans e jaqueta desbotados, Julia usava delicadas calças cor-de-rosa e uma fina blusa de seda estampada com rosas. Suas sandálias brancas não durariam nem cinquenta passos na floresta. O ressentimento que sentira pela atriz por atrair Lucas desapareceu ante seu carinho explícito.

— Algumas pessoas — observou Autumn, em resposta — diriam que você é preguiçosa.

— Absolutamente — concordou

Julia, com um aceno afirmativo de cabeça e um sorriso. — Quando não estou trabalhando, me recolho em meu casulo, e se não volto a funcionar logo, até meu sangue para de correr. — Olhou curiosamente para Autumn. — Parece que você também esbarrou em um galho bem grande.

O rosto de Autumn tornou-se confuso por um breve instante. Os olhos de Julia, descobriu, eram muito observadores. Os traços das lágrimas não tinham se evaporado tão completamente quanto Autumn havia desejado. Sem saída, levantou os ombros.

— Vou me curar logo.

— Criança valente. Venha, conte tudo para a mamãe. — Os olhos de Julia demonstravam simpatia, contrastando com a agudeza das palavras. Passando o braço sob o de Julia, começaram a andar pelo gramado.

— Julia... — Autumn sacudiu a cabeça. Os sentimentos eram coisas particulares. Tinha quebrado essa regra com Lucas, mas não estava certa se deveria fazê-lo novamente.

— Autumn. — A recusa foi interrompida com firmeza. — Você precisa falar. Você pode pensar que não está parecendo agitada, mas

está. —Julia suspirou delicadamente. — Não sei por que passei a gostar tanto de você; está completamente fora de meus princípios. Mulheres bonitas tendem a evitar ou a detestar outras mulheres bonitas, especialmente as mais jovens.

A declaração deixou Autumn completamente sem fala. A ideia de que a sofisticada, incomparável Julia Bond se colocasse no mesmo nível físico que o dela parecia absurda. Uma coisa era ouvir a atriz falar casualmente de sua própria beleza, outra bem diferente era ouvi-la falar da de Autumn. A voz de

Julia interrompeu o silêncio.

— Talvez seja a exposição àquelas outras duas mulheres... uma tão burra e a outra tão desagradável... mas desenvolvi um afeto por você. — A brisa agitou seus cabelos, levantando-os de forma que os raios de sol penetraram nos fios. Um pouco distraída, Julia passou uma mecha por trás da orelha. No lóbulo, um diamante brilhou. Autumn pensou que parecia absurdo as duas estarem andando de braços dados entre os narcisos da tia. — Você também é uma pessoa gentil — continuou Julia. — Não conheço muitas

pessoas gentis. — Virou-se para Autumn, e então o perfil exótico transformou-se em todo um rosto exótico. — Autumn, minha querida, sempre sou intrometida, mas também sei guardar segredo.

— Ainda estou apaixonada por ele — explodiu Autumn, suspirando profundamente depois da confidência. E antes que percebesse, as palavras saíam de sua boca aos montes. Não deixou de dizer nada, do princípio ao fim, ao novo começo, quando ele voltara a entrar em sua vida no dia anterior. Contou tudo para Julia. Desde o momento em que começou a falar, não foi

preciso nenhum esforço para continuar. Não precisava pensar, só sentir, e Julia escutava. Sua maneira de ouvir era tão perfeita que Autumn chegou a esquecer que ela estava ali.

— O monstro — disse Julia, mas sem maldade. — Você vai descobrir que os homens, essas criaturas maravilhosas, são todos uns monstros.

Quem era Autumn para discutir com uma especialista? Depois, quando caminharam em silêncio, percebeu que se sentia melhor. A raiva tinha passado.

— O problema principal é que, naturalmente, você ainda é louca por

ele. Não que eu a culpe — acrescentou Julia, quando Autumn emitiu um pequeno ruído de tristeza. — Lucas é um homem e tanto. Tive uma pequena amostra ontem à noite e fiquei impressionada. — Julia falou tão naturalmente da paixão que Autumn presenciara que era impossível ficar zangada. — Lucas é um homem talentoso — continuou. Por seu sorriso, Autumn soube que Julia entendia muito bem o que se passava no interior dela. — É também arrogante, egoísta e acostumado a ser obedecido. É fácil, para mim, perceber isso, porque também sou assim. Somos

parecidos. Duvido muito que conseguíssemos ter ao menos um casinho agradável. Estaríamos enfiando as garras um no outro antes que a cama desmoronasse.

Autumn não encontrou resposta para a imagem sugerida e simplesmente continuou andando.

— Jacques é mais o meu tipo — disse Julia. — Mas a atenção dele está presa em outra pessoa. — Dizendo isso, franziu o cenho e Autumn pressentiu que seus pensamentos estavam em um lugar muito diferente. — De qualquer maneira —Julia fez um gesto de impaciência —, você só tem que

decidir o que quer. É óbvio que Lucas quer você de volta, pelo menos pelo tempo que lhe convier.

Autumn tentou ignorar a espetada de honestidade e continuou ouvindo.

— Sabendo disso, você pode desfrutar de um relacionamento estimulante com ele, mas de olhos bem abertos.

— Não posso fazer isso, Julia. Saber das coisas não vai impedir o sofrimento. Não estou certa se consigo sobreviver a outro... relacionamento com Lucas. E ele saberia que continuo apaixonada por ele. — Repentinamente, como que num *flash*, a cena de despedida dos

dois, três anos antes, veio à sua mente. — Não vou ser humilhada de novo. A única coisa que me resta, que não pertence a ele, é o meu orgulho.

— Amor e orgulho não combinam — disse Julia, dando um tapinha na mão de Autumn. — Pois, então, você vai ter que armar uma barricada em torno de você, para enfrentar o ataque. E vou interferir por você.

— E como vai fazer isso?

— Querida! — disse, e levantou a sobrancelha, enquanto seu sorriso de gata formava-se em seus lábios.

Autumn teve que rir. Aquilo tudo parecia tão absurdo. Levantou o

rosto para o céu. As nuvens negras estavam ganhando, afinal, e por um momento, bloquearam o sol e o calor.

— Parece que vai chover.

Seu olhar dirigiu-se novamente para o hotel. As janelas estavam escuras e vazias. A luz do sol que ainda esforçava-se para aparecer caía sombriamente sobre os tijolos e transformava o portão e as cortinas brancas em cinza. Por trás do prédio, o céu parecia de ardósia cinzenta azulada. As montanhas não tinham cor e pareciam opressivas. Sentiu uma espécie de ardor na nuca. Para sua própria surpresa, Autumn

descobriu que não queria entrar na casa.

Quase tão rapidamente quanto chegaram, as nuvens dispersaram-se, deixando o sol passar pela abertura. As janelas brilharam com a luz. As sombras desapareceram. Censurando-se por mais uma vez deixar-se levar pela fantasia, Autumn dirigiu-se para o hotel com Julia.

Somente Jacques juntou-se a elas para o café da manhã. Helen não apareceu e Steve e os Spicers, aparentemente, ainda estavam caminhando. Autumn forçou-se a não pensar em Lucas. Seu apetite, como

sempre, era enorme. Serviu-se de uma boa porção de bacon com ovos, café e *muffins*, enquanto Julia mordiscava uma torradinha, olhando com inveja para o prato de Autumn.

Jacques parecia preocupado. Seu encanto custava-lhe um esforço visível. A lembrança da discussão abafada no lounge surgiu na mente de Autumn. Especulava, ao acaso, com quem ele poderia estar zangado. Pensando bem no assunto, o caso parecia-lhe extremamente estranho. Jacques LeFarre não lhe parecia um homem que discutisse com uma pessoa totalmente estranha, pois, como Autumn sabia, tanto Lucas

quanto Julia estiveram ocupados com outra coisa.

Parecendo totalmente à vontade, Juba discutiu sobre um amigo em comum na indústria. Mas ela é uma atriz, Autumn lembrou-se. E muito boa. Poderia muito bem saber a causa da animosidade da noite anterior e não demonstrar nem um sinal. Jacques, no entanto, não era ator. A angústia estava em seu rosto; a raiva transparecia bem sob a superfície do seu encanto polido. Autumn pensou no assunto durante toda a refeição, depois afastou-o de seus pensamentos, quando saiu para procurar a tia. Afinal de contas,

pensou, não era mesmo de sua conta.

Tia Tabby estava, como Autumn sabia que estaria, discutindo com Nancy, a cozinheira, sobre o cardápio do dia. Autumn manteve silêncio, preferindo não tocar no assunto. Parecia que Nancy planejara fazer frango, enquanto tia Tabby tinha certeza de haviam decidido fazer carne de porco. Enquanto as duas discutiam, Autumn serviu-se de mais uma xícara de café, e pela janela ainda via as nuvens espessas e pesadas continuando seu caminho vindas do oeste.

— Ah, Autumn, passeou bastante?

— Quando se virou, Autumn viu o sorriso da tia em sua direção. — Que manhã tão linda. Que pena que vai chover. Mas é bom para as flores, não é? Aquelas coisinhas lindas. Você dormiu bem?

Depois de uns instantes, Autumn decidiu responder somente a última pergunta. Não adiantaria nada confundir a tia.

— Maravilhosamente, tia Tabby. Sempre durmo bem quando visito você.

— É o ar — replicou a tia. Seu rosto redondo iluminou-se de prazer. — Acho que vou fazer meu bolo de chocolate especial para esta noite.

Isso vai compensar a chuva.

— Ainda tem café quente, tia Tabby? — Lucas entrou na cozinha como se dissesse aquilo naturalmente todos os dias. Como sempre, quando ele entrou, o ar ficou carregado. Autumn podia aceitar esse fenômeno. O uso íntimo do apelido de sua tia era-lhe mais insuportável.

— Claro, querido, pode se servir. — Tia Tabby fez um gesto vago na direção do fogão, com o pensamento ainda no bolo.

A confusão de Autumn aumentou quando Lucas dirigiu-se diretamente para o armário certo, tirou uma

xícara e serviu café como se estivesse em casa.

Tomou o café recostado no aparador. Os olhos que se encontraram com os de Autumn estavam tranquilos. Todos os traços de raiva e paixão haviam desaparecido, como se nunca tivessem existido. As sobrancelhas espessas e pretas levantaram-se quando ela continuou olhando-o. E o sorriso diabólico surgiu em sua boca.

— Ah, essa é sua câmera, querida? — A voz de tia Tabby interrompeu os pensamentos de Autumn, que baixou os olhos.

A câmera ainda estava pendurada no pescoço. Fazia tanto parte dela que chegava a esquecer que estava ali.

— Nossa, quantos números! Parece muito complicado. — Tia Tabby examinou-a com os olhos semicerrados, esquecendo-se completamente dos óculos que estavam pendurados no peito.

— Eu tenho uma muito boa, Autumn. Pode usar quando quiser.

— Depois de examinar com suspeita mais uma vez a Nikon, sorriu e disse: — É só apertar um botãozinho vermelho e a foto fica pronta na hora. A gente vê se cortou

a cabeça de alguém ou se colocou o polegar na frente e pode tirar outra logo. E também não é preciso ficar naquele estúdio escuro. Não sei como consegue ver o que está fazendo lá dentro. — Suas sobrancelhas aproximaram-se e ela levou um dedo à bochecha. — Estou quase certa de que posso encontrar.

Autumn sorriu. Teve o impulso de abraçar sua tia novamente. Por cima daquela cabecinha cinzenta, viu que Lucas também estava sorrindo. E era aquele sorriso caloroso, natural, que raramente surgia em seu rosto. Por um momento, ela descobriu que poderia sorrir de volta para ele sem

sentir dor.

CAPÍTULO 4

QUANDO A CHUVA caiu, não começou com os pingos lentos comuns às chuvas de abril. O céu tornou-se cinzento e o lounge ficou escuro. Todos voltaram e o hotel ficou novamente cheio daquele estranho grupo de hóspedes.

Steve, ampliando seu papel de *bartender*, foi para a cozinha buscar café para todos. Robert Spicer

envolvera Jacques no que parecia ser uma explicação técnica de uma cirurgia de coração aberto. Durante essa conversa, Julia postou-se ao lado dele, presa a cada palavra — ou, pelo menos, fingindo estar. Autumn percebeu tudo. De vez em quando, Julia enviava mensagens para ela através de seus extraordinários olhos. Divertia-se imensamente.

Jane estava mergulhada em um livro que Autumn tinha certeza de estar repleto de cenas de sexo explícito. Mais uma vez, usava um traje marrom, calça e um suéter. Helen, com seu hematoma agora bem

visível, fumava silenciosamente em longas e profundas tragadas. Ela fazia Autumn lembrar-se da lagarta de *Alice no país das maravilhas*. Uma ou duas vezes, Autumn flagrou os olhos aguçados de Helen fixos nela. Seu sorriso especulativo deixou-a confusa e desconfortável.

Lucas não estava presente. Encontrava-se no andar superior, Autumn tinha certeza, escrevendo à máquina. Esperava que isso o mantivesse ocupado durante horas. Talvez até fizesse suas refeições no quarto.

Abruptamente, a luz opaca do exterior foi ofuscada com a

claridade de um raio. O calor desapareceu juntamente com ele. Autumn estremeceu, com uma aguda premonição de perigo. A sensação surpreendeu-a, já que as tempestades representavam um apelo primitivo para ela. Durante um breve instante, não houve qualquer som e, então, a chuva começou a cair como uma forte explosão. Com força e fúria instantâneas, batia contra as janelas, marcada por terríveis e apavorantes raios.

— Uma chuva de primavera nas montanhas — observou Steve. Parou um instante à porta, com uma bandeja equilibrada nas mãos. O

cheiro amigável do café entrou com ele.

— Parece mais um efeito especial. — retrucou Julia. Com um piscar dos longos cílios, aproximou-se de Robert. — As tempestades são tão apavorantes e tocantes. Eu fico louca para ser assustada.

Aquela frase saíra diretamente do filme *A noite de um longo verão*, Autumn reconheceu, divertida. Mas o médico parecia muito hipnotizado pelo olhar ingênuo de Julia para reconhecer a fala. Autumn segurou uma gargalhada. Quando Julia aproximou-se mais ainda dele e piscou para Autumn, esta teve que

levantar os olhos para o teto para conter o riso.

Jane não estava se divertindo. Autumn percebeu que ela não estava mais taciturna, porém, reprimindo alguma reação mais forte. Talvez ela afinal tivesse garras, pensou Autumn, e teria gostado mais dela se isso fosse verdade. Seria mais sábio, pensou enquanto Steve servia-lhe uma xícara de café, se Julia se concentrasse nele, em vez de no doutor.

— Com leite, sem açúcar, certo? — Steve sorriu para ela com seus olhos azuis, tão californianos.

Os lábios de Autumn curvaram-se

em resposta. Ele era um homem com a rara habilidade de fazer uma mulher sentir-se mimada sem ser paternal. Ela o admirava por isso.

— Certo, você tem uma memória melhor do que George. — Sorriu com os olhos para ele por cima da borda da xícara. — E também serve com muito estilo. Trabalha nisso há algum tempo?

— Só estou aqui para um treino — disse ele com um sorriso. — Por favor, não deixe de expor sua impressão para a gerência.

Os relâmpagos iluminaram a escuridão novamente. Jacques agitou-se na poltrona quando o

trovão rugiu e ecoou pela sala.

— Com essa tempestade, há chance de faltar luz? — dirigiu-se a Autumn.

— Sempre ficamos sem luz. — Sua resposta, acompanhada de um dar de ombros, causou reações variadas.

Julia achou a ideia maravilhosa — luz de velas dava um ar tão romântico... Naquele momento, Robert concordava completamente. Jacques parecia não ter preferência alguma. Levantou as mãos com um gesto francês, que indicava sua aceitação do destino.

Steve e Helen pareciam não

gostar muito da ideia, apesar dos comentários dele serem mais suaves que os dela. Ele só resmungou um pouco sobre as inconveniências, depois dirigiu-se para a janela para observar a torrente de vento e chuva. Helen ficou lívida.

— Eu não paguei tanto para ficar andando no escuro e comer refeições frias. — Acendendo outro cigarro com um gesto rápido e furioso, olhou com raiva para Autumn. — É intolerável que tenhamos de aguentar tanta ineficiência. Sua tia terá que dar um jeito nisso. De minha parte, posso afirmar que não vou pagar esses

preços ridículos para viver como uma desbravadora. — Sacudiu o cigarro, pronta para continuar seu discurso, mas Autumn interrompeu-a. Lançou-lhe um olhar frio e duro, o qual descobrira recentemente.

— Estou certa de que minha tia dará a devida atenção às suas queixas — disse, e deu-lhe ostensivamente as costas, fazendo com que os dardos lançados por Helen passassem por ela sem atingi-la. — Na realidade — disse para Jacques, percebendo o sorriso de aprovação —, temos um gerador. Meu tio era tão prático quanto tia Tabby é...

— Encantadora — complementou Steve, e tomou-se imediatamente seu amigo.

Depois de sorrir para ele, Autumn continuou:

— Se perdermos a energia central, podemos ligar o gerador e assim manter a força com muito pouca inconveniência.

— De qualquer maneira, vou levar umas velas para meu quarto — decidiu Julia. Sorriu para Robert sob os cílios semicerrados, enquanto ele acendia-lhe o cigarro.

— Julia deveria ser francesa — comentou Jacques. Seu bigode levantou-se nos cantos. — É uma

romântica incurável.

— Tanto romance assim — murmurou Helen — pode não ser muito sábio. —Varreu a sala com seu olhar, que pousou finalmente em Julia.

Diante do olhar surpreso de Autumn, Julia transformou-se de um anjo malicioso em uma dama severa.

— Sempre achei que somente os idiotas pensam que são sábios. — Feita a declaração, voltou a derreter-se em uma criatura celestial tão rapidamente que Autumn chegou a piscar de susto.

Vê-la representando na tela não era nada comparado com o

desempenho ao vivo. Autumn pensou que não fazia a menor ideia de que tipo de mulher seria a verdadeira Julia Bond — se realmente ela tivesse um lado real. Aquela ideia sugeriu-lhe que, na verdade, não sabia nada das pessoas daquela sala. Eram todos estranhos.

O ar continuava vibrando com aquele silêncio desconfortável quando Lucas entrou. Ele parecia não perceber a tensão existente entre eles. Perdida, os olhos de Autumn buscaram seus olhos. Ele dirigiu-se a ela, ignorando os outros, com modos nada cavalheirescos. O sorriso demoníaco encontrava-se em

seu rosto.

Ela sentiu um tremor quando não conseguiu impedir que a sala toda fosse se apagando, deixando somente ele em seu campo de visão. E o medo que sentia deve ter se refletido em seu rosto.

— Não vou morder você, gata — murmurou Lucas. Contra os sons violentos da tempestade, sua voz era baixa, somente audível por ela. — Ainda gosta de andar na chuva? — A pergunta não fazia sentido e não exigia uma resposta quando ele procurou seu rosto. — Lembro quando você gostava. — Ele parou, quando ela não respondeu. — Sua

tia enviou-lhe isto. — Lucas elevou a mão, e o olhar de Autumn desceu para ela. A tensão dissolveu-se em uma gargalhada. — Não escuto esse som há muito tempo — disse Lucas suavemente.

Ela levantou os olhos novamente para ele, que a estudava com uma intensidade profunda e sincera.

— Não? — ela pegou da mão dele a famosa câmera de botão vermelho de tia Tabby, encolheu os ombros, despreocupada. — Pois tenho o hábito de rir.

— Sua tia mandou que você se divertisse com a câmera. — Dando o assunto por encerrado, ele virou-

lhe as costas e dirigiu-se à cafeteira.

— O que você tem aí, Autumn? — perguntou Julia, acompanhando os movimentos de Lucas.

Exibindo a câmera, Autumn passou a falar em um tom sóbrio e didático.

— Isto, senhoras e senhores, é a última aquisição tecnológica em fotografia. Com o leve toque de um botão, amigos e amados são capturados em seu interior e saem imediatamente em uma foto que se revela perante olhares atônitos. Não há necessidade de focos nem de consultar o ângulo da luz. O botão é mais rápido que o cérebro. E uma

criança de cinco anos pode acioná-la, enquanto anda em seu velocípede.

— Já deviam saber — Lucas acrescentou, em voz áspera — que Autumn é uma fotógrafa esnobe. — Continuou ao lado da janela, tomando o café, enquanto falava descuidadamente com os outros. Os olhos estavam sobre Autumn. — Se não tiver lentes e filtros para serem trocados, não puder ser operada em múltipla velocidade, então não é uma câmera, e sim um brinquedo.

— Já percebi sua obsessão — concordou Julia. Enviou um olhar delicioso para Lucas, antes que os

olhos voltassem para Autumn. — Ela usa aquela caixa-preta como outras mulheres usam diamantes. Esta madrugada, ela estava embrenhando-se pela floresta, tirando fotos de esquilos e coelhos.

Com um sorriso divertido, Autumn levantou a câmera e tirou uma foto do rosto encantador de Julia.

— Ora, meu bem — disse Julia com uma virada profissional de cabeça. —Você deveria ter me dado a chance de mostrar meu melhor lado.

— Você não tem um lado melhor — comentou Autumn.

Julia sorriu, obviamente dividida entre o divertimento e o insulto, enquanto Jacques explodia em uma gargalhada.

— E eu que pensei que ela fosse uma criança adorável — murmurou Julia.

— Em minha profissão, srta. Bond — continuou Autumn, desta vez séria —, tive ocasião de fotografar um grande número de mulheres. Uma, do perfil direito, outra, do esquerdo, outra, de frente. Ainda outra, de um ângulo superior, e assim por diante. — Fazendo uma ligeira pausa, examinou criticamente o rosto imaculado de Julia. —

Poderia fotografá-la de qualquer posição, qualquer ângulo, qualquer luz, e o resultado seria sempre maravilhoso.

— Jacques — disse Julia, pousando a mão em seu braço —, precisamos mesmo adotar essa menina. Ela é imprescindível para meu ego.

— Integridade profissional — afirmou Autumn, antes de colocar a foto já revelada sobre a mesa. Apontou o presente de tia Tabby para Steve.

— Você deve ser prevenido de que, com uma câmera de qualquer espécie nas mãos, Autumn torna-se

uma arma perigosa.

Lucas aproximou-se. Levantou a foto de Julia e estudou-a.

Autumn franziu a testa ao lembrar-se das inúmeras fotos que tirara dele. Com o pretexto de que eram arte, nunca se desfizera delas. Ela tirava fotos e ficava focalizando-o e rodeando-o o tempo todo até que, exasperado, ele literalmente arrancasse a câmera de suas mãos e afastasse a fotografia de sua frente.

Lucas percebeu seu gesto. Com olhos escuros e inescrutáveis, aproximou-se e enfiou os dedos em seus cabelos.

— Você nunca pôde me ensinar a

tirar uma foto direito, não é, gata?

— Não. — Sua luta contra a dor interior que voltava fez com que a voz saísse tremida. — Nunca ensinei nada a você, Lucas. Mas aprendi bastante.

— Nunca consegui operar máquina alguma, a não ser uma que tivesse somente um botão — declarou Steve. A câmera de Autumn estava na cadeira, ao lado dela. Ele pegou-a e examinou-a como se estivesse estudando alguma peça estranha que tivesse caído do espaço sideral. — Como consegue se lembrar para que servem todos estes números?

Dizendo isso, sentou-se no braço da poltrona e Autumn agarrou a deixa. Começou uma aula de fotografia básica. Lucas voltou à cafeteira, visivelmente entediado. Pelo canto do olho, Autumn percebeu que Julia ia juntar-se a ele. Dentro de poucos momentos, o braço de Julia estava sob o dele e ele não parecia mais entediado. Rangendo os dentes, Autumn se concentrou na aula para Steve.

Lucas e Julia saíram de braços dados, pretensamente para Julia poder dormir um pouco e Lucas poder trabalhar. Os olhos de Autumn traíram-na, seguindo-os.

Quando conseguiu voltar sua atenção para Steve, encontrou um sorriso compreensivo e simpático. Era óbvio demais que ele compreendera seus sentimentos. Censurando-se internamente, resumiu suas explicações sobre os tipos de ângulos, agradecida por Steve ter retomado a conversa como se não tivesse sido interrompida.

A tarde custou a passar. Foi um dia longo, feio e chuvoso, com a chuva batendo nas janelas. Raios e trovões apareciam e desapareciam, mas o vento aumentava a força cada vez mais, até tomar-se praticamente um gemido. Robert atiçou a lareira,

até que as chamas começaram a crepitar e a estalar. O clima aconchegante que isto poderia ter dado à sala era negado pelo aborrecimento de Jane e pelo fato de Helen estar andando de um lado para o outro. O ar estava pesado.

Recusando o convite de Steve para jogarem cartas, Autumn buscou a paz e a atividade do estúdio de fotografia. No momento em que fechou a porta, a dor de cabeça que começara a torturar-lhe as têmporas desapareceu.

Naquela sala não havia tensões. Seus sentidos não eram afetados por perturbações estranhas e intangíveis,

e ficavam atentos e prontos para o trabalho. Paulatinamente, passou seu filme pelos primeiros estágios da revelação, preparando os produtos químicos, checando as temperaturas, acertando os *timers*. Cada vez mais absorvida, esqueceu-se por completo da tempestade.

Enquanto foi necessário, Autumn trabalhou em total ausência de luz. Nessa etapa, os dedos eram seus olhos, e ela trabalhava rapidamente. Através do som abafado da tempestade, ouviu um ruído baixo. Ignorou-o, pois estava ocupada acertando o *timer* para o próximo estágio da revelação. Quando ouviu

o som novamente, fixou-se nele.

— Seria o girar da maçaneta? — perguntou-se. Tinha lembrado de trancar a porta? Tudo o que ela não precisava naquele momento era de um descuidado abrindo a porta, deixando entrar a luz com ele e estragando todo o trabalho.

— Não mexam na porta! — gritou, no momento em que o rádio que ligara para fazer-lhe companhia silenciou. A luz acabou, concluiu. Parada, naquela escuridão absoluta, Autumn suspirou, quando ouviu o ruído novamente.

Seria alguém na porta, ou alguém na cozinha? Curiosa e ao mesmo

tempo aborrecida, dirigiu-se até a porta, para ter a certeza de que estaria trancada. Seus passos eram confiantes. Já conhecia cada centímetro daquele cômodo agora. Repentinamente, assustando-a terrivelmente, a dor explodiu dentro de sua cabeça. As luzes piscaram por alguns instantes, antes de o escuro tornar-se completo outra vez.

— Autumn, Autumn, abra os olhos. —Apesar de o som vir de muito longe e abafado, ela percebeu o tom de comando. Resistiu. Quanto mais aproximava-se da consciência, mais aumentava a dor da cabeça. O esquecimento era menos doloroso.

— Abra os olhos. — A voz agora era mais clara e mais insistente. Autumn gemeu.

Relutante, abriu os olhos, enquanto sentia que mãos afastavam os cabelos de seu rosto. Por um momento, sentiu que lhe acariciavam o rosto. Lucas entrou gradativamente em seu foco de visão, diminuindo e apagando, até que ela conseguiu forçar a imagem de volta, clara e nítida.

— Lucas? — Desorientada, Autumn não conseguia pensar em nada para dizer além de seu nome. Isso parecia satisfazê-lo.

— Assim está melhor — disse

ele, com aprovação. Antes que ela pudesse protestar, ele beijou-a com força, com uma ansiedade que demonstrava sua intimidade passada. — Você me deixou preocupado, agora há pouco. O que foi que andou fazendo?

A acusação era típica dele. Ela mal pôde notar.

— Andei fazendo? — Autumn levou a mão ao alto de sua cabeça, onde a dor estava concentrada. — O que aconteceu?

— Esta foi minha pergunta, gata. Não, não toque o galo. — Pegou sua mão e ficou segurando-a, impedindo-a de tocar o machucado.

—Vai doer mais se você tocar. Estou curioso para saber como isso aconteceu, e por que você estava deitada no chão.

Estava difícil para ela pensar com clareza naquele momento. Autumn tentou concentrar-se na última coisa de que se lembrava.

— Como você entrou? — perguntou, lembrando-se do barulho na fechadura. —Eu não tinha fechado a porta? — Lentamente, percebeu que ele a estava aconchegando nos braços, embalando-a junto ao peito. Ela tentou sentar-se. — Foi você quem mexeu na maçaneta da porta?

— Fique calma — ordenou ele quando ela gemeu por causa do movimento brusco.

Autumn fechou os olhos com força devido ao latejar na cabeça.

— Eu devo ter batido na porta — murmurou, pensando por que estaria tão tonta.

— Você bateu contra a porta e fechou-a quando estava inconsciente? — Ela não conseguiu distinguir se Lucas estava zangado ou divertido. A forte dor que sentia na cabeça não permitia que decidisse entre uma coisa ou outra.

— Que estranho, não me lembro de você ser descoordenada a esse

ponto.

— Estava escuro — resmungou ela, coerente o suficiente para sentir-se embaraçada. — Se você não estivesse sacudindo a porta...

— Eu não estava sacudindo a porta — começou ele, mas ela interrompeu-o com uma reação assustada.

— *As luzes*! — Pela segunda vez, tentou afastar-se dele. — Você acendeu as luzes!

— Foi um impulso, quando vi você caída no chão — respondeu ele asperamente. Sem qualquer esforço visível, conseguia mantê-la parada. — Eu quis ver a extensão dos seus

machucados...

— Meu filme! — O olhar era tão acusador quanto sua voz, mas ele respondeu com uma gargalhada.

— A mulher é maníaca!

— Por favor, me largue... — A raiva tomava-a menos graciosa. Esforçando-se, conseguiu ficar de pé. Mas quando fez esse movimento, a dor tornou-se quase insuportável e ela perdeu o equilíbrio.

— Pelo amor de Deus, Autumn. — Lucas levantou-se e segurou-a pelos ombros, mantendo-a firme. — Pare de comportar-se como uma imbecil por causa de umas fotos bobas.

Essa frase, em circunstâncias normais, teria sido desastrosa. Mas, em seu estado mental atual, era uma declaração de guerra. A dor foi eclipsada por uma onda de fúria. Ela lançou-se sobre ele.

— Você nunca conseguiu ver meu trabalho como alguma coisa além de algumas fotografias bobas, não é mesmo? Você nunca me viu além de uma criança boboca, divertida por uns tempos, mas entediante no final. E você sempre odiou o tédio, não é mesmo, Lucas? — Autumn afastou os cabelos que caíam sobre os olhos com um movimento violento. — Você fica sentado sobre a glória de

seus livros, envolvido pela adulação e olhando de cima para nós, pobres mortais. Você não é a única pessoa no mundo que tem talento, Lucas. Minhas habilidades são tão criativas quanto as suas, e minhas fotos me dão tanta satisfação quanto seus livrinhos idiotas lhe dão.

Por um instante, ele ficou em silêncio, estudando-a com o cenho franzido. Quando falou, a voz estava estranhamente áspera.

— Muito bem, Autumn, agora que você já botou tudo para fora, é melhor tomar uma aspirina.

— Me deixe em paz! — Ela arrancou a mão que ele pusera em

seu braço. Virou-se para pegar a câmera que tinha posto na prateleira, antes de começar a trabalhar. Olhando para a mesa, disparou novamente: — O que pretende mexendo no meu equipamento? Você expôs um rolo inteiro de filme! — Espumando de raiva, gritou para ele. —Já não era suficiente atrapalhar meu trabalho mexendo na porta e depois acendendo as luzes e arruinando o que eu tinha começado? Tinha que botar as mãos em uma coisa que você não conhece!

— Já disse antes. Não estava mexendo na porta. — Os olhos dele começaram a escurecer

perigosamente. — Voltei depois que a luz acabou e o gerador foi ligado. A porta estava aberta e achei você caída sobre uma pilha de caixas no chão. Nem toquei no seu maldito filme!

Havia gelo em sua voz e fogo no olhar, mas Autumn estava furiosa demais para se deixar tocar por qualquer um deles.

— Imbecil quanto possa parecer — continuou —, minha preocupação e minha atenção estavam dirigidas a você. — Indo em sua direção, ele olhou para a bagunça sobre a mesa de trabalho. — Não lhe ocorreu que na confusão e na escuridão você

mesma possa ter estragado seu filme?

— Não diga absurdos. — Sua habilidade profissional foi insultada mais uma vez, mas ele interrompeu sua ira com a voz cheia de paciência. Autumn ficou espantada com isso. Até onde se lembrava, Lucas não tinha a menor paciência para nada.

— Autumn, eu não sei o que aconteceu com o filme. Não entrei nesta sala para além do ponto onde você estava caída no chão. Não vou me desculpar por ter acendido a luz; eu faria a mesma coisa novamente. — Ele circundou o pescoço dela

com os dedos e a voz ficou com o tom acariciante de que ela se lembrava tão bem. — Acontece que acho que seu bem-estar é mais importante do que as fotos.

Subitamente, o interesse dela nos filmes desapareceu. Só queria fugir dele e dos sentimentos que despertava nela tão facilmente. *Reflexo condicionado*, disse a si mesma. A voz suave e as mãos gentis dispararam o botão e ela se ligara.

— Você está tão pálida — disse Lucas, tirando rapidamente as mãos e enfiando-as nos bolsos. — O dr. Spicer pode dar uma olhada em

você.

— Não, eu não preciso... — Não conseguiu continuar. Ele agarrou-a pelos braços e a sacudiu com fúria.

— Mas que droga, gata, precisa discordar de tudo o que digo? Não consegue esquecer por um instante o ódio que desenvolveu por mim? — Sacudiu-a de leve, mais uma vez. A dor espalhou-se por toda a cabeça. Por instantes, o rosto dele saiu de foco, quando a tontura bloqueou a visão. Percebendo rapidamente o que acontecia, ele puxou-a para junto de si até que a tontura tivesse passado. Com um movimento rápido, levantou-a nos braços. —

Você está pálida como um fantasma — disse. — Querendo ou não, você vai ver o médico. Pode destilar seu veneno contra ele, para variar.

Quando Autumn percebeu que ele a carregava para o quarto, a raiva diminuíra. Havia somente a dor forte e a consciência. Quase desfalecida, descansou a cabeça no seu ombro e rendeu-se. Aquela não era hora para pensar na porta do estúdio e em como ela teria sido aberta. Não era hora de pensar como teria batido a cabeça contra ela como uma perfeita idiota. Não era hora de pensar em nada.

Aceitando o fato de não ter outra

escolha, Autumn fechou os olhos e deixou que Lucas decidisse. Manteve-os fechados quando sentiu que ele a colocava na cama, mas sabia que ele tinha ficado parado olhando-a. Sabia também que estaria com a testa franzida.

O som de seus passos disse-lhe que ele entrara no banheiro contíguo. O suave barulho da água escorrendo na pia soou como uma catarata em sua cabeça latejante. Logo, sentiu uma toalha molhada sobre a dor da testa. Abrindo os olhos, Autumn olhou para os dele.

— Fique deitada — ordenou ele. Lucas olhou-a com uma expressão

estranha, enigmática. — Vou buscar Spicer — falou repentinamente e encaminhou-se para aporta.

— Lucas — interrompeu-o Autumn, porque a toalha fria trouxera-lhe lembranças de todas as coisas boas que ele lhe fizera. Ele tinha seus momentos de doçura, apesar da luta dela em fingir que eles não existiam. Parecia ser mais fácil assim.

Quando Lucas se virou, a impaciência era evidente até mesmo no ar que o rodeava. Mas que homem contraditório ele era, ela pensou. Mal-humorado, sem meio-termo.

— Obrigada — disse, ignorando o desejo evidente dele de sair dali. — Desculpe ter gritado com você. Afinal, você está sendo muito gentil.

Lucas recostou-se na porta e encarou-a.

— Nunca fui gentil. — E a voz era áspera novamente.

Autumn foi obrigada a lutar contra o desejo de correr até ele, para apagar aquelas rugas de fadiga. Ele sentiu os pensamentos dela e os olhos suavizaram-se brevemente. E na boca surgiu um daqueles sorrisos raros, que desarmavam as pessoas.

— Meu Deus, gata, você sempre foi incrivelmente meiga. Tão

assustadoramente carinhosa.

E, com isso, ele a deixou.

Capítulo 5

Autumn olhava fixamente para o teto quando Robert entrou. Ela olhou para a maleta preta dubiamente. Nunca pensara no que os médicos carregavam dentro daquelas maletas de aspecto inocente.

— Um atendimento em domicílio — disse ela, e forçou um sorriso. — A oitava maravilha do mundo.

Nunca pensei que você trouxesse sua maleta de médico nas férias.

Mas ele percebeu seu olhar inquieto.

—Você viaja sem sua câmera?

— *Touché* — disse ela, mais para relaxar e não ser infantil.

— Acho que não vamos precisar operar. — Ele sentou-se na cama e tirou a toalha que Lucas colocara na testa de Autumn. — Hum, isto vai ficar bem colorido. Você está com a visão borrada? — Não.

As mãos dele eram surpreendentemente macias e suaves, lembrando a Autumn as mãos de seu pai. Ela conseguiu ficar

mais relaxada e respondeu a todas as perguntas que ele lhe fez sobre tontura, náusea e outros sintomas, enquanto observava seu rosto. Ele estava diferente, reparou ela. Sua competência continuava presente, mas a postura profissional tinha sido substituída por uma suave compaixão. A voz era gentil, ela pensou, assim como os olhos. Era uma pessoa adequada à sua profissão.

— Como isso aconteceu, Autumn? — Enquanto falava, ele pegou a maleta e a atenção dela dirigiu-se para as mãos dele.

Ele tirou de dentro algodão e um

recipiente de vidro, e não a agulha que ela tanto temia.

Ela enrugou o nariz, enquanto descrevia sem graça.

— Colidi com a porta.

Ele sacudiu a cabeça com uma gargalhada e começou a lavar o ferimento.

— Que história mais estranha.

— E vergonhosamente verdadeira. No estúdio escuro — acrescentou ela. — Devo ter calculado mal a distância.

Ele desviou os olhos do ferimento para estudar os dela por um instante, voltando em seguida a fixar-se em sua testa.

— Pois jurava que você era uma mulher que tinha os olhos bem abertos — disse, com um sorriso brincalhão. Autumn pensou um pouco, antes que ele sorrisse novamente. — É somente um galo — disse ele e segurou sua mão. — Apesar de meu diagnóstico não diminuir a dor em nada.

— Agora só sinto uma dor agonizante — acrescentou Autumn, tentando ser divertida. — Os canhões já pararam de atirar.

Com uma risadinha, ele procurou novamente dentro da maleta.

— Podemos fazer alguma coisa contra a pequena artilharia.

— Ah. — Ela olhou o vidro de remédio que ele segurava e fez uma careta. — Eu ia tomar uma aspirina.

— Não se apaga um incêndio em uma floresta com uma pistolinha de água. — Sorriu novamente para ela, entregando-lhe dois comprimidos. — São muito suaves, Autumn. Tome isto e descanse por uma ou duas horas. Pode confiar em mim — acrescentou, com uma gravidade exagerada, enquanto as sobrancelhas de Autumn continuavam praticamente unidas de preocupação. — Apesar de eu ser cirurgião.

— Está bem. — Os olhos dele convenceram-na e ela sorriu,

aceitando o copo de água com os comprimidos. — Você não vai tirar meu apêndice nem nada, não é?

— Não, porque estou de férias. — Esperou que ela engolisse os comprimidos, depois puxou uma manta leve sobre ela. — Descanse — ordenou e deixou-a.

Quando Autumn reabriu os olhos, o quarto estava mergulhado nas sombras. Descansar? Ela pensou e moveu-se sob a manta. Estive inconsciente. Por quanto tempo? Tentou escutar alguma coisa. A tempestade ainda caía, batendo contra as janelas com uma fúria que a assustou. Cuidadosamente, sentou-

se na cama. A cabeça não latejava mais, mas um toque dos dedos garantiu-lhe que ela não tinha sonhado com aquele incidente. Seu pensamento seguinte foi totalmente físico: descobriu que estava faminta.

Levantou-se, deu uma olhada rápida no espelho, decidiu que não gostava do que via e saiu em busca de comida e companhia. Encontrou ambas na sala de jantar. A noção de tempo fora perfeita.

— Autumn. — Foi Robert quem a viu primeiro. — Está se sentindo melhor?

Ela hesitou um momento, constrangida. Mas a fome foi mais

forte e o cheiro da galinha feita por Nancy estava tentador.

— Muito — respondeu. Ela olhou para Lucas, mas ele não disse nada, somente observou-a. O carinho que ela tinha visto tão rapidamente horas antes podia ter sido somente ilusão. Seus olhos estavam novamente escuros e duros. — Estou morrendo de fome — confessou, enquanto se sentava.

— Bom sinal. Ainda está doendo?

— Só o meu orgulho. — E começou a encher seu prato. — Falta de jeito não é um talento do qual me orgulhe, e dar uma trombada em uma porta chega a soar como um

clichê. Gostaria que tivesse acontecido alguma coisa mais original.

— Que estranho. —Jacques girou o garfo pelo cabo enquanto a estudava. — Não me parece possível que você tenha força suficiente para ficar inconsciente por conta própria.

— Sou uma amazona — explicou Autumn, e deixou o pedaço de frango repousar por um momento delicioso na língua.

— Ela come como uma amazona — comentou Julia.

Autumn olhou para ela em tempo de captar o olhar especulativo em

seu rosto antes que ele se transformasse em um sorriso.

— Eu engordo só de olhar como ela come.

— É o metabolismo — declarou Autumn, e encheu outra garfada de frango. — Mas a tragédia verdadeira desta história é que perdi os dois rolos de filme que tirei de minha viagem à Nova York.

— Talvez estejamos numa maré de acidentes. — A voz de Helen estava tão dura quanto os olhos, enquanto estes varriam a mesa. — As coisas costumam acontecer três vezes, não é mesmo?

— Ninguém respondeu e ela

continuou, passando os dedos pelo próprio ferimento. — O difícil é saber qual será a próxima.

Autumn passara a detestar os pequenos silêncios que acompanhavam as observações de Helen, as ondas de tensão que conseguia emitir e que deixavam buracos na normalidade da situação. Num impulso, Autumn quebrou sua própria regra e iniciou uma conversa com Lucas.

— O que você faria com este cenário, Lucas? — Olhou para ele, esperando a resposta, mas não percebeu qualquer mudança em sua expressão. *Está observando todos*

nós, ela pensou. *Só observando*. Tentando afastar o mal-estar, Autumn continuou. — Nove pessoas — dez, na realidade, contando com a cozinheira — isoladas em um pequeno hotel afastado, no campo, uma tempestade rugindo. A energia já pifou. O telefone possivelmente será o próximo.

— O telefone já está mudo — disse Steve.

— Ah! — disse Autumn, de modo dramático.

— E a estradinha, naturalmente, deve estar intransponível — disse Robert, piscando para ela, entrando na brincadeira.

— O que mais se poderia desejar? — Autumn perguntou a Lucas. Um raio brilhou no céu, como que em resposta.

— Um assassinato — Lucas falou de modo casual, mas a palavra ficou suspensa no ar, todos os olhos se viraram para ele.

Autumn estremeceu involuntariamente. Era a resposta que esperava dele; mesmo assim, sentiu um arrepio ao ouvi-la.

— Mas, naturalmente — continuou ele enquanto a palavra ainda pairava no ar —, este é um cenário óbvio demais para meu tipo de trabalho.

— A vida às vezes é óbvia, não acha? — Jacques perguntou, com um sorrisinho nos lábios enquanto erguia a taça de um vinho dourado.

— Eu faria um belo papel — brincou Julia. — Deslizando por passagens escuras, com um vestido branco e vaporoso. — Ela colocou os cotovelos na mesa, cruzou as mãos e descansou o queixo sobre elas. — A chama da minha vela dançando nas sombras, enquanto o assassino aguarda, com um lenço de seda, para acabar com minha vida.

— Você daria um lindo cadáver — disse Autumn.

— Obrigada, querida — disse

Julia, e virou-se para Lucas. — Só que prefiro ficar entre os vivos, pelo menos até a cena final.

— Você morre tão bem — comentou Steve, sorrindo para ela do outro lado da mesa. — Fiquei impressionado com sua Lisa no filme *Primavera de esperança*.

— E que tipo de assassinato você vê, Lucas? — Steve estava comendo pouco, Autumn percebeu; preferia tomar o vinho. — Um crime de paixão ou vingança? O ato impulsivo de um amante descartado ou a obra maléfica de uma mente fria e calculista?

—Tia Tabby poderia espalhar um

veneno exótico na comida e eliminar a todos nós, um por um — sugeriu Autumn, enquanto mergulhava no purê de batatas.

— Desde que alguém morra, não há necessidade de mais mortes. — Helen chamou a atenção do grupo outra vez para si. —Assassinato é uma perda de tempo. Ganha-se mais mantendo alguém vivo. Vivo e vulnerável. — Lançou um olhar para Lucas. — Não concorda comigo, sr. McLean?

Autumn não gostou do jeito como ela sorriu para ele. Frio e calculista, as palavras de Jacques ficaram repetindo em sua mente. Sim, ela

concluiu, aquela era uma mulher fria e calculista. No silêncio que se seguiu, Autumn transferiu o olhar para Lucas.

Ele tinha uma expressão entediada do tipo "Vá para o inferno", que ela conhecia muito bem.

— Não acho que assassinato seja sempre uma perda de tempo. — Mais uma vez, sua voz era casual, mas Autumn, que estava ligada nele, percebeu a mudança que ocorreu em seus olhos. Não estavam mais entediados, mas frios como gelo — O mundo ganharia muito se algumas pessoas fossem eliminadas. — Ele deu um sorriso mortal.

Não pareciam mais estar falando hipoteticamente. Quando dirigiu seu olhar para Helen, Autumn percebeu o medo que se apoderava dela. *Mas é apenas um jogo*, disse para si mesma, e olhou para Julia. A atriz estava sorrindo, mas não era mais aquele sorriso caloroso como um verão. Estava gostando de ver Helen agitar-se como uma mosca transpassada por um alfinete. Percebendo a expressão de ligeiro choque de Autumn, Julia mudou de assunto rapidamente.

Depois do jantar, o grupo juntou-se no lounge, mas a tempestade, que continuava a cair, agora já estava

estressando a todos. Só Julia e Lucas pareciam não estar sendo afetados por ela. Autumn percebeu como os dois ficaram juntos em um canto, conversando, aparentemente adorando a companhia um do outro. O riso de Julia era baixo e cheio acima do som da chuva. Uma vez, viu quando Lucas segurou um cacho dos cabelos claros. Autumn olhou para o outro lado. Julia estava interferindo, como falara, com muita perícia, e essa percepção a deprimiu.

Os Spicer, sem Julia para distraí-los, sentaram-se juntos no sofá, perto da lareira. Apesar de falarem

em voz baixa, Autumn pôde sentir que havia uma discussão doméstica. Mudou-se para um lugar mais afastado, onde não conseguia ouvi-los. Que má hora para Jane confrontar Robert pelo fascínio que sentia por Julia, quando a atriz estava dando a honra de sua atenção para outro homem, concluiu. Quando saíram, o rosto de Jane não estava mais abatido, mas infeliz. Julia não olhou nem uma vez na direção deles, mas, quando saíram, inclinou-se para Lucas e murmurou alguma coisa no ouvido dele que o fez rir. Autumn descobriu que sua vontade também era sair daquela sala.

Essa sensação não tinha nada a ver com Lucas, disse para si mesma, enquanto se dirigia ao corredor. Só quero dizer boa-noite à tia Tabby. Julia só está fazendo exatamente o que eu queria que fizesse, mantendo Lucas distraído. Ele não me olhou nem uma vez depois que Julia ficou entre nós. Tentando afastar a mágoa que sentia, abriu a porta do quarto da tia.

— Autumn, querida! Lucas me disse que você bateu com a cabeça. — Tia Tabby parou por um momento de conferir a lista da lavanderia e levantou-se para olhar o ferimento da sobrinha. — Ah,

coitadinha. Quer uma aspirina? Tenho algumas em algum lugar.

Apesar de ficar agradecida a Lucas por ter dado uma versão mais suave do acidente para a tia, Autumn ficou pensando no motivo para ele ter feito isso. Não parecia uma característica de Lucas preocupar-se tanto com uma senhora idosa e distraída, cujo único sucesso era ter um hotelzinho e fazer torta de chocolate.

— Não, tia Tabby. Estou bem. Já tomei um remédio.

— Que bom. — Fez um carinho na mão de Autumn e uma careta quando olhou o ferimento. —

Precisa ter mais cuidado, querida.

— Prometo, tia Tabby. — Autumn olhou descuidadamente os papéis sobre a escrivaninha da tia. — Você conhece bem o Lucas? Não me lembro de você tratar nenhum hóspede pelo primeiro nome. — Sabia que não adiantava nada tentar fazer rodeios para descobrir alguma coisa da tia. Produziria o mesmo efeito que ler *Guerra e paz* sob uma luz bem fraquinha: só causaria dor de cabeça e criaria confusão.

— Ah, depende, Autumn. Sim, isso realmente depende muito. —Tia Tabby retirou os papéis do alcance da mão de Autumn, antes de olhar

para um ponto no teto. Autumn sabia que aquilo significava que estava pensando. — Temos a sra. Nollington. Ela sempre aluga um quarto de canto em setembro. Eu a trato por Francês e ela me chama de Tabitha. Que mulher simpática. É uma viúva da Carolina do Sul.

— Lucas trata você por tia Tabby — citou Autumn, antes que sua tia continuasse a discursar sobre Francês Nollington.

— É, meu bem, muita gente me chama assim. Você chama.

— Sim, mas...

— E Paul e Will — Tia Tabby continuou citando. — E o rapazinho

que traz os ovos. E... ah, muita gente. Sim, realmente, muita gente. Gostou do jantar?

— Sim, gostei muito, tia Tabby — respondeu Autumn, determinada a vencer a tia pela tenacidade. — Lucas parece se sentir bem à vontade aqui.

— Ah, e isso me deixa feliz! — Sorriu para a sobrinha, enquanto lhe acariciava novamente a mão. — Eu me esforço tanto para que todos se sintam em casa. Sempre sinto vergonha de cobrar deles, mas... — Deu uma olhada para as contas da lavanderia e começou a murmurar.

Desista, Autumn disse para si

mesma. Beijou a bochecha da tia e deixou-a com as toalhas e fronhas.

Já era tarde quando Autumn terminou de colocar o estúdio de fotografia em ordem. Desta vez, deixou a porta aberta e as luzes todas acesas. O eco da chuva acompanhava-a, enquanto batia nas janelas da cozinha. A não ser por seu murmúrio irado, a casa permanecia em silêncio.

Não, Autumn pensou, as casas velhas nunca ficam em silêncio. Estalavam e sussurravam, mas as tábuas e os armários que gemiam não a perturbavam. Ela gostava desses pequenos ruídos quebrando o

silêncio. Absorta e satisfeita, esvaziou bandejas e substituiu garrafas. Jogou seu filme perdido na lata de lixo, com um suspiro.

Isso me dói um pouco, pensou, *mas não posso fazer nada*. Amanhã, decidiu, revelaria as fotos que tinha batido naquela manhã — o lago, o sol matinal, as árvores refletidas. Isso a deixaria em melhor estado de espírito. Esticou as costas e levantou os cabelos da nuca, sentindo-se agradavelmente cansada.

— Ainda me lembro de você fazendo isso quando acordava. — Autumn girou, com os cabelos voando de seus ombros pela rapidez

do movimento, enquanto um medo inexplicável pareceu levar seu coração à garganta. Afastando os fios do rosto, encarou Lucas.

Ele estava reclinado contra o batente da porta aberta, com uma xícara de café nas mãos. Os olhos fixaram-se nos dela, sem fazer o menor esforço para isso.

— Você levantava os cabelos, depois deixava-os cair em ondas sobre as costas, até não conseguir mais impedir que minhas mãos mergulhassem neles. — Sua voz estava profunda e estranhamente áspera. Autumn não conseguiu falar. — Muitas vezes me perguntei se

fazia aquilo de propósito, só para me deixar louco. — Estudou o rosto de Autumn, franziu a testa e depois levou a xícara aos lábios. — Mas é claro que não fazia. Nunca conheci ninguém que pudesse provocar com tanta inocência.

— O que você está fazendo aqui? — O tremor de sua voz tirou um pouco a força da exigência que pretendia colocar na pergunta.

— Recordando.

Virou-se de costas para ele e começou a mexer nos vidros, tirando-os do anterior estado tão organizado.

— Você sempre foi bom com as

palavras, Lucas. — Mais calma agora, pois não estava olhando para ele, estudou meticulosa-mente um vidro de líquido de banhar negativos. — Suponho que isso se deva à sua profissão.

— Não estou escrevendo no momento.

Sentiu que seria mais fácil fingir que havia entendido mal.

— Seu livro continua lhe dando problemas? — Virando-se novamente para ele, notou outra vez os sinais de tensão e fadiga no rosto. Ondas de simpatia e amor começaram a inundá-la, mas ela lutou para afastá-las. Os olhos dele

estavam aguçados. — Acho que conseguiria escrever mais se dormisse um pouco — disse isso, apontando para a xícara de café. — E o café não vai ajudar.

— Talvez não. — E esvaziou a xícara. — Mas é mais seguro do que uísque.

— Dormir é melhor do que ambos. — Encolheu os ombros, como se não se importasse. Os hábitos de Lucas não eram mais de sua conta. —Vou subir.

Autumn dirigiu-se para ele, que continuou parado onde estava, barrando-lhe a passagem. Ela tentou insistir. Eles estavam sozinhos. O

andar térreo estava vazio a não ser pelos dois e pelo som irritante da chuva.

— Lucas. — Ela suspirou profundamente, desejando que ele acreditasse que ela estava impaciente e não vulnerável. — Estou cansada. Não me perturbe.

Os olhos dele suavizaram-se quando ouviu o tom de sua voz. Apesar de Autumn permanecer calma, podia sentir que os joelhos começavam a falhar. A dor latejante voltou à cabeça. Quando ele se afastou, ela desligou as luzes e passou depressa por ele. Rapidamente, Lucas segurou-lhe o

braço, impedindo o que ela pensou que seria uma saída fácil.

— Vai chegar um momento, gata — ele murmurou —, em que você não vai fugir tão facilmente.

— Não me ameace com sua masculinidade hiperativa. — Sua raiva cresceu e ela esqueceu a precaução. — Estou imune agora.

Ela sentiu-se puxada contra ele. A única coisa que conseguia ver era sua fúria.

— Já estou cansado disso.

E beijou-a com rispidez; ela sentiu seu desejo raivoso. Enquanto ela lutava, ele colou-a contra a parede, prendendo-lhe os braços ao

lado do corpo, vencendo-a somente com a boca. Ela sentiu que cedia e odiou-se tanto por isso quanto o odiava naquele momento. Os lábios dele não se suavizaram, nem quando ela deixou de lutar. Ele insistiu violentamente, ao mesmo tempo em que a raiva vibrava entre eles.

O coração de Autumn batia desesperadamente e ela sentia que o dele também batia loucamente, quando os corpos se juntaram. A paixão os envolvia e as costas dela estavam coladas na parede. Não havia como escapar, pensou timidamente. Nunca tinha conseguido escapar dele. Não havia

para onde fugir. Nem onde se esconder. Começou a tremer de medo e desejo.

De repente, ele se afastou. Seus olhos estavam tão escuros que ela não conseguia ver nada além do próprio reflexo. *Estou perdida dentro dele*, pensou. *Sempre estive perdida nele*. Então, ele sacudiu-a violentamente, arrancando um gemido dela.

— Cuidado com até que ponto você pretende levar as coisas — disse ele, com voz rouca. — Droga, é melhor lembrar-se de que não tenho escrúpulos. Sei como lidar com gente que pretende lutar

comigo. — Parou de sacudi-la, mas os dedos ainda estavam enterrados em sua carne. — Vou ter você, gata. Vou ter você chutando e gritando, se continuar me provocando.

Assustada demais pelo ódio que via em seu rosto para ainda pensar em orgulho, ela conseguiu soltar-se dele. Saiu correndo pelo corredor e subiu as escadas.

Capítulo 6

Autumn chegou à porta do quarto sem fôlego e lutando contra as lágrimas. Ele não poderia fazer aquilo com ela. Ela não poderia permitir. Por que ele invadira sua vida de novo desse jeito? Logo quando ela começava a esquecê-lo. *Mentirosa*. A voz soou clara como água dentro de sua cabeça. *Você nunca se recuperou dele. Nunca.*

Mas vai se recuperar. Fechou as mãos em frente à porta para tomar fôlego e respirou fundo. Vou me recuperar dele.

Quando ouviu os passos dele nas escadas, lutou com a maçaneta da porta. Não queria encontrar-se com ele novamente naquela noite. Amanhã já seria o bastante.

Alguma coisa estava errada. Autumn soube no momento em que abriu a porta e penetrou no escuro. O odor de perfume era tão forte que chegou a ficar meio tonta. Procurou o interruptor e, quando a luz se acendeu, soltou um pequeno som de desespero.

As gavetas e o armário tinham sido esvaziados e as roupas estavam todas espalhadas pelo quarto. Algumas foram rasgadas; outras, simplesmente amontoadas no chão. Suas joias haviam sido retiradas da caixa e espalhadas indiscriminadamente por entre as roupas. Vidros de colônia e embalagens de pó de arroz tinham sido esvaziados por toda parte. Tudo — cada pequeno objeto de uso pessoal — tinha sido violado ou destruído.

Ela ficou parada, em estado de choque, não conseguindo acreditar no que via. *Entrei no quarto errado*,

disse a si mesma tolamente. Só podia ser o quarto errado. Mas aquela blusa estampada com a manga rasgada no ombro tinha sido um presente de Natal de Will. As sandálias, atiradas em um canto com as tiras arrancadas, ela mesma comprara em uma lojinha da Quinta Avenida no verão anterior.

— Não. — Sacudia a cabeça como se com aquele gesto conseguisse fazer tudo aquilo desaparecer e voltar ao normal. — Não é possível.

— Minha nossa! — A voz de Lucas soou às suas costas. Autumn virou-se e viu-o observando o

quarto.

— Não compreendo. — As palavras eram tolas, mas eram as únicas que Autumn conseguia emitir naquele momento. Lentamente, Lucas dirigiu a atenção para o rosto dela. Ela fez um gesto de desânimo. — Por quê?

Ele foi até ela e, com o polegar, enxugou-lhe uma lágrima do rosto.

—Eu não sei, gata. Primeiro, temos que descobrir quem.

— Mas isso... isso é tão rancoroso. — Ela andou no meio das coisas espalhadas, ainda pensando que poderia estar sonhando. — Ninguém aqui teria

motivos para fazer isto comigo. É preciso odiar uma pessoa para fazer isto, não é? Ninguém aqui tem motivos para me odiar. Ninguém sequer me conhecia antes da noite passada.

— Exceto eu.

— Isto não faz seu estilo. — Ela apertou a têmpora com os dedos, tentando compreender. —Você encontraria um meio mais direto para me ferir.

— Obrigado.

Autumn olhou para ele e franziu a testa, mal entendendo o que estava sendo dito. A expressão dele era inexplicável quando ela estudou seu

rosto. Ela desviou o olhar dele. Não estava com a menor vontade de discutir com Lucas McLean. Então ela viu.

— Ah, não!

Praticamente rastejando, Autumn conseguiu atravessar a barreira das roupas espalhadas e começou a afastar os lençóis esfarrapados da cama. As mãos tremiam quando alcançou a câmera. As lentes estavam quebradas, com os cacos espalhados por toda a superfície. A parte de trás estava quebrada, pendurada molemente numa dobradiça. O filme saía da câmera como a rabiola de uma pipa.

Exposto. Arruinado. O espelho estava partido. Com um gemido, ela acalentou-a nos braços e começou a chorar.

As roupas e os objetos não significavam nada, mas a Nikon significava mais para ela do que uma simples câmera. Era tão parte dela quanto suas mãos. Com ela, tinha tirado a primeira fotografia profissional. Sua mutilação era uma violência.

Seu rosto de repente estava enterrado em um peito rijo. Não fez o menor protesto quando Lucas passou os braços em torno dela, mas chorou amargamente. Ele não disse

nada, não ofereceu palavras de conforto, mas as mãos eram inexplicavelmente gentis; os braços, fortes.

— Ah, Lucas. — Ela afastou-se dele com um suspiro. — Isso tudo é tão sem sentido.

— Existe sentido em algum lugar, gata. Sempre existe.

Ela levantou os olhos para olhá-lo.

— Existe? — Os olhos dele guardavam os segredos, e ela então voltou os seus para a câmera destruída. — Bem, se alguém queria me ferir, esta foi a maneira certa.

E apertou a câmera querida.

Repentinamente, sentiu uma raiva muito forte, que afastou o desespero e as lágrimas de sua mente e inundou seu corpo. Ela não iria sentar e chorar mais. Faria alguma coisa. Colocando a câmera nas mãos de Lucas, Autumn ficou de pé em um pulo.

— Espere um minuto. — Ele segurou sua mão antes que ela pudesse sair correndo do quarto. — Aonde você vai?

— Arrancar todo mundo da cama — disse, ríspida, soltando sua mão da dele. — E, depois, vou quebrar o pescoço de alguém.

Ele teve dificuldades para

controlá-la. Finalmente, conseguiu impedi-la de sair, passando os braços em torno dela e puxando o corpo para junto do dele.

— Provavelmente faria isso mesmo. — Havia um toque de admiração em seu tom, mas não lhe causou qualquer prazer.

— Espere para ver — desafiou-o.

— Acalme-se primeiro. — Ele apertou-a em seus braços quando ela lutou com ele.

— Eu quero...

— Sei o que você quer, gata, e não a culpo. Mas tem que pensar antes de agir precipitadamente.

— Não tenho que pensar em nada

— replicou ela. —Alguém vai pagar por isso.

— Está bem, acho justo. Quem?

Sua lógica aborreceu-a, mas conseguiu amenizar sua revolta.

— Ainda não sei. — Com um esforço, ela conseguiu respirar fundo.

— Assim está melhor. — Ele sorriu e beijou-a de leve. — Apesar de os olhos ainda apresentarem um brilho letal. — Ele afrouxou seu abraço, mas continuou segurando-a. — Mantenha as garras escondidas, gata, até descobrirmos o que está acontecendo. Vamos bater em algumas portas.

O quarto de Julia ficava ao lado do dela, então Autumn decidiu verificar lá primeiro. A raiva agora estava envolta em gelo. *Serei sistemática*, disse para si mesma, consciente do abraço de Lucas. *Muito bem, seremos sistemáticos até descobrirmos quem fez isso. E então...*

Bateu com força na porta de Julia. Depois da segunda batida, Julia respondeu com um gemido suave e sussurrante.

— Levante-se, Julia — exigiu Autumn. — Quero falar com você.

— Autumn, querida. — Sua voz evocava a figura de Julia

espreguiçando-se sobre os travesseiros. — Até eu preciso do meu sono de beleza. Vá para a cama como uma boa menina.

— Levante-se, Julia — repetiu Autumn, mal conseguindo evitar gritar. — Agora.

— Mas o que é isso? Sou eu que estou sendo arrastada da cama.

Ela abriu a porta, uma visão em um *négligé* de renda branca, os cabelos soltos como uma auréola em torno do rosto, os olhos escuros e pesados de sono.

— Pronto, estou de pé. — Julia lançou um sorriso sensual para Lucas e correu os dedos pelos

cabelos. — Vamos fazer uma festinha?

— Alguém destruiu meu quarto — disse Autumn diretamente. E ficou observando a atenção de Julia transferir-se do flerte silencioso com Lucas para ela.

— O quê? — A expressão felina transformou-se em um ar de concentração. É uma atriz, Autumn lembrou-se. Ela é uma atriz, não se esqueça disso.

— Minhas roupas foram todas tiradas dos armários, rasgadas e jogadas por todo o quarto. Minha câmera está quebrada. — Teve que engolir o choro quando disse isso,

pois era a coisa mais difícil de aceitar.

— Que loucura. — Julia já não estava mais reclinada provocantemente contra a porta. — Deixe-me ver. — Ela passou rapidamente por eles e correu pelo corredor. Parou na porta do quarto de Autumn, atônita. Seus olhos, quando voltaram para eles, estavam enormes com o choque. — Autumn, que coisa horrível! — Voltou e passou o braço em torno da cintura de Autumn. — Que coisa mais horrível. Eu sinto muito.

Sinceridade, simpatia, choque. Estava tudo ali. Autumn desejava

ardentemente poder acreditar que tudo fosse verdadeiro.

— Quem teria feito isso? — perguntou a Lucas.

Autumn viu que, agora, os olhos de Julia estavam zangados. Era novamente a dama valente que Autumn tinha visto rapidamente naquela tarde.

— Pretendemos descobrir. Vamos acordar os outros. — Algo se passou entre os dois, Autumn viu, e depois desapareceu rapidamente.

— Está bem — disse Julia. — Então vamos fazer isso. — Colocou os cabelos impacientemente atrás das orelhas. — Eu falo com os

Spicer e você com Jacques e Steve.
—Você — continuou, dirigindo-se desta vez a Autumn —, acorde Helen.

Falou com um tom tão autoritário que Autumn descobriu-se dirigindo-se para o quarto de Helen. Escutava as batidas, e as respostas, agitações e murmúrios atrás de si. Quando chegou à porta de Helen, Autumn bateu. Isto, pelo menos, pensou, era um progresso. Lucas tinha razão. É preciso um julgamento antes de enforcar alguém.

Sua batida não obteve resposta. Aborrecida, Autumn bateu novamente. Não estava calma o

suficiente para ser ignorada. Agora, havia mais atividade atrás dela, enquanto as pessoas saíam de seus quartos para olhar o desastre ocorrido no dela.

— Helen! — Bateu novamente, perdendo a paciência. — Venha já aqui. — Empurrou a porta, que se abriu. Sentiu alguma satisfação em poder, pelo menos, arrancar alguém da cama. Impulsivamente, acendeu a luz.— Helen, eu...

Helen não estava na cama. Autumn ficou de olhos fixos nela, chocada demais para sentir horror. Ela estava no chão, mas não dormindo. Estava mais do que

dormindo. Aquilo seria sangue?, pensou Autumn sem entender direito. Deu um passo adiante antes que a realidade a atingisse.

O horror apertou sua garganta, impedindo que gritasse. Lentamente, foi se afastando. Era um pesadelo. Começando com seu quarto, era tudo um pesadelo. Nada daquilo era real. A voz descuidada de Lucas soou dentro de sua cabeça. *Assassinato*. Autumn sacudia a cabeça quando voltou de costas para o corredor. Não, aquilo era só um jogo. Ouviu uma voz apavorada gritando por Lucas, sem se dar conta de que era a dela própria. Então,

abençoadamente, conseguiu cobrir os olhos com as mãos.

— Tirem-na daqui. — A ordem dada com autoridade por Lucas flutuou em seu cérebro. Ela encontrava-se dentro de uma neblina de tontura. Braços rodearam-na e tiraram-na do quarto.

— Ah, meu Deus. — A voz de Steve era instável.

Quando Autumn teve forças para olhar para ele, viu que seu rosto estava pálido. Ela lutou para não desmaiar e enterrou o rosto no peito dele. Quando iria acordar?

A confusão reinava em torno dela. Ouviu vozes incorpóreas quando

saiu do horror para o choque. Escutava a voz suave de Julia, o tom grave de Jane e a mistura rápida de francês e inglês de Jacques. Então, a voz de Lucas juntou-se às dos outros, calma, fria, como um jato de água gelada:

— Ela está morta. Esfaqueada. O telefone está quebrado, então vou até o povoado para chamar a polícia.

— Assassinada? Ela foi assassinada? Ah, meu Deus! — A voz de Jane elevou-se e, em seguida, tornou-se abafada. Levantando a cabeça, Autumn viu Jane abraçando-se fortemente ao marido.

— Acho que, como precaução,

Lucas, ninguém deve sair do hotel sozinho. — Robert respirou profundamente enquanto tentava acalmar a esposa. — Temos que encarar as implicações.

— Eu vou com ele. — A voz de Steve estava tensa e insegura. — Preciso de ar fresco.

Lucas concordou e, em seguida, olhou para Autumn. Seus olhos não se despregaram dela enquanto falava com Robert

— Tem alguma coisa para fazê-la dormir? Ela pode dormir com Julia esta noite.

— Estou bem. — Autumn conseguiu falar, enquanto afastava-

se do peito de Steve. — Eu não quero nada. — Não era um sonho, era real e ela tinha que aceitar. — Não se preocupem comigo, estou bem. Podem ir. — Mas a histeria ameaçava tomar conta dela, e teve que morder os lábios para impedir-se de chorar.

— Vamos, querida. — O braço de Julia substituiu o de Steve. —Vamos descer e sentar um pouco. Ela vai ficar bem.

— Eu quero...

— Já disse que ela vai ficar bem. — Julia interrompeu o protesto de Lucas com firmeza. — Eu cuido dela. Faça o que tiver de fazer. —

Antes que ele pudesse falar novamente, levou Autumn para o andar de baixo.

— Sente-se — ordenou, acomodando Autumn no sofá. — Acho que precisa de uma bebida.

Olhando para cima, Autumn viu o rosto de Julia se inclinando ao seu.

— Você está pálida — disse, estupidamente, antes que o conhaque queimasse a garganta e pusesse o mundo em foco mais uma vez.

— Não me surpreende — murmurou Julia e afundou-se na mesinha baixa que estava na frente de Autumn. — Melhorou? — perguntou, quando Autumn levantou

a taça novamente.

— Sim, acho que sim. — Respirou profundamente e fixou os olhos nos de Julia. — Está acontecendo mesmo, não está? Ela está mesmo deitada lá em cima?

— Está acontecendo. —Julia acabou de tomar seu conhaque. A cor voltava gradativamente ao rosto. — A vadia finalmente provocou alguém além das medidas.

Espantada com a dureza da voz de Julia, Autumn só conseguiu olhá-la espantada. Calmamente, Julia largou o copo.

— Escute. — O tom era mais suave, mas os olhos continuavam

frios. — Você é uma moça forte, Autumn. Sofreu um choque, um choque muito forte, mas não vai desmoronar.

— Não. — Autumn tentou acreditar e depois disse com mais força: —Não, não vou desmoronar.

— Teremos problemas e você vai ter de encarar. — Julia fez uma pausa, em seguida aproximou-se da outra. — Um de nós a matou.

Parte dela já sabia disso, mas o resto continuava lutando contra a aceitação, bloqueando-a. Agora que a coisa tinha sido dita em termos simples e frios, não podia mais escapar do fato. Autumn concordou

novamente e engoliu o resto do conhaque de um só gole.

— Ela recebeu o que merecia.

— Julia! — Jacques entrou repentinamente na sala. O rosto estava coberto de horror e desaprovação.

— Ah, Jacques, graças a Deus! Me dê um daqueles horríveis cigarros franceses. Dê um para Autumn também, ela precisa.

— Julia. — Ele obedeceu automaticamente. — Não deve falar assim agora.

— Não sou hipócrita. — Julia aspirou profundamente a fumaça do cigarro, estremeceu e tragou

novamente. — Eu a detestava. E a polícia descobrirá logo por que todos a detestávamos.

— *Nom de Dieu!* Como pode falar tão calmamente sobre isso? — Jacques explodiu em uma raiva rápida e passional, que Autumn jamais pensou que ele seria capaz de sentir. — A mulher está morta, assassinada. Você não viu a crueldade do fato. Juro por Deus que preferia também não ter visto.

Autumn tragou com força o cigarro, tentando bloquear o quadro que insistia em voltar à sua mente. Engasgou e tossiu com a fumaça.

— Autumn, desculpe. — A raiva

de Jacques desapareceu e ele sentou-se ao lado dela, passando-lhe o braço por sobre os ombros. — Não devia ter feito você recordar.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça e apagou o cigarro. Ele não iria ajudá-la em nada. —Julia tem razão. Temos de encarar os fatos.

Robert entrou, mas o andar, normalmente leve e suave, estava lento e pesado.

— Dei um sedativo a Jane. — Suspirando, serviu-se também de um conhaque. — Será uma longa noite.

A sala ficou em silêncio. A chuva, que fizera parte de quase toda a noite, já não era audível. Jacques

caminhou pela sala, fumando continuamente, enquanto Robert acendia a lareira. A luz do fogo, o brilho e os estalidos não trouxeram calor. A pele de Autumn continuava arrepiada. Tentando lutar contra o que sentia, serviu-se de outro conhaque, mas percebeu que não conseguiria bebê-lo.

Julia permaneceu sentada. Fumava em tragadas longas e lentas. O único sinal exterior de sua agitação era o contínuo bater das unhas perfeitamente pintadas de rosa contra o braço da cadeira. Esse ruído, o crepitar do fogo e o som agora baixo da chuva não

conseguiam diminuir a força assustadora do silêncio.

Quando a porta da frente abriu-se com um estalo, todos os olhos dirigiram-se para lá. As ondas de tensão aumentaram e ameaçavam rebentar. Autumn esperou para ver o rosto de Lucas. Tudo ficaria bem, de alguma forma, desde que ela pudesse ver seu rosto.

— Não consegui atravessar a passagem — disse tão logo entrou na sala. Tirou a jaqueta ensopada e juntou-se aos outros, para servir-se também de um conhaque.

— Está muito danificada? — Robert olhou de Lucas para Steve,

depois de novo para Lucas. A linha de comando já estava formada.

— Danificada o suficiente para nos manter presos aqui por um ou dois dias — informou Lucas. Engoliu um grande gole de conhaque e ficou olhando pela janela. Não conseguia ver nada além do reflexo do que se encontrava por trás dele.

— Isso, se a chuva parar pela manhã. — Virou-se e estudou o rosto de Autumn profundamente. Mais uma vez, à sua maneira, ele tirava todos os demais da sala, exceto eles dois.

— Os telefones — disse, sentindo a necessidade de dizer alguma coisa.

Qualquer coisa. — O serviço telefônico poderá voltar a funcionar amanhã.

— Não conte com isso. — Lucas passou a mão sobre os cabelos molhados, encharcando o chão da sala. — Segundo o rádio do carro, esta pequena chuva de verão é o resquício de um furacão. Toda esta parte do estado está sem energia — disse, e acendeu um cigarro. — Teremos que esperar para ver.

— Dias. — Steve afundou-se no sofá ao lado de Autumn, com o rosto ainda acinzentado. Ela passou para ele o conhaque que não conseguira tomar. — Podem ser dias.

— Encantador. — Levantando-se, Julia dirigiu-se a Lucas. Tirou o cigarro dos dedos e inspirou a fumaça. — Ora. E o que vamos fazer agora? — disse, com os olhos fixos nele.

— Primeiro, vamos trancar e lacrar o quarto de Helen. — Lucas acendeu outro cigarro. Os olhos permaneciam fixos nos de Julia. — Depois, vamos dormir um pouco.

Capítulo 7

Em algum momento, já quando o dia começava a amanhecer, Autumn conseguiu dormir. Passara a noite de olhos abertos, escutando a respiração suave de Julia a seu lado. Apesar de invejar-lhe a capacidade de dormir naquela situação, Autumn passara a noite lutando contra o cansaço que a vencia. Se fechasse os olhos, talvez

pudesse ver o que vira quando havia entrado no quarto de Helen. Mas, quando seus os olhos se fecharam de vez, o sono foi sem sonhos — o alívio total causado pela exaustão.

Talvez tenha sido acordada pelo silêncio. De repente, encontrou-se totalmente acordada e sentada na cama. Confusa, olhou em volta.

Viu-se rodeada pela desordem de Julia. Lenços de seda e correntes de ouro estavam pendurados por toda parte. Vidros elegantes cobriam a penteadeira. Sapatos pequenos, italianos, com saltos incrivelmente altos, cobriam o assoalho. A memória de Autumn voltou.

Com um suspiro, ela levantou-se, sentindo-se um pouco ridícula na camisola de seda preta de Julia; não era adequada nem lhe servia bem. Quando se olhou no espelho, Autumn ficou feliz por Julia já ter acordado e saído. Ela não queria vestir nenhuma das roupas que sobraram do desastre em seu quarto na noite anterior e preparou-se para vestir de novo a camisa e o jeans que usara na véspera.

Havia um bilhete sobre a roupa. A letra elegante e delicada só poderia ser de Julia:

Querida, escolha uma de minhas calcinhas e uma blusa ou suéter. Acho que minhas calças

não servirão, pois você é magrinha como um lápis. Você não usa sutiã e, de qualquer maneira, a ideia de você usando um dos meus é ridícula.

J.

O bilhete fez Autumn rir, como foi a intenção de Julia. Sentiu-se tão bem, tão normal, que riu de novo. *Julia sabia exatamente como me sentiria*, Autumn percebeu, e sentiu uma onda de gratidão pela simples intenção da amiga. Tomou então um banho, deixando a água quente bater no corpo.

Voltando ao quarto, Autumn pegou uma calcinha transparente. Havia uma coleção delas em tons pastel, que Autumn calculou custarem tanto quanto suas lentes

grande-angulares. Vestiu uma das suéteres de Julia e enrolou as mangas até os cotovelos, já que eram um pouco curtas para ela. Quando saiu do quarto, manteve os olhos firmemente afastados do quarto de Helen.

— Autumn, pensei que você fosse dormir mais.

Ela parou no alto da escada e esperou que Steve a alcançasse. O rosto dele estava cansado, barbado e mais velho do que na noite anterior. Um pequeno fragmento do sorriso de garoto lhe chegou aos lábios, mas não alcançou os olhos.

— Parece que não dormiu o

suficiente — comentou ele, enquanto passava o dedo no rosto dela.

— Duvido que algum de nós tenha dormido bem.

Ele passou um braço por seu ombro.

— Pelo menos, a chuva diminuiu.

— Ah. — Autumn custou um pouco a compreender e sorriu fracamente. — Eu sabia que alguma coisa estava diferente. O silêncio me acordou. Onde... — hesitou, enquanto o nome de Lucas tremia em sua língua. — Onde estão todos? — completou.

— No salão — disse ele, mas levou-a para a sala de jantar. —

Café primeiro. Também ainda não comi nada e você não pode se dar ao luxo de perder mais peso.

— Como você é encantador por me lembrar disso. — Conseguiu produzir um sorriso amigável. Se ele podia esforçar-se para parecer normal, ela também poderia. — Mas vamos comer na cozinha.

Tia Tabby estava lá, como sempre, dando ordens para a subserviente Nancy. Ela virou-se quando entraram e envolveu Autumn em um abraço com seu perfume de lavanda.

— Ah, Autumn, mas que tragédia horrível! Não sei o que fazer. —

Autumn apertou-a. A tia era algo sólido em que podia amparar-se. — Lucas disse que alguém teria matado a coitadinha, mas isso não pode ser possível, não é? — E tia Tabby afastou-se um pouco para olhar o rosto da sobrinha. —Você não dormiu bem, querida. Mas é natural. Sente-se e tome o café. É a melhor coisa a fazer.

Tia Tabby conseguia, Autumn observou, mudar rapidamente de assunto quando queria e era necessário. Começou a cuidar da cozinha, murmurando ordens para Nancy, enquanto Autumn e Steve sentavam-se à pequena mesa.

Autumn sentiu os sons e cheiros simples e normais. Bacon, café, o frigir dos ovos. Autumn teve de concordar que era a melhor coisa a fazer. A comida, a rotina, promoveriam um certo sentido de ordem. E, com a ordem, ela poderia pensar novamente.

Steve sentou-se do lado oposto, tomando café, enquanto Autumn brincava com os ovos em seu prato. Simplesmente não conseguia fazer com que seu apetite normal voltasse, e preferiu conversar. As perguntas que fez a Steve sobre ele próprio eram em geral sem nexo, mas ele percebeu o esforço e tentou manter a

conversa. Ela entendeu, enquanto mordiscava uma torrada distraidamente, que eles estavam apoiando um ao outro.

Autumn descobriu que ele tinha viajado bastante. Atravessara todo o país, exercendo várias funções em seu papel de promotor do conglomerado do pai. Tratava a riqueza com a indiferença casual de alguém que sempre a tinha possuído, mas ela sentiu um conhecimento e uma dedicação com a empresa que lhe dera aquela condição. Falava do pai com respeito e admiração.

— Ele é uma espécie de símbolo de sucesso e engenhosidade — disse

Steve, empurrando a metade de sua refeição em volta do prato. — Ele venceu na vida trabalhando muito. E pesado. — Sorriu e encolheu os ombros. — Ele mereceu o que tem.

— Como ele se sente por você ter enveredado na política?

— É completamente a favor. — Steve olhou para o prato e enviou um olhar significativo para ela. Autumn apenas sorriu e balançou a cabeça. — De qualquer maneira, ele sempre me encorajou a tentar o que eu quisesse, mas que o fizesse da melhor maneira possível. — Sorriu de novo. — Ele é durão, mas desde que eu seja bom no que fizer e

pretenda continuar assim, estaremos satisfeitos. Gosto de trabalhar com papéis. — Fez um gesto com as mãos. — Organizar. Melhorar o sistema dentro do próprio sistema.

— Não pode ser tão fácil quanto está parecendo — comentou Autumn, encorajando o entusiasmo dele.

— Não, mas... — Ele sacudiu a cabeça. — Não me faça começar a falar, que faço um discurso. — Ele terminou sua segunda xícara de café. —Já vou ter que fazer o suficiente quando voltar para a Califórnia e minha campanha começar oficialmente.

— Acabei de reparar que você, Lucas, Julia e Jacques todos são da Califórnia. —Autumn jogou os cabelos para as costas e pensou na coincidência. — É estranho que tanta gente da costa esteja aqui ao mesmo tempo.

— Os Spicer também — tia Tabby acrescentou, do outro lado da cozinha, profundamente concentrada na disposição das tortas no forno. — É, tenho quase certeza de que o dr. Spicer comentou comigo que eles eram da Califórnia. Faz tanto calor e há tanto sol lá no momento. Bem... — Ela deu um tapinha no tabuleiro, como que para dar-lhe confiança

para cuidar de suas tortas... — Preciso arrumar os quartos agora. Mudei você para o quarto ao lado do de Lucas, Autumn. Mas que coisa terrível que fizeram com suas roupas. Vou mandar lavá-las para você.

— Vou ajudá-la, tia Tabby. — Autumn afastou o prato e levantou-se.

— Ah, não, querida, as lavadeiras fazem isso.

Sorrir não era tão difícil quanto Autumn pensara que seria.

— Eu quis dizer com os quartos.

— Ah... — Tia Tabby pensou um pouco e depois estalou a língua. —

Agradeço muito, Autumn, agradeço mesmo, mas... — Levantou os olhos com um ar de incerteza. — Eu tenho meu próprio sistema, sabe? Você só iria me confundir. Está tudo ligado a números.

Deixando Autumn tentando entender o que ela dissera, fez um carinho de desculpas no rosto da sobrinha e saiu da cozinha.

Agora, parecia não haver mais nada a fazer a não ser juntar-se aos outros no salão.

A chuva, apesar de agora ser pouco mais que uma neblina, parecia-se com grades de uma prisão para Autumn. Olhando pela

janela do lounge, desejava desesperadamente que o sol viesse. As conversas não engatavam. Quando alguém falava, era em torno, sobre ou apesar de Helen Easterman. Talvez fosse melhor se eles ficassem trancados em seus quartos, mas a natureza humana os havia unido.

Julia e Lucas, sentados no sofá, falavam ocasionalmente em tons baixos. Autumn encontrava os olhos dele fixos nos dela muito frequentemente. Suas defesas estavam baixas demais para ela pensar no que algum de seus olhares mais profundos pudesse causar a

ela, portanto, ficou de costas para ele e observou a chuva.

— Acho que já está na hora de voltarmos a discutir o assunto — anunciou Julia subitamente.

— Julia. —A voz de Jacques era ao mesmo tempo tensa e preocupada.

— Não podemos continuar assim — declarou Julia. — Ficaremos todos loucos. Steve está fazendo buracos no chão andando de um lado para o outro, Robert já está acabando com a lenha de tanto que a coloca no fogo, e se você fumar outro cigarro, vai acabar desmaiando. — Contrariando o que

ela mesma dissera, acendeu outro cigarro. — A menos que desejemos fingir que Helen esfaqueou a si própria, temos de enfrentar o fato de que um de nós a matou.

Naquele silêncio penetrante que se seguiu, a voz de Lucas flutuou, calma e destacada.

— Acho que podemos eliminar o suicídio. — E observou enquanto Autumn pressionava a testa na vidraça. — E, convenientemente, todos tivemos oportunidade de fazê-lo. Tirando Autumn e a tia, sobramos nós seis.

Autumn virou-se da janela e viu que todos os olhos da sala estavam

fixos nela.

— Por que eu devo ser eliminada? — Ela estremeceu, e levantou os braços, abraçando-se. — Você disse que nós todos tivemos a oportunidade.

— Motivo, gata — disse simplesmente. — Você é a única desta sala que não tinha um motivo.

— Motivo? — A situação tornava-se cada vez mais parecida com um dos filmes que ele escrevia. Ela precisava ligar-se à realidade. — Que espécie de motivo qualquer um de nós teria que ter?

— Chantagem. — Lucas acendeu um cigarro, quando ela o olhou

interrogativamente. — Helen era uma sanguessuga profissional. Pensava que tinha uma mina de ouro com nós todos. — Levantou os olhos diretamente para Autumn. — Só que ela calculou mal.

— Chantagem. — Autumn conseguiu somente murmurar a palavra enquanto olhava espantada para ele. — Você... você está inventando isso. É só uma de suas histórias.

Ele aguardou um instante, com os olhos fixos nos dela.

— Não.

— Como você sabe tanto? — perguntou Steve. Lentamente, os

olhos de Lucas afastaram-se dos de Autumn. — Se ela estava chantageando você, isto não significa necessariamente que estaria chantageando todos nós.

— Como você é esperto, Lucas — exclamou Julia, correndo a mão pelo braço dele, deixando-a descansar depois sobre a dele.

— Eu não imaginava que ela estivesse enfiando suas garras em mais alguém além de em nós três. — Olhou para Jacques, dando de ombros. — Parece que estamos em boa companhia.

Autumn emitiu um pequeno ruído e a atenção de Julia foi chamada

para ela. A expressão era ao mesmo tempo de simpatia e diversão.

— Não fique tão chocada, querida. A maioria de nós tem coisas que não quer que se tornem públicas. Eu poderia ter pagado ela, se tivesse me ameaçado com alguma coisa mais interessante. — Recostando-se no sofá, relatou qual era a chantagem. — Um caso com um senador casado... — Enviou um sorriso luminoso para Autumn. — Acho que já falei sobre ele antes. Isso não me ameaçava nem um pouco, se fosse exposto. Não sou tímida com minhas indiscrições. Mandei-a para o inferno!

Naturalmente, só existe minha palavra sobre isso, não é mesmo?

— Julia, não faça piada. — Jacques esfregou os olhos.

— Desculpe. — Julia sentou-se no braço da poltrona dele e passou a mão por seu ombro.

— Isso é uma loucura. — Incapaz de compreender o que estava acontecendo, Autumn examinava os rostos que a rodeavam. Eram estranhos novamente, escondendo segredos. — O que vocês todos estão fazendo aqui? Por que vieram?

— É muito simples. — Lucas levantou-se e atravessou a sala até chegar junto dela, mas,

diferentemente de Julia, não a tocou.

— Fiz planos pessoais para vir aqui. Helen descobriu. Ela era muito boa para descobrir as coisas... boa demais. Sabia que Julia e Jacques viriam juntar-se a mim. — Virou-se, bloqueando a visão de Autumn dos outros, com o corpo. Seria por proteção, ela perguntou-se, ou por defesa? — Ela deve ter contatado os outros, e feito os arranjos para ter todos os clientes aqui... ao mesmo tempo.

— Você parece saber demais — murmurou Robert. Ficou olhando desnecessariamente para o fogo.

— Não é difícil deduzir —

continuou Lucas. — Eu sabia que ela estava fazendo pequenas ameaças para três de nós; discutimos o assunto. Quando percebi a atenção dela sobre Anderson, você e sua esposa, entendi que ela estava extorquindo mais alguém.

Jane começou a chorar, com soluços fortes e fundos que lhe sacudiam o corpo. Instintivamente, Autumn passou por Lucas, para que ele a consolasse. Antes que ela chegasse ao meio da sala, Jane atingiu-a com um olhar que era como um soco no queixo.

— Você poderia ser a assassina tanto quanto qualquer um de nós.

Você estava nos espionando, levando aquela câmera para todo lado. — A voz de Jane subiu de tom dramaticamente, quando Autumn congelou-se. —Você trabalhava para ela, poderia tê-la matado. Não pode provar que não matou. Eu estava com Robert. — Não havia nada medroso ou bobo nela agora. Seus olhos fuzilavam. — Eu estava com Robert. Ele pode dizer.

Robert passou o braço em torno dela. Sua voz era baixa e confortante enquanto ela soluçava contra seu peito. Autumn não se moveu. Parecia não ter para onde ir.

— Ela ia dizer-lhe que eu estava

jogando de novo, contar sobre todo o dinheiro que perdi. — Ela agarrou-se a ele, com um suspiro triste e aquele vestido marrom. Robert continuou a murmurar e acariciou-lhe os cabelos. — Mas contei para você ontem, eu mesma contei. Não a matei, Robert. Diga para eles que não a matei.

— Claro que não matou, Jane. Todos sabem disso. Agora venha comigo, você está cansada. Vamos subir.

Ele a conduzia pela sala enquanto falava. Seus olhos encontraram-se com os de Autumn como que se desculpando e, ao mesmo tempo,

pedindo compreensão. Ela viu então, naquele instante, que ele amava muito sua mulher.

Autumn afastou-se, humilhada por Jane, com pena de Robert. O leve tremor das mãos demonstrava que ela deparara com mais um choque. Quando Steve passou o braço em torno dela, Autumn apoiou-se nele, agradecida pelo conforto.

— Acho que todos merecemos uma bebida — anunciou Julia. Dirigiu-se ao bar e serviu meio cálice de xerez e levou-o para Autumn. — Você primeiro — ordenou, apertando os dedos em torno do copo. — Autumn parece

estar recebendo o pior disso tudo. E não me parece justo, você não acha, Lucas? — Olhou rapidamente para ele e, em seguida, dirigiu-se de novo para o bar. Ele não respondeu. — Ela, possivelmente, é a única pessoa aqui que sente remotamente pela morte de Helen.

Autumn bebeu, na esperança de que o líquido facilitasse a saída das palavras.

— Ela era um abutre — murmurou Jacques. Autumn viu a mensagem passar entre ele e Julia. — Mas nem mesmo um abutre merece ser assassinado. — Recostando-se, aceitou o copo que

Julia trouxera para ele. Segurou sua mão, quando ela, mais uma vez, sentou-se no braço da poltrona.

— Talvez meu motivo seja o mais forte — disse Jacques e bebeu de uma só vez. — Quando a polícia chegar, serei dissecado e estudado. Como alguma coisa sob o microscópio. — Olhou para Autumn, como se dirigisse sua explicação para ela. — Ela ameaçou a felicidade das duas coisas mais importantes para mim: a mulher que amo e meus filhos. — Os olhos de Autumn dirigiram-se rapidamente para os de Julia. — A informação que ela tinha sobre meu

relacionamento com esta mulher poderia ter prejudicado minha ação pela custódia de meus filhos. A beleza deste amor não significava nada para Helen. Ela teria transformado tudo em alguma coisa feia e sórdida.

Autumn envolveu o copo com as duas mãos. Queria mandar Jacques parar de falar, pois ela não queria ouvir, não queria envolver-se. Mas era tarde demais. Já estava envolvida.

— Fiquei furioso quando ela chegou aqui com aquele sorriso maldoso e olhar venenoso. — Olhou para dentro do copo. — Houve

ocasiões, muitas vezes, em que tive vontade de apertar-lhe o pescoço, tive vontade de machucar-lhe o rosto como alguém fez.

— Sim, e eu me pergunto quem. —Julia mordeu o lábio inferior, pensativa. — Quem fez isso estava furioso, talvez bastante furioso para matar. — Os olhos percorreram os rostos de Steve, Autumn e Lucas.

— Você estava no hotel naquela manhã — afirmou Autumn. A voz soou estranha, fraca, e ela engoliu em seco.

— Estava, sim — Julia sorriu para ela. — Ou disse que estava. Estar sozinha na cama é difícil de

ser aceito como um álibi. Não... — Recostou-se na poltrona. — Acho que a polícia vai querer saber quem socou Helen. Você chegou com ela, Autumn. Viu alguém?

— Não. — Os olhos dirigiram-se instantaneamente para Lucas. Os olhos dele estavam escuros, presos ao rosto dela. Havia sinais da presença de raiva e impaciência que ela conhecia tão bem. Baixou os olhos para a bebida. — Não, eu... — Como ela poderia dizer? Como poderia pensar?

— Autumn já passou pelo suficiente por enquanto. — Steve apertou o braço em torno dela, de

maneira protetora. — Nossos problemas não têm a ver com ela, que não merece estar no meio disso.

— Pobre criança. —Jacques estudou seu rosto pálido e preocupado. — Você entrou num ninho de víboras, *oui*? Vá dormir, esqueça nossa presença por algum tempo.

— Vamos, Autumn, acompanho você. — Steve tirou o copo de suas mãos e colocou-o sobre a mesa. Com um olhar final para Lucas, Autumn acompanhou-o.

Capítulo 8

Não trocaram palavra enquanto subiam a escada. Autumn estava ocupada demais, tentando afastar a dormência do cérebro. Ainda não conseguira absorver tudo o que tinha ouvido. Steve passou com ela rapidamente pela porta do quarto de Helen, antes de parar na porta ao lado da de Lucas.

— É este o quarto de que sua tia

falou?

— É. — Levou as mãos aos cabelos, puxando todo o peso para trás, afastando-os do rosto. — Steve. — Buscou o rosto dele e sentiu que estava prestes a desmaiar. — Tudo aquilo é verdade? Tudo o que Lucas disse? Helen estava mesmo chantageando vocês todos? — Ela percebeu o desconforto nos olhos dele e sacudiu a cabeça. — Não quero saber da vida de vocês, mas...

— Não. — Ele interrompeu-a, depois respirou profundamente. — A esta altura não é mais querer saber de nossas vidas. Você não está

envolvida, mas foi atingida, não foi?

A palavra foi tão adequada, tão próxima do que ela mesma estava pensando, que quase riu. Atingida. Sim, era isso exatamente.

— Parece que McLean atingiu o alvo. Helen tinha informações sobre um contrato que eu havia feito para a companhia, legalmente perfeito, mas... — Ele deu um sorriso sem graça e levantou os ombros. — Talvez não tão perfeito como deveria ter sido. Havia uma dúvida ética, que não ficou muito bem no papel. As partes técnicas são muito complicadas para serem explicadas, mas a questão é que eu não queria

qualquer sombra na minha carreira. Atualmente, se quisermos entrar na política, temos de cobrir todos os ângulos.

— Ângulos — repetiu Autumn e pressionou as têmporas com os dedos. — Sim, suponho que sim.

— Ela me ameaçou, Autumn, e não liguei muito, mas isso não seria suficiente para causar um assassinato. — Ele respirou um pouco ofegante e sacudiu a cabeça. — Mas isso não ajuda muito, não é? Nenhum de nós vai querer admitir mesmo.

— Mesmo assim, agradeço por ter me contado — disse Autumn. Os

olhos de Steve eram gentis enquanto olhava para ela, mas havia linhas de tensão no rosto. — Não é agradável para você ter de explicar.

— Vou ter de explicar para a polícia em breve — disse amargamente em seguida, percebendo a expressão dela. — Não me importo em contar-lhe, Autumn, se você se sente melhor sabendo da verdade. Julia tem razão — seus dedos passaram quase que sem perceber pelos cabelos dela. — É muito mais saudável quando nos abrimos sobre nossos segredos. Mas você já ouviu o suficiente por enquanto. — Sorriu, quando

percebeu que suas mãos estavam sobre os cabelos dela. — Imagino que esteja acostumada com isso. É difícil resistir a seus cabelos. Tive vontade de tocá-los desde a primeira vez em que a vi. Você se importa?

— Não. — Ela não ficou surpresa por descobrir-se nos braços dele, com os lábios dele sobre os seus. Foi um beijo suave, que a confortou mais do que provocou. Autumn relaxou e devolveu o beijo.

— Agora você vai descansar um pouco? — murmurou Steve, apertando-a contra o peito por um instante.

— Sim, sim. Vou. Obrigada. — Afastou-se para poder olhá-lo, mas os olhos foram atraídos para quem estava atrás dele. Lucas estava parado à porta do quarto, observando os dois. Sem falar, desapareceu no interior.

Quando ficou sozinha, Autumn deitou-se sobre a cama enorme e branca, mas o sono não veio. A mente doía de cansaço. O corpo estava até dormente, mas o sono, como um amante desejado, não se aproximava. E o tempo passou, enquanto os pensamentos percorriam cada membro do grupo.

Não sentia outra coisa além de

simpatia por Jacques e os Spicer. Lembrou-se dos olhos do francês, quando ele falou sobre os filhos, e ainda conseguia ver Robert protegendo a esposa, enquanto esta soluçava. Julia, por outro lado, não precisava de simpatia. Autumn tinha certeza de que a atriz saberia se cuidar sozinha; não precisava de braços que a amparassem ou de palavras de conforto. Steve também parecia mais aborrecido do que preocupado pelas ameaças de Helen. Ele também poderia cuidar de si mesmo, pensou. Havia uma sensação de segurança dada pelo brilho californiano. Ele também não

precisaria de Autumn.

Lucas era um caso diferente. Apesar de ter arrancado confissões de todos os outros, fosse qual fosse a ameaça que Helen teria contra ele, continuava sendo um segredo. Parecera muito calmo, muito tranquilo, quando falou em chantagem — mas Autumn conhecia-o bem. Ele era perfeitamente capaz de esconder as emoções quando tinha um motivo para isso. Era um homem duro. Quem melhor do que ela para saber?

Cruel? Sim, ela admitia. Lucas podia ser cruel, ela ainda possuía as cicatrizes para provar o que dizia.

Mas, assassino? Não. Autumn não conseguia imaginar Lucas enfiando qualquer coisa afiada em Helen Easterman. Tesoura, ela se lembrou, apesar de tentar afastar o pensamento. A tesoura que ela encontrara no chão ao lado de Helen. Não, não podia acreditar que ele fosse capaz disso. Não iria acreditar que ele fosse capaz.

Nem podia racionalmente acreditar que isso pudesse partir de qualquer um dos outros. Seriam todos capazes de esconder tanto ódio, tanta feiura, por trás de rostos chocados e olhos assustados?

Mas, naturalmente, um deles era o

assassino.

Autumn tentou afastar o pensamento. Não podia mais pensar naquilo. Não naquele momento. A prescrição de Steve tinha sido válida — ela precisava descansar. Mesmo assim, levantou-se para olhar pela janela, onde só conseguia ver a chuva lenta e odiosa que ainda caía.

A batida na porta soou como uma explosão. Girando, ela abraçou o próprio corpo, como se o protegesse. O coração disparou e a garganta secou com o medo. *Pare!* Ordenou a si mesma. *Ninguém tem qualquer motivo para ferir você.*

— Sim, entre. — A calma de sua voz deixou-a aliviada. Estava conseguindo controlar-se.

Robert entrou. Parecia tão terrivelmente abatido e chocado que automaticamente Autumn dirigiu-se para ele. Nem pensava mais em medo. Ele segurou suas mãos e apertou-as com força.

— Precisa se alimentar — disse, enquanto examinava o rosto da garota. — Isso aparece primeiro no rosto.

— É, eu sei. Minhas covas delicadas transformam-se em crateras muito rapidamente. — Ela o examinou também. — Digo o mesmo

para você.

Ele suspirou.

— Acredito que você seja uma daquelas raras criaturas que são inerentemente delicadas. Peço desculpas por minha esposa.

— Não, não precisa. — Ele suspirou mais profunda e longamente. — Ela não teve a intenção. Estamos todos nervosos. Isto é um pesadelo.

— Ela tem passado por muita tensão. Antes... — Ele interrompeu-se e sacudiu a cabeça. — Está dormindo agora. Sua cabeça. — Ele afastou seus cabelos da testa para examinar o machucado, agora mais

colorido. — Está incomodando muito?

— Não, nem um pouco. Estou bem. — O hematoma parecia até um alívio cômico e ridículo no meio do melodrama do momento — Posso ajudá-la, Robert?

Seus olhos encontraram os dela e afastaram-se em seguida.

— Aquela mulher transformou a vida de Jane num inferno. Se eu ao menos soubesse, teria posto um fim naquilo há muito tempo. — A raiva sobrepujou sua preocupação e ele começou a andar pelo quarto. — Ela atormentou-a muito, tirou cada moeda do dinheiro que Jane

conseguia arranjar. Ela incentivou uma doença, encorajando Jane a jogar para pagar a ela. E eu sem saber de nada! Deveria ter sabido. Ontem, Jane contou-me tudo, e eu pretendia ficar feliz por enfrentar a maldita da Easterman hoje de manhã. — Autumn viu aquelas mãos delicadas, suaves, fecharem-se em punhos. — Que Deus me perdoe, mas esta é a única razão por eu não estar feliz por ela estar morta!

— Robert... — Ela não sabia bem o que dizer, como lidar com esse lado do caráter dele. — Qualquer um se sentiria da mesma forma — disse cuidadosamente. — Ela era

uma mulher má. Feriu alguém que você ama. — Autumn observou os dedos da mão esquerda relaxando um a um. — Não é uma coisa bonita de se dizer, mas nenhum de nós vai sentir a morte dela. Talvez ninguém mais sinta. Acho isso muito triste.

Ele virou-se e fitou-a. Após um momento, pareceu conseguir controlar-se.

— Sinto muito por você ter acabado envolvida nisso tudo. — Seus olhos, que agora já não mais estavam tomados pela raiva, tomaram-se vulneráveis. — Vou ver como está Jane. Você vai ficar bem?

— Vou.

Ela observou-o enquanto ele se afastava e depois afundou em uma cadeira. Cada crise diferente deixava-a mais arrasada. Se fosse possível, ela estava mais fraca agora do que antes. Quando começou essa loucura toda? Há apenas alguns dias, ela estava segura em seu apartamento em Manhattan. Jamais vira nenhuma daquelas pessoas que a abraçavam agora, exceto uma delas.

No exato momento em que pensou nele, Lucas apareceu. Parou junto a ela, olhou-a e franziu a testa.

— Você precisa comer — disse abruptamente. Autumn pensou em

como estava cansada de ouvir aquele diagnóstico. — Estou vendo os quilos saírem de você durante o dia inteiro. Você já é magra demais.

— Adoro galanteios. — A arrogância e as palavras dele reacenderam sua pouca energia. Não tinha mais que aguentar as grosserias de Lucas McLean. — Você não sabe bater na porta?

— Sempre admirei a magreza de seu corpo, gata. Você se lembra. — Levantou-a da cadeira, colocando-a de pé, depois colou seu corpo ao dele. Os olhos dela brilharam com uma raiva súbita. — Parece que o Anderson também descobriu isso.

Passou-lhe pela cabeça que poderia estar beijando um assassino?

Falou suavemente, enquanto acariciava suas costas. Os olhos riam para ela. A raiva aumentou, para ajudá-la a combater o desejo que sentia por ele.

— Um deles pode estar me abraçando agora.

Ele apertou seus cabelos com tanta força que ela gritou de surpresa. A zombaria foi substituída por uma raiva apavorante, que queimava.

— Gostaria mesmo de acreditar nisso, não é? Adoraria me ver na prisão, ou, melhor ainda, pendurado

com uma corda no pescoço. — Ela teria sacudido a cabeça, mas as mãos dele, agarrando seus cabelos, não possibilitavam esse movimento. — Isso seria um castigo adequado por eu tê-la rejeitado, gata? Esse ódio é tão profundo assim? Profundo o suficiente para você mesma me executar?

— Não, Lucas. Por favor, eu não quis dizer...

— Imagine se não quis! — Ele interrompeu o protesto. — A ideia de eu ter sangue em minhas mãos é fácil para você. Você adoraria me colocar no papel do criminoso, não é mesmo? Parado na frente de Helen

com a tesoura na mão.

— Não! — Ela fechou os olhos. — Pare! Por favor, pare!

Ele a estava machucando agora, mas não com as mãos. As palavras doíam mais fundo.

Ele baixou a voz, numa rápida mudança de humor. Um frio correu pelas costas de Autumn.

— Eu poderia ter usado as mãos e ser mais cuidadoso — dizendo isso, apertou os dedos em torno do pescoço de Autumn. Os olhos dela abriram-se imediatamente.

— Lucas...

— É muito simples e não suja nada — insistiu ele, fitando os olhos

arregalados dela. — Também é mais rápido, quando se sabe o que fazer. Mais do meu estilo. Mais... como você disse... direto. Não acha?

— Só está dizendo isso para me assustar. — Sua respiração entrava e saía trêmula dos pulmões. Era como se ele a estivesse forçando a pensar o pior dele, querendo que ela acreditasse que ele fosse capaz de uma coisa tão monstruosa. Ela nunca o tinha visto daquele jeito. Os olhos estavam pretos de fúria, enquanto sua voz era fria, muito fria. Ela estremeceu. — Quero que você saia daqui, Lucas. Saia agora mesmo.

— Sair? — Ele deslizou a mão da

garganta para a nuca. — Não vou fazer isso, gata. — Seu rosto aproximou-se do dela. — Se vou ser executado por assassinato, é melhor aproveitar enquanto posso e enquanto tenho a chance.

E sua boca colou-se à dela. Autumn lutou contra ele, mais assustada do que tinha ficado quando acendera a luz do quarto de Helen. Ela só conseguiu gemer; o movimento era impossível quando ele a impedia. Ele colocou a mão sobre o suéter dela, buscando o seio, com experiência e conhecimento. Os dois corações batiam juntos.

— Como alguém tão magrinha

pode ser tão macia? — murmurou contra sua boca. As palavras que ele tanto dizia no passado causaram-lhe mais agonia do que podia suportar. A fome que ele sentia era monstruosa; era como um animal que tivesse finalmente se libertado da coleira. — Ah, meu Deus, como eu quero você. — As palavras saíram trêmulas enquanto ele beijava o pescoço dela. — Não vou conseguir esperar mais.

Afundaram na cama. Com toda a força que lhe restava, ela lutou contra ele. Prendendo seus braços ao lado do corpo, Lucas olhava-a com uma espécie de fúria.

— Pode morder e arranhar o quanto quiser, gata. Já cheguei no meu limite.

— Vou gritar, Lucas. — As palavras saíram trêmulas de sua boca. — Se me tocar de novo, eu grito.

— Não, não grite.

A boca de Lucas calou a dela, provando que ele estava certo e ela, errada. O corpo moldou-se ao dela, com precisão agridoce. Ela arqueou o corpo uma vez, tentando defender-se, em desespero, mas as mãos dele continuavam a busca, procurando todos os lugares secretos que descobrira três anos antes. Autumn

não conseguia resistir. A exigência violenta, agitada, que sempre temperara seu amor, deixou-a fraca. Ele a conhecia demais. Autumn sabia, antes que ele alcançasse o cós de seu jeans, que não conseguiria evitar que a resistência se transformasse em exigência. Quando sua boca afastou-se da dela para acariciar-lhe o pescoço, ela não gritou, mas gemeu com a necessidade que ele sempre soubera despertar nela.

Ele venceria novamente e ela não faria nada para impedi-lo. As lágrimas correram, depois jorraram dos olhos, enquanto pensava que

logo ele descobriria seu amor desesperado. Até mesmo seu orgulho, pensou, pertencia outra vez a ele.

Lucas parou abruptamente. Todos os movimentos pararam, quando ele se afastou para olhá-la. Ela pensou ter visto, através da visão deformada pelas lágrimas, um lampejo de dor cruzar-lhe o rosto, antes de tornar-se frio e sem emoção. Levantou a mão e colheu uma lágrima na ponta do dedo. Com um gemido súbito afastou o corpo do dela.

— Não, não quero ser responsável por isso novamente. —

Dirigiu-se para a janela e ficou olhando para fora.

Sentando-se na cama, Autumn enterrou a cabeça nos joelhos lutando contra as lágrimas. Tinha prometido a si mesma que ele jamais a veria chorando outra vez. Não por ele. Nunca por ele. O silêncio prolongou-se pelo que pareceu uma eternidade.

— Não vou tocá-la desse jeito outra vez — disse, calmamente. — Tem a minha palavra, pelo que ela vale.

Autumn pensou tê-lo ouvido suspirar, longa e profundamente, antes que se aproximasse dela. Ela

não levantou os olhos, e sim apertou-os mais fortemente.

— Autumn, eu... ah, meu Deus. — Ele tocou-lhe o braço e ela enrolou-se mais, como que para defender-se.

O quarto ficou em silêncio outra vez. A chuva que caía parecia ecoar dentro dele. Quando falou, Lucas tinha a voz áspera e tensa.

— Depois que tiver descansado, não deixe de comer alguma coisa. Vou pedir a sua tia para trazer-lhe alguma coisa numa bandeja, se não descer para o jantar. Não deixarei que ninguém a perturbe.

Ela o ouviu saindo e o ruído baixo da fechadura. Sozinha,

continuou enrolada como uma bola, deitada na cama. E, finalmente, a tempestade de lágrimas induziu-a ao sono.

Capítulo 9

Estava escuro quando Autumn acordou, mas ela não se sentiu descansada. O sono tinha sido somente um alívio temporário. Nada havia mudado enquanto ela estava dormindo. Não, pensou, enquanto olhava a sua volta por todo o quarto, ela estava errada. Alguma coisa havia mudado. Estava tudo quieto. Verdadeiramente quieto. Levantou-

se e foi até a janela. Viu a lua e o brilho das estrelas. A chuva tinha parado.

Àquela luz suave, foi até o banheiro e lavou o rosto. Não tinha certeza se teria coragem de olhar-se no espelho. Deixou a toalha molhada descansar contra os olhos por um longo tempo, esperando que não estivessem tão inchados quanto os sentia. Sentia algo mais. Fome. Era um sinal saudável, decidiu. Um sinal normal. A chuva parara e o pesadelo estava prestes a acabar. E agora ela iria comer.

Os pés descalços não perturbaram o silêncio que pairava sobre o hotel.

Ela sentiu-se aliviada. O que queria agora era comida, não companhia. Mas quando passou pelo salão, ouviu vozes. Não estava sozinha, afinal de contas. Divisou as silhuetas de Jacques e Julia contra a janela. A conversa era baixa e urgente. E antes que pudesse dissolver-se de novo nas sombras, Julia virou-se e a viu. A conversa parou abruptamente.

— Ah, Autumn, afinal deu sinal de vida. Pensamos que só a veríamos amanhã de manhã. — Deslizou até a moça e amigavelmente passou-lhe um braço pela cintura. — Lucas queria mandar

uma bandeja para você, mas Robert não deixou. As ordens do médico foram para deixá-la dormir o quanto quisesse. Deve estar morrendo de fome. Vamos ver o que tia Tabby deixou para você.

Julia falava o tempo todo e, intencionalmente, afastava Autumn do salão. Autumn conseguiu ver de relance que Jacques continuava parado junto da janela, sem se mover. Autumn deixou-se levar, faminta demais para querer discutir.

— Sente-se, querida — ordenou Julia, quando conseguiu levar Autumn para a cozinha. — Vou preparar um banquete para você.

— Julia, não precisa preparar nada para mim. Agradeço muito, mas...

— Vou representar a mãe, agora — interrompeu Julia, pressionando os ombros de Autumn, até esta ficar totalmente sentada. — Você já passou da fase da teimosia, então eu até curto bastante.

Recostando-se na cadeira, Autumn conseguiu sorrir.

— Não vá me dizer que sabe cozinhar.

Julia lançou-lhe um olhar superior.

— Acho que não deve comer nada pesado a esta hora da noite — disse,

carinhosamente. — Sobrou uma sopa maravilhosa do jantar, e vou preparar-lhe minha especialidade: omelete de queijo.

Autumn decidiu que observar Julia Bond em afazeres na cozinha devia valer um quilo de ouro, pelo preço de mercado. Parecia também ser competente o suficiente para manter uma conversa que não exigisse uma grande concentração para acompanhar. Com uma reverência, colocou um copo de leite diante de Autumn.

— Não gosto muito de leite — começou Autumn, dando uma olhada para a cafeteira.

— Pois beba tudo — ordenou Julia. — Precisa de cor nesse rosto. Está com um aspecto terrível.

— Obrigada.

Uma fumegante canja de galinha seguiu o leite. Autumn atacou-a com grande intensidade. Os membros perderam um pouco da fraqueza.

— Isso. Boa menina — aprovou Julia, enquanto preparava a omelete. — Está parecendo um ser humano novamente.

Autumn levantou os olhos e sorriu.

— Julia, você é maravilhosa.

— Sim, eu sei. Nasci assim. — Tomava café enquanto observava

Autumn devorar a omelete. — Que bom que conseguiu descansar. Este dia foi como um século.

Pela primeira vez, Autumn reparou nas sombras sob os olhos azuis e sentiu uma ponta de culpa.

— Desculpe. Você deveria estar na cama, não me servindo.

— Meu Deus, mas você é um doce. —Julia pegou um cigarro. — Não tenho a menor vontade de subir para o quarto até me sentir completamente exausta. E estou egoisticamente preparada para mantê-la comigo até que isso aconteça. E, realmente, Autumn — acrescentou, observando-a através

de uma nuvem de fumaça —, acho que não é muito bom você ficar andando por aí sozinha.

— Como? — Autumn levantou os olhos e franziu a testa. — O que quer dizer?

— Foi seu quarto que foi invadido. — Julia recordou.

— Sim, mas... — Ela ficou surpresa por perceber que tinha quase esquecido a invasão de seu quarto, depois de tudo que havia acontecido. — Deve ter sido Helen —disse ela.

— Ah, duvido — disse Julia, e continuou a fumar, contemplativa. — Duvido muito. Se Helen tivesse

invadido seu quarto, seria para procurar alguma coisa que pudesse usar contra você. Teria sido bem cuidadosa. Nós pensamos muito sobre isso.

— Nós?

— Bem, eu pensei muito sobre isso — corrigiu Julia rapidamente. —Acho que quem rasgou suas roupas estava procurando alguma coisa e que depois cobriu a busca com uma destruição em massa.

— Procurando o quê? — perguntou Autumn. — Não tenho nada que pudesse interessar a ninguém aqui.

— Não tem? —Julia passou a

ponta da língua sobre os dentes. — Estive pensando no que aconteceu no estúdio de revelação.

— Quer dizer, quando a energia acabou? — Autumn sacudiu a cabeça e tocou o ferimento da testa. — Eu bati de cara na porta.

— Foi mesmo? —Julia sentou-se, reclinou-se e ficou observando a lâmpada do teto. — Fico me perguntando. Lucas me disse que você ouviu alguém mexendo na maçaneta. E se... — Voltou a olhar para Autumn. — E se alguém abriu a porta com força e bateu com ela em sua cabeça?

— Estava trancada — insistiu

Autumn, mas depois lembrou-se de que ela estava aberta quando Lucas a encontrou.

— Existem chaves, querida. — Observou atentamente o rosto de Autumn. — Em que está pensando?

— A porta estava aberta quando Lucas... — Ela interrompeu-se e sacudiu a cabeça. — Não, Julia, é ridículo. Por que alguém iria querer fazer aquilo comigo?

Julia levantou a sobrancelha.

— Pergunta interessante. E quanto a seu filme estragado?

— O filme? — Autumn sentiu-se sendo puxada para o fundo de um abismo. — Só pode ter sido um

acidente.

—Você não o estragaria, Autumn, é tão competente — disse, e ficou esperando, enquanto Autumn espalmou as mãos sobre a mesa e ficou olhando para elas. — Tenho observado você. Seus movimentos são tão fluidos, tão seguros. E você é uma profissional. Não estragaria um rolo de filme sem estar consciente disso.

— Não — concordou Autumn e olhou outra vez para cima. Os olhos estavam firmes novamente. — O que está tentando me dizer?

— E se alguém estivesse preocupado por você poder ter

tirado uma foto que não queria que fosse revelada? O filme de seu quarto também estava estragado.

— Consigo acompanhar sua lógica até aí, Julia. — Autumn colocou de lado o resto da omelete. — Mas continuamos em um beco sem saída. Não tirei nenhuma foto com a qual alguém pudesse estar preocupado. Estava tirando fotos da paisagem. Árvores, animais, o lago.

— Talvez alguém não tenha certeza disso. — Apagou o cigarro com um movimento rápido e inclinou-se à frente. — Se alguém estiver preocupado o suficiente sobre uma foto para arriscar-se a

destruir seu quarto e deixá-la inconsciente, é perigoso. Perigoso o bastante para matar. Perigoso o bastante para feri-la novamente, se necessário.

Olhando Julia com os olhos arregalados, Autumn controlou um tremor.

— Jane? Jane me acusou de espionar, mas ela não poderia...

— Ah, sim, poderia. — A voz de Julia mais uma vez estava firme e definitiva. — Encare os fatos, Autumn, qualquer um, motivado o suficiente, é capaz de matar. Qualquer um.

Os pensamentos de Autumn

voltaram para Lucas e para o olhar dele quando passou a mão em torno do pescoço dela.

— Jane estava desesperada. — continuou Julia. — Ela afirma que confessou tudo para Robert, mas que provas temos? Ou Robert, furioso com o que Helen fez sua mulher passar, poderia ter feito ele mesmo. Ele ama muito Jane.

— É, eu sei. — A raiva súbita e violenta nos olhos de Robert voltaram à sua mente.

— Também temos Steve. — Os dedos de Julia começaram a tamborilar na mesa. — Ele diz que Helen descobriu sobre um negócio

malfeito dele, qualquer coisa que prejudicaria muito sua carreira política. Ele é muito ambicioso.

— Mas Julia...

— E existe Lucas. — continuou Julia como se Autumn não tivesse dito nada. — Existe o fato de um processo delicado de divórcio. Helen tinha informações que, afirmava, interessariam a um certo marido enganado. — Acendeu outro cigarro e deixou seu sorriso voar e desaparecer. — Lucas é conhecido por seu temperamento forte. É um homem de atitudes físicas.

Autumn enfrentou seu olhar com firmeza.

— Lucas é muitas coisas, muitas delas nem um pouco admiráveis, mas ele não mataria.

Julia sorriu, mas não disse nada quando levou o cigarro aos lábios.

— E chegamos a mim. — O sorriso alargou-se. — É claro que disse que não ligo para as ameaças de Helen, mas sou uma atriz. E muito boa. Tenho um Oscar para prová-lo. Como Lucas, meu temperamento forte não é segredo para ninguém. Poderia dar uma lista de diretores que lhe diriam que sou capaz de qualquer coisa. — Vagarosamente, bateu a cinza do cigarro no cinzeiro. — No entanto, se eu a tivesse

matado, teria arranjado a cena de modo diferente. Eu mesma teria descoberto o corpo, gritado e depois desmaiado magnificamente. Mas você roubou meu espetáculo.

— Isso não tem graça nenhuma, Julia.

— Não — concordou, e esfregou as têmporas. — Não tem. Mas a possibilidade que eu tenha matado Helen permanece, e você confia muito nas pessoas.

— Se você a tivesse matado, por que iria me prevenir?

— Blefe e duplo blefe — respondeu Julia com um novo sorriso que causou arrepios em

Autumn. — Não confie em ninguém, nem mesmo em mim.

Autumn não permitiria que ninguém a assustasse, nem mesmo Julia, apesar de ela parecer estar determinada a conseguir isso. Continuou olhando em seus olhos.

— Você não incluiu o Jacques.

Para surpresa de Autumn, os olhos de Julia tremeram e depois baixaram. Seus dedos esmagaram o cigarro com força suficiente para quebrar o filtro.

— Não, não incluí. Suponho que ele deva ser visto através de seus olhos como o resto de nós, mas eu sei... — Ela levantou os olhos

novamente e Autumn viu a vulnerabilidade que transparecia neles. — Sei que ele não é capaz de ferir ninguém.

— Você está apaixonada por ele.

Julia sorriu, um sorriso lindo.

— Amo muito Jacques, mas não do jeito que você pensa. — Levantou-se, servindo para ambas outra xícara de café. — Conheço Jacques há dez anos. É a única pessoa do mundo de quem gosto mais do que de mim mesma. Somos amigos, amigos verdadeiros, talvez porque nunca tenhamos sido amantes.

Autumn bebeu aquele café puro.

Queria entender. *Ela o protegeria*, pensou. *Ela o protegeria a qualquer custo*.

— Tenho uma fraqueza por homens — continuou Julia — e me deixo levar por ela. Com Jacques, o momento ou o lugar nunca eram os certos. No final a amizade era importante demais para nos arriscarmos a estragar tudo na cama. Ele é um homem bom, gentil. O maior erro que ele cometeu foi casar-se com Claudette.

A voz de Julia assumiu um tom duro. Voltou a bater com as unhas na mesa, mais rapidamente do que antes.

— Ela fez o possível para comê-lo vivo. Durante muito tempo, ele tentou manter o casamento por causa das crianças. Mas não foi possível. Não vou entrar em detalhes: eles chocariam você. — Acariciou a cabeça de Autumn e olhou-a com um sorriso, que a remeteu à adolescência. — E, de qualquer maneira, este é o segredo terrível de Jacques. Ele não se divorciou dela, apesar de ter todos os direitos, mas deixou que ela o processasse.

— E Claudette ficou com as crianças.

—Isso mesmo. Ele quase morreu quando ela ganhou a custódia dos

filhos, que ele adora. E, devo admitir, eles são uns monstrinhos muito doces. — Parou de bater as unhas para pegar a xícara de café

— Bom, resumindo, Jacques entrou com um pedido de custódia há um ano. Conheceu alguém logo depois. Não posso dizer-lhe seu nome... você a reconheceria e tenho a confiança de Jacques. Então, Helen pulou em cima deles.

Autumn sacudiu a cabeça sem entender.

— Por que eles simplesmente não se casaram?

Julia recostou-se, com um suspiro divertido.

— Se a vida fosse tão simples assim... Jacques é livre, mas sua amada só estará livre daqui a alguns meses. Eles não querem outra coisa na vida a não ser casar, trazer os monstrinhos de Jacques para os Estados Unidos e ter mais tantos outros quanto puderem. São loucos um pelo outro.

Julia tomou outro gole do café, que esfriava.

— Eles não podem viver juntos abertamente antes que esse detalhe da custódia fique decidido, então, alugaram uma casinha no campo. E Helen descobriu. Você pode imaginar o resto. Jacques pagou a

ela, por causa dos filhos, e porque o divórcio de sua amada não está sendo tão tranquilo como deveria ser, mas quando Helen apareceu aqui, ele tinha alcançado seu limite. Discutiram sobre isso uma noite, aqui no salão. Ele disse que ela não receberia nem mais um centavo. E tenho certeza de que, independentemente de quanto Jacques tenha pagado a ela, Helen ainda estaria disposta a entregar a informação para Claudette, por um preço.

Autumn encarou-a, sem conseguir falar. Nunca vira Julia parecer tão fria. Viu aquele rosto lindo tomar-se

implacável. Julia olhou de volta para ela, depois sorriu com um divertimento verdadeiro.

— Ah, Autumn, você é como um livro aberto! — A máscara dura tinha desaparecido, deixando seu rosto suave e encantador novamente. — Afinal de contas, agora, você está pensando que matei Helen. Não por mim, mas por Jacques.

Autumn só conseguiu dormir depois que o dia raiou. Mas não foi um sono profundo e vazio causado pelos medicamentos ou pela exaustão, e sim um sono agitado e cheio de sonhos confusos.

No princípio, só havia sombras

vagas e vozes murmuradas, flutuando por sua mente, que a impediam de ver ou ouvir com mais clareza. Lutou para manter o foco nelas. As sombras moviam-se, as formas começavam a ficar mais nítidas, e voltavam a se tornar difusas e desordenadas. Ela tentou reunir toda sua determinação contra elas, querendo ouvir mais do que sons e sussurros. E, subitamente, as sombras evaporaram-se. E as vozes aumentaram dentro de seus ouvidos.

De olhos desvairados, Jane esmagava a câmera de Autumn com os pés. Gritava, apontando uma tesoura para manter Autumn à

distância.

— Espiã! — gritava, enquanto o som de vidro quebrado da câmera ecoava como um tiro. — Espiã!

Para escapar da loucura e das acusações, Autumn virou-se. Cores giraram em tomo dela, e, depois, viu Robert.

— Ela atormentava minha mulher. — O braço dele continha fortemente o de Autumn, apertando-o com força, tirando-lhe o fôlego. — Você precisa comer — disse, suavemente. — Seu rosto mostra essa necessidade. — Ele sorria, mas agora era uma máscara grotesca. Soltando-se, Autumn encontrou-se

no corredor.

Jacques veio em sua direção. Havia sangue nas mãos dele. Os olhos estavam tristes e aterradores, quando ele os dirigiu a Autumn.

— Meus filhos. — Havia um tremor em sua voz, enquanto ele fazia gestos para ela. Virando, se deparou com Steve.

— Política — disse ele com um sorriso brilhante, de garoto. — Nada pessoal, só política. — Pegou os cabelos dela e os enrolou em torno da garganta. —Você enredou-se no meio disto tudo, Autumn. — Seu sorriso transformou-se em um traço fino, ao mesmo tempo em que

apertava o laço. — Que pena.

Conseguindo livrar-se, ela caiu através de uma porta. Julia estava de costas para ela. Vestia aquele *négligé* de renda branca, lindo.

— Julia! — No sonho, a urgência da voz de Autumn vinha em câmera lenta. — Julia, me ajude!

Quando Julia virou-se para ela, o sorriso lento de gata estava em seu rosto e a renda estava toda manchada de vermelho.

— Blefe e duplo blefe, querida. — Riu, jogando a cabeça para trás, com seu riso rouco. Com o som ainda girando em sua cabeça, Autumn apertou as mãos contra seus

ouvidos e correu.

— Volte para a mamãe! —Julia chamou, ainda rindo, quando Autumn saiu correndo pelo corredor.

Havia uma porta bloqueando sua passagem. Autumn escancarou-a e entrou. Só sentia uma necessidade desesperada de fugir. Mas entrara no quarto de Helen. Apavorada, Autumn virou-se para sair e encontrou a porta trancada às suas costas. Esmurrou-a, mas somente ouviu o som surdo e seco. O medo agora a dominara por completo, o medo primitivo dos mortos. Não podia continuar ali. Não ficaria. Virou-se, pensando em escapar pela

janela.

Já não era mais o quarto de Helen, mas o dela própria. Havia grades nas janelas, grades cinzentas e líquidas de chuva, mas quando corria em sua direção, elas se solidificavam, prendendo-a no quarto. Ela empurrou e puxou, mas elas eram frias e imóveis em suas mãos. De repente, Lucas estava atrás dela, puxando-a para si e rindo, enquanto a virava para ele, em seus braços.

— Pode morder e arranhar o quanto quiser, gata.

— Lucas, por favor! — Sua voz continha uma histeria que nem o

sonho conseguia abafar. — Eu amo você. Eu amo você. Ajude-me a sair. Ajude-me a ir embora!

— Tarde demais, gata. — Seus olhos estavam sombrios, firmes e, ao mesmo tempo, divertidos. — Eu avisei para não me provocar demais.

— Não, Lucas, você não! — Agarrou-se a ele, que passou a beijá-la dura e apaixonadamente. — Eu amo você. Sempre vou amar. — Ela rendeu-se a seus braços, à sua boca. Ali estava sua fuga, sua segurança.

Então, viu a tesoura em sua mão.

Capítulo 10

Autumn sentou-se de um salto na cama. Estava molhada de um suor frio que a fazia tremer. Durante o pesadelo, tinha chutado os lençóis e as mantas e estava agora somente coberta por uma camisola ensopada. Sentindo a necessidade de se aquecer, puxou a manta embolada em torno de si e abraçou-a.

Foi só um sonho, disse para si

mesma, esperando que sua nitidez desaparecesse. *Foi apenas um sonho*. E bastante natural, depois da conversa que tivera com Julia. E os sonhos não podiam feri-la. Autumn desejou ardentemente agarrar-se a essa ideia.

Era de manhã. Ainda tremia, enquanto observava a luz matinal derramar-se pela janela. Sem grades. Aquilo tudo tinha acabado, juntamente com a noite. Logo os telefones estariam funcionando. A água na passagem baixaria. A polícia chegaria. Autumn sentou-se enrolada no cobertor e esperou para recuperar o fôlego.

No final do dia, ou amanhã, o mais tardar, tudo estaria oficialmente organizado. As perguntas seriam respondidas, anotações seriam tomadas, as rodas da investigação começariam a girar, transformando tudo em fatos e realidade. Lentamente, seus músculos começaram a relaxar e ela soltou a manta, que agarrava com desespero.

A imaginação de Julia tinha fugido do controle, decidiu Autumn. Estava tão acostumada com o drama de sua profissão que tinha criado toda aquela cena. A morte de Helen era um fato duro e frio. Nenhum

deles poderia evitá-lo. Mas Autumn agora tinha certeza de que as duas desgraças não estariam ligadas. “Se pretendo continuar em meu juízo perfeito até a chegada da polícia”, pensou, “tenho de acreditar nisso”.

Já mais calma, Autumn permitiu-se pensar. Sim, ocorrera um assassinato. Não havia engano possível quanto a isso. O assassinato é um ato violento e, neste caso, havia sido algo pessoal. Não tinha o menor envolvimento com aquele caso. Não havia qualquer correlação. O que acontecera no estúdio fora somente um acidente. Esta era a explicação

mais limpa e mais razoável. Quanto à invasão de seu quarto... Autumn encolheu-se. Só podia ter sido Helen. Era uma mulher má, capaz de tudo. A destruição das roupas de Autumn e de seus pertences pessoais tinha sido um ato mau, vingativo. Por alguma razão particular, Helen não gostava dela. Não havia qualquer outra pessoa no hotel que tivesse algum motivo para sentir tanta hostilidade contra ela.

Exceto Lucas. Autumn sacudiu a cabeça com firmeza para afastar aquele pensamento, mas ele continuou lá dentro. *Exceto Lucas*. Abraçou de novo a manta, sentindo

muito frio.

Não, nem isso fazia sentido. Lucas é que a rejeitara, não o contrário. Ela o amara. E ele, muito simplesmente, não a amara. *Isso importaria para ele?* A voz dentro de seu cérebro argumentava com a voz de dentro de seu coração. Ignorando o frio que sentia no estômago, Autumn forçou-se a considerar, de forma não passional, Lucas no papel de assassino.

Desde o princípio ficara óbvio que ele estava sob tensão. Não dormia bem e andava tenso. Autumn o conhecera no meio do esforço da produção de um livro, durante uma

semana de pouco sono e muito café, mas ele nunca demonstrara quaisquer sintomas. Toda a sua energia ficava estocada para afluir quando necessitasse dela. Não, de tudo o que se lembrava, nunca tinha visto Lucas McLean cansado. Até agora.

A chantagem de Helen devia tê-lo perturbado profundamente. Autumn não conseguia imaginar Lucas preocupando-se com publicidade, adversa ou não. A mulher envolvida no divórcio deveria significar muito para ele. Fechou os olhos, sentindo uma pontada de dor, e forçou-se a continuar.

Por que ele teria vindo para o Pine View Inn? Por que teria escolhido um local tão remoto, quase a um continente de distância da sua casa? Para trabalhar? Autumn sacudiu a cabeça. Não fazia sentido. Sabia que Lucas nunca viajava quando estava escrevendo. Fazia suas pesquisas primeiro, extensivamente se necessário, antes de começar. No momento que já tinha um enredo na cabeça, enterrava-se em sua casa de praia durante todo o tempo de trabalho. Vir a Virgínia para escrever em paz? Não. Lucas McLean teria escrito até no metrô das 5hl5 se tivesse

escolhido assim. Ela não conhecia outra pessoa que tivesse a habilidade dele de abstrair outras pessoas.

Portanto, o motivo para ter vindo ao hotel teria de ser muito diferente. Autumn perguntou-se se Helen teria sido tanto um peão quanto uma manipuladora. Teria Lucas atraído Helen para aquele ponto remoto, cercando-a de pessoas com motivos para odiá-la? Ele era suficientemente esperto e calculista para agir assim. Pensou que seria muito difícil provar qual dos seis a teria matado. Motivo e oportunidade, ele dissera, e as seis

pessoas possuíam ambos. Por que um deles deveria ser examinado com maior atenção do que os outros?

Este cenário teria sido atraente para ele, pensou, enquanto olhava para as montanhas e para os pinheiros. Era óbvio, como Lucas o definira. Um cenário óbvio para um assassinato. Mas, como Jacques constatara, a vida sempre era muito óbvia.

Não quis se deter naquele pensamento. Ele lhe trazia a sensação do pesadelo de volta. Obrigando-se a sair da cama, Autumn começou a vestir o jeans surrado e a suéter que Julia lhe

emprestara na noite anterior. Não queria passar outro dia ruminando dúvidas e medos. Seria melhor fixar-se na certeza de que a polícia chegaria em breve. Não era função dela decidir quem tinha matado Helen.

Quando começou a descer as escadas, sentiu-se melhor. Daria um passeio longo e solitário depois do café e tiraria as teias de aranha da mente. Só o pensamento de sair do hotel levantou seu ânimo.

Mas a confiança desapareceu quando viu Lucas ao pé da escada, observando-a atenta e silenciosamente. Seus olhos

encontraram-se por um instante, breve mas arrasador, antes de ele afastar-se.

— Lucas — ouviu-se chamando, antes de poder interromper-se.

Ele parou e virou-se para olhá-la novamente. Autumn reuniu toda a sua coragem e desceu rapidamente os degraus restantes. Tinha dúvidas e teria que esclarecê-las. Ele ainda era muito importante para ela. Parou no último degrau, de modo a que seus olhos ficassem no mesmo nível. Os dele não lhe diziam nada. Pareciam olhar através dela, aborrecidos e impacientes.

— Por que você veio para cá? —

Autumn perguntou-lhe rapidamente. — Para o Hotel Pine View? — Queria que ele lhe desse qualquer razão e ela queria aceitá-la, fosse qual fosse.

Lucas olhou-a intensamente por um momento. Houve, por um segundo, algo em seu rosto que ela poderia ter lido, mas desapareceu tão rápido que não conseguiu decifrar.

— Digamos que vim simplesmente para escrever, Autumn. Qualquer outra razão foi eliminada.

Não havia a menor expressão em sua voz, mas as palavras deixaram-

na gelada. *Eliminada*. Estaria usando uma palavra tão limpa para definir assassinato? O horror que ela sentiu apareceu em seu rosto e ela ficou observando seu cenho franzido.

— Gata...

— Não. — Antes que ele pudesse falar novamente, ela afastou-se dele. Ele lhe daria uma resposta, com certeza, mas não seria a que ela queria aceitar.

Os outros já estavam à mesa. O sol iluminara superficialmente os estados de espírito e, por um acordo tácito e conjunto, a conversa tomou um rumo geral, sem nenhuma menção

a Helen. Todos precisavam de uma ilha de normalidade, antes da chegada da polícia.

Julia, parecendo renovada e encantadora, conversava amenidades. Sua atitude era tão normal — chegando mesmo a ser alegre — que Autumn perguntou-se se sua conversa na cozinha seria tão irreal quanto seu pesadelo. Novamente, flertava com todos os homens da mesa. Dois dias de horror não tinham amenizado seu estilo.

— Sua tia cozinha maravilhosamente bem — disse Jacques, enquanto saboreava uma

panqueca leve e fofa. — Isso me surpreende às vezes, porque ela tem um ar tão desligado e encantador. Mesmo assim, lembra-se de pequenos detalhes. Esta manhã, ela me disse que guardou um pedaço da torta de maçã para mim, para eu comer no almoço. Não esqueceu como gosto dela. Depois, quando lhe beijei a mão por ter sido tão encantadora, sorriu e afastou-se rapidamente, e a ouvi falando qualquer coisa sobre toalhas e pudim de chocolate.

O riso que se seguiu a essa observação foi tão normal que Autumn teve vontade de abraçá-la.

— Ela tem uma memória melhor para o apetite dos hóspedes do que para os da família — observou Autumn, sorrindo para ele. — Ela decidiu que meu prato preferido é bife de caçarola e prometeu fazê-lo todas as semanas, quando, na verdade, é o favorito de meu irmão, Paul. Ainda não consegui imaginar um jeito de ela descobrir que prefiro espaguete.

Apertou o garfo quando sentiu uma dor aguda. Pôde ver-se nitidamente derramando o molho do espaguete na cozinha de Lucas, enquanto ele fazia tudo o que podia para agradá-la. Será que nunca iria

livrar-se das lembranças? Depressa, voltou à conversa.

— Tia Tabby parece flutuar em torno do resto do mundo — continuou. — Lembro-me de uma vez, quando éramos pequenos, que Paul roubou umas pernas de rã, que estavam em formol, de nossa classe de biologia. Ele as trouxe quando viemos de férias e entregou-as para tia Tabby, esperando por uns gritos da parte dela. Ela pegou, sorriu, e disse que as comeria mais tarde.

— Ai, nossa! —Julia levou a mão à garganta. — Mas ela não comeu de verdade, não foi?

— Não — Autumn sorriu. — Eu a

distraí, o que, naturalmente, é a coisa mais fácil do mundo, e Paul desistiu de seu projeto de biologia. Ela nunca sentiu falta das pernas de rã.

— Preciso lembrar de agradecer a meus pais por ser filha única — murmurou Julia.

— Não posso imaginar-me crescendo sem Paul e Will. — Antigas lembranças passaram pela cabeça de Autumn, fazendo-a sorrir. — Nós três éramos muito unidos, mesmo quando nos atormentávamos.

Jacques riu, possivelmente lembrando-se dos filhos.

— Sua família passa muito tempo

aqui?

— Não tanto quanto costumávamos passar. — Autumn levantou os ombros. — Quando eu era criança, todos vínhamos passar um mês aqui, durante o verão.

— Para passear pelo bosque? — perguntou Julia, com um brilho maldoso nos olhos.

Autumn devolveu-lhe o levantar de sobrancelhas, imitando o gesto de Julia.

— Isso, e às vezes acampávamos. — Continuou, divertida pela expressão da amiga. — Andávamos de barco e nadávamos no lago.

— Andar de barco — comentou

Robert, aparentemente lembrando-se de alguma coisa. — Autumn virou-se para ele, curiosa. — Esse é o meu único vício. Nada melhor do que velejar, não é, Jane? Fez um carinho na mão da esposa. — Jane é uma ótima navegadora. O melhor auxiliar que já tive. — Disse, e olhou para Steve. — Imagino que você também deva ter velejado.

Steve respondeu com um movimento rápido de cabeça.

— É uma pena, mas sou péssimo marinheiro. Nem sei nadar.

— Está brincando! — Essas palavras vieram de Julia, que o olhava, sem poder acreditar.

Admirou-o com grande aprovação.

— Pois você parece capaz de atravessar o canal da Mancha.

— Não sei nem segurar um remo — confessou ele, mais divertido do que embaraçado. Sorriu e completou a fala com um gesto de seu garfo. — Mas compenso essa falha com esportes terrestres. Se tivéssemos uma quadra de tênis aqui, eu me redimira .

— Tudo bem. — Jacques encolheu os ombros, de maneira característica. —Vai ter que se contentar com escaladas. As montanhas daqui são lindas. Espero um dia trazer meus filhos.

Franziu a testa e fixou o olhar na xícara de café.

— Amantes da natureza! — A observação sorridente de Julia evitou que o ambiente se tornasse novamente pesado. — Pois prefiro a neblina de Los Angeles em qualquer época. Vou olhar para suas montanhas e esquilos nas fotos de Autumn.

— Vai ter de esperar até eu adquirir novo equipamento. — Esforçou-se para manter uma voz despreocupada, evitando deprimir-se pela perda. Ainda não podia se acostumar com a ideia de a câmera ter sido destruída. — Perder aquele

filme é como perder um membro, mas estou tentando ser valente a esse respeito. — Comeu uma porção de panqueca e encolheu os ombros. — E poderia ter perdido quatro rolos, em vez de três. As fotos que tirei do lago foram as melhores e devo conformar-me com isso. A luz estava perfeita naquela manhã e as sombras...

Ficou recordando o momento em que tirou aquelas fotos. Podia ver-se, de pé sobre o precipício, olhando para a água cristalina e para as árvores espelhadas nela. E para as duas figuras que caminhavam na margem oposta. Foi a manhã em que

encontrou Lucas no bosque, depois Helen, que tinha um feio ferimento sob o olho.

— Autumn?

A voz de Jacques trouxe-a de volta ao presente.

— Desculpe. Sim?

— Alguma coisa errada?

— Não, eu... — Olhou para seus olhos curiosos. — Não.

— Pensei que a luz e a sombra fossem a verdadeira essência da fotografia. — Comentou Julia para desmanchar aquele silêncio constrangedor. — Mas sempre me preocupo mais em olhar para dentro das lentes, do que através delas.

Lembra daquele homenzinho horrível, Jacques, que costumava surgir nos momentos mais extraordinários e botar uma câmera no meu rosto? Como era mesmo o nome dele? Só que acabei gostando dele. — Julia chamara toda a atenção para si mesma de uma maneira tão suave que Autumn duvidava que alguém tivesse notado sua confusão. Fixou os olhos com tanta atenção na panqueca coberta de geleia em seu prato como se a solução de todos os mistérios do universo estivesse escrita ali. Mas podia sentir os olhos de Lucas prestando atenção nela. Podia senti-

los, mas não conseguia olhar para ele.

Queria ficar sozinha para pensar, para tentar entender o que girava em sua cabeça. Forçou-se a consumir toda a refeição e deixou que a conversa fluísse perto dela.

— Preciso ver tia Tabby — murmurou Autumn finalmente, pensando que poderia sair sem causar curiosidade. — Com licença. — Alcançara a porta da cozinha antes que Julia a alcançasse.

— Autumn, preciso falar com você. — Autumn sentiu a firmeza dos dedos delicados. — Vamos até meu quarto.

Pela expressão naquele rosto perfeito, Autumn percebeu que não adiantaria argumentar em contrário.

— Está bem. Logo depois que eu falar com tia Tabby. Ela deve estar preocupada porque eu não disse boa-noite para ela ontem. Subo em cinco minutos. —Manteve a voz tranquila e amigável e conseguiu endereçar-lhe um sorriso. Autumn decidiu que também estava se tornando uma atriz e tanto.

Durante um pequeno período de tempo, Julia estudou o rosto de Autumn, soltando depois seu braço.

— Está bem, suba logo que terminar.

— Sim, farei isso. — Autumn entrou na cozinha, com a promessa ainda soando nos lábios. Não era difícil passar pela cozinha e entrar no quarto dos fundos sem ser percebida. Tia Tabby e Nancy estavam entretidas em suas discussões matinais. Pegando a jaqueta do cabide onde a tinha deixado na manhã da tempestade, Autumn verificou o bolso. Seus dedos fecharam-se em tomo do rolo de filme e, por um momento, apenas ficou segurando-o na palma da mão.

Movendo-se rapidamente, trocou os sapatos por botas, transferiu o filme para o bolso da suéter de

Julia, agarrou a jaqueta e saiu pela porta dos fundos.

Capítulo 11

O ar estava limpo, a chuva o lavara. Folhas que mal brotavam há alguns poucos dias, quando Autumn as fotografara, estavam mais plenas, espessas, mas ainda de um verde suave. Sua mente já não estava mais presa à liberdade com a qual sonhara durante todo o dia anterior. Agora, o único desejo de Autumn era alcançar o ponto espesso do

bosque sem ser vista. Correu em direção às árvores, parando apenas quando rodeada por elas. O silêncio era profundo e a embalava.

O solo sugava seus pés e os fazia escorregar, já que estava esponjoso com a chuva. Pôde notar também alguns danos causados pelo vento aqui e ali, quando se forçava a mover-se com mais cuidado. Galhos quebrados forravam o chão. O sol estava quente e ela tirou a jaqueta, pendurando-a em um galho. Obrigou-se a concentrar-se na vista e nos sons do bosque, até os pensamentos se acalmarem.

Os loureiros da montanha estavam

cheios de botões. Um pássaro fez um círculo sobre sua cabeça, mergulhando depois profundamente nas árvores com um pio agudo. Um esquilo subiu correndo pelo tronco de uma árvore e depois ficou olhando para ela. Autumn enfiou a mão no bolso e fechou-a sobre o rolo de filme. A conversa que tivera com Julia na cozinha fazia um horrível sentido agora.

Helen devia ter estado no lago naquela manhã. Pela evidência do ferimento, devia ter discutido violentamente com alguém. E que esse alguém teria visto Autumn no alto do penhasco. E esse alguém

queria tanto destruir aquelas fotos que não se importou em se arriscar, arrombando tanto seu estúdio quanto seu quarto. O filme deveria ser potencialmente perigoso para alguém, para fazer com que se descontrolasse e revirasse todo o quarto daquele jeito. Quem mais, além do assassino, poderia ter atitudes tão perigosas? Quem mais? E a cada volta que sua cabeça dava, a lógica apontava o dedo acusador para Lucas.

Em primeiro lugar, fora plano dele reunir todas aquelas pessoas ali. Lucas foi a pessoa que Autumn encontrou pouco antes de cruzar com

Helen. Era Lucas quem estava curvado sobre ela quando ela estava desmaiada no estúdio. Lucas estava de pé, completamente vestido, na noite da morte de Helen. Autumn sacudiu a cabeça, querendo afastar aquela lógica toda. Mas o filme estava sólido em sua mão.

Ele deveria tê-la visto, quando estava parada no alto do penhasco. Ela deveria estar perfeitamente visível. Quando ele a interceptou, tentou reatar o relacionamento. Ele deveria saber de algo, para tirar o filme de sua câmera. Ela teria causado uma comoção capaz de ser ouvida em dois estados. Sim, ele a

conhecia bastante bem para usar meios mais sutis. Só que ele não sabia que ela trocara o filme por um novo.

Lucas jogou com a antiga fraqueza que ela sentia por ele. Se Autumn tivesse se submetido, ele teria tido tempo e oportunidade suficientes para destruir o filme. Autumn teve de admitir para si mesma, ainda que dolorosamente, que continuava envolvida demais com ele para perceber a perda. Mas ela não se submetera. Daquela vez, ela o havia rejeitado. Ele teria sido obrigado a empregar medidas mais extremas.

Ele só fingiu que me queria,

percebeu ela. E aquilo, mais do que qualquer outra coisa, doía. Ele a abraçara, beijara, enquanto sua mente estava dirigida apenas para calcular a melhor maneira de proteger a si mesmo. Autumn forçou-se a reconhecer os fatos. Lucas deixara de desejá-la há muito tempo, e suas necessidades nunca foram as mesmas que as dela. Dois fatos eram muito claros. Ela nunca deixara de amá-lo e ele nem sequer tinha começado a amá-la.

Mesmo assim, ainda hesitava quanto à ideia de Lucas ser um assassino frio. Ela ainda conseguia lembrar-se de seus súbitos acessos

de carinho, seu humor, as amostras despreocupadas de generosidade. Isso também fazia parte dele — parte do motivo por tê-la feito amá-lo tão facilmente. Parte do motivo de nunca ter deixado de amá-lo.

A mão segurou-a pelo ombro. Com um pequeno grito de susto, ela virou-se para ver-se cara a cara com Lucas. Quando se afastou, ele deixou cair as mãos e colocou-as nos bolsos. Seus olhos estavam sombrios e a voz, gelada.

— Onde está o filme, Autumn?

Fosse qual fosse a cor que estivesse em seu rosto, ela desapareceu. Autumn não desejara

acreditar. Parte dela recusara-se a acreditar nessa possibilidade. Agora, o coração disparara. Ele não lhe deixava outra escolha.

— Filme? — Sacudiu a cabeça, enquanto dava outro passo para trás. — Que filme?

— Você sabe muito bem que filme. — As palavras estavam cheias de impaciência. Ele apertou os olhos, reparando em sua tentativa de retirada. — Eu quero o quarto rolo. Não se afaste de mim.

Autumn parou, obedecendo a ordem.

— Por quê?

— Não banque a boba. — A

impaciência rapidamente transformava-se em fúria. Ela reconheceu todos os sinais. — Quero o filme. O que vou fazer com ele é assunto meu.

Ela correu, pensando somente em fugir das palavras dele. Tinha sido mais fácil viver com a dúvida do que com a certeza. Ele agarrou-a pelo braço, antes que ela avançasse muito. Virou-a para ele e estudou-lhe os olhos.

— Você está apavorada. — Ele pareceu surpreso por instantes, e depois zangado. — Você está apavorada comigo. — Apertando com força os braços, trouxe-a para

junto de si. — Percorremos toda a escala, não foi, gata? O ontem já passou. — Havia uma intenção em sua voz que causava mais dor do que as mãos ou sua atitude.

— Lucas. — Autumn tremia, emocionalmente exausta. — Por favor, não me machuque mais. — A dor de que ela falava não tinha nada a ver com a dor física, mas ele soltou-a com um gesto violento. A batalha pelo controle era novamente visível no rosto dele.

— Não vou tocar um dedo em você, nem agora, nem nunca mais. Só me diga onde está aquele filme. E sairei da sua vida o mais rápido

possível.

Ela precisava comovê-lo. Tinha que tentar mais uma vez.

— Lucas, por favor, isso não faz sentido. Você precisa entender. Será que não pode...?

— Não me pressione! — Aquelas palavras ásperas explodiram sobre ela, fazendo-a balançar nos calcanhares. — Sua imbecil, você faz ideia de como esse filme é perigoso? Pensou, por algum instante, que eu a deixaria ficar com ele? — E avançou um passo em sua direção. — Diga onde ele está. Diga agora, ou juro por Deus que vou arrancá-lo de você.

— No estúdio. — A mentira veio depressa e sem premeditação. Talvez tenha sido por isso que ele aceitou-a tão rapidamente.

— Muito bem. E onde? — Ela observou que as feições dele relaxaram ligeiramente. A voz estava mais calma. — Na primeira gaveta de baixo. Do lado molhado.

— Isto é um pouco difícil para um leigo, gata. — Havia um toque de seu antigo bom humor, quando ele pegou-lhe o braço. Vamos buscá-lo.

— Não! — Ela afastou-se, assustada. — Não vou com você. Só há um rolo, você vai achar. Encontrou os outros. Lucas, me

deixe em paz. Pelo amor de Deus, Lucas, me deixe em paz!

Ela correu de novo, escorregando na lama. Desta vez, ele não a impediu. Autumn nem imaginava que distância tinha percorrido, ou mesmo que direção havia tomado. Finalmente, seus passos diminuíram a marcha. Parou para olhar o céu sem nuvens. O que ela iria fazer?

Poderia voltar. Poderia voltar e tentar chegar ao estúdio antes e trancar-se lá. Poderia revelar o filme, ampliar as duas figuras ao lado do lago e ver a verdade com os próprios olhos. A mão procurou o filme odiado novamente. Mas ela

não queria ver a verdade. Com a mais absoluta certeza, sabia que jamais entregaria o filme para a polícia. Não importando o que Lucas tivesse feito ou pudesse fazer, ela não poderia traí-lo. Ele a avaliara erroneamente. Ela nunca poderia executá-lo.

Retirando o filme do bolso, olhou fixamente para ele. Parecia tão inocente. Sentira-se tão inocente naquele dia, no alto do penhasco, com o sol nascendo. Mas quando fizesse o que teria de fazer, nunca mais se sentiria inocente. Ela mesma exporia aquele filme à luz.

Lucas, pensou, e quase riu. Lucas

McLean era o único homem na Terra que poderia fazê-la dar as costas à sua própria consciência. E quando estivesse feito, só os dois saberiam. Ela seria tão culpada quanto ele.

Faça depressa, disse para si mesma. Faça depressa e pense depois. A palma da mão, onde o filme se aninhara, estava úmida. Você vai ter uma vida inteira para pensar nisso. Respirando profundamente, Autumn começou a abrir a cápsula plástica usada para proteger um filme ainda não revelado. Um movimento no pátio, bem atrás dela, fez com que pusesse o filme de novo no bolso e olhasse

em volta.

Lucas poderia ter revistado o estúdio tão rapidamente? E o que ele faria agora, ao descobrir que ela mentira para ele? Tolamente, Autumn pensou em correr novamente. Em vez disso, esticou-se e ficou parada, esperando. O encontro final viria mais cedo ou mais tarde.

O alívio que Autumn sentiu quando viu Steve aproximando-se rapidamente tornou-se irritação. Ela queria ficar sozinha, não ficar conversando enquanto o filme queimava no bolso.

— Oi! — O sorriso luminoso de

Steve não adiantou em nada para diminuir o aborrecimento, mas Autumn conseguiu fingir sorrir também. Se teria que jogar pelo resto da vida, seria melhor começar agora mesmo.

— Olá. Vai acompanhar o Jacques na escalada? — Meu Deus, como sua voz parecia normal e suave! Será que seria capaz de viver desse jeito?

—É. Vejo que também sentiu necessidade de sair do hotel. — Respirando profundamente aquele ar fresco, ele flexionou os ombros. — Meu Deus, como é bom poder sair outra vez.

— Sei o que quer dizer. — Autumn aproveitou para relaxar a tensão dos próprios ombros. Isto é uma representação, disse a si mesma. Aceite. Quando estiver acabado, nada mais vai ser como antes.

— E Jacques tem razão — insistiu Steve, olhando para além, através das folhas finas. — As montanhas estão lindas. Isso nos faz lembrar que a vida continua.

— Parece que todos teremos que nos lembrar disso agora. — Inconscientemente, Autumn enfiou a mão no bolso.

— Seus cabelos brilham ao sol.

— Steve segurou-o pelas pontas, movendo-o entre os dedos. Autumn viu, com certo alarme, que seus olhos tornaram-se mais quentes. E um interlúdio romântico era mais do que ela poderia suportar naquele momento.

— Parece que as pessoas pensam mais nos meus cabelos do que em mim. — Ela sorriu e esforçou-se para manter uma voz alegre. — Às vezes, me sinto tentada a raspá-los.

— Ah, não. — Ele segurou um punhado mais generoso. — É muito especial, muito diferente. — Seus olhos elevaram-se até os dela. — E tenho pensado muito em você nos

últimos dias. Você também é muito especial.

— Steve... — Autumn virou-se e teria se afastado, mas ele continuava segurando-lhe os cabelos.

— Eu quero você, Autumn.

As palavras, tão gentis, quase humildes, estiveram perto de partir-lhe o coração. Ela virou-se para ele, pedindo desculpas com os olhos.

— Sinto muito, Steve. Sinto mesmo.

— Não se desculpe. — Dizendo isso, baixou a cabeça para tocar os lábios nos dela. — Se você deixar, posso fazê-la feliz.

— Steve, por favor. — Autumn

levou as mãos ao peito dele para afastá-lo. *Se ao menos ele fosse Lucas*, pensou, enquanto olhava para ele. *Se ao menos fosse Lucas que me olhasse assim.* — Não posso.

Ele soltou um suspiro fundo, mas não a libertou.

— McLean? Autumn, ele só faz você infeliz. Por que não se esquece dele?

— Nem posso lhe dizer quantas vezes fiz essa pergunta para mim mesma. — Ela suspirou e ficou olhando o sol bater nos olhos dele. — Não tenho a resposta, exceto que o amo.

— Sim, é visível. — Franzindo a

testa, ele retirou um fiapo de palha do rosto dela. — Gostaria muito que você se esquecesse dele, mas acho que isso não vai acontecer.

— Não, acho que não. Já desisti de tentar.

— Sinto muito, Autumn. Isso torna as coisas muito difíceis.

Autumn baixou os olhos e ficou olhando para o chão. Ela não queria piedade.

— Steve, fico muito agradecida, mas preciso ficar sozinha.

— Quero o filme, Autumn.

Atônita, ela levantou a cabeça. E, inconscientemente, usou com ele o mesmo golpe que usara com Lucas.

— Filme? Não sei o que quer dizer.

— Ah, sim, eu acho que sabe. — Ele continuava falando suavemente, com uma das mãos acariciando-lhe os cabelos. — As fotos que você tirou do lago na manhã em que Helen e eu estivemos lá. Preciso delas.

— Você? — Por um momento, o que ele dizia elucidou tudo. — Você e Helen? — A confusão transformou-se em choque. Só conseguia ficar olhando para ele.

— Tivemos uma discussão e tanto naquela manhã, sabe? Ela decidiu que queria um pagamento direto de mim. Suas outras fontes estavam

secando rapidamente. Julia não lhe daria um centavo, só rira dela. Helen estava furiosa com aquilo. — O rosto dele mudou, com um sorriso maldoso. — Jacques tinha arrasado com ela, também. Ela jamais tivera alguma coisa que valesse a pena sobre Lucas. Contava que iria intimidá-lo. Em vez de assustar-se, ele mandou-a ir para o inferno e ameaçou entrar com um processo. Isso tirou-lhe o equilíbrio por algum tempo. Deve ter percebido que Jane estava no limite. E portanto... resolveu concentrar-se em mim.

Ele tinha o olhar fixo à distância enquanto falava. Agora, a atenção

voltou para Autumn. O primeiro sinal de raiva surgiu em seus olhos.

— Ela queria 250 mil dólares em duas semanas. Um quarto de milhão, ou entregaria a informação que tinha a meu respeito para meu pai.

— Mas você disse que o que ela sabia não era importante. — Autumn deixou que seus olhos se dirigissem para além dele por um instante. O caminho, além deles, estava vazio. Ela estava sozinha.

— Ela sabia um pouco mais do que lhe contei. — Steve deu-lhe um sorriso de desculpas. — Eu não podia lhe contar tudo naquele momento. Mas já cobri meus rastros

muito bem e não creio que a polícia algum dia vá saber. Na verdade, foi um caso de extorsão.

— Extorsão? — A mão em seus cabelos tornava-se cada vez mais assustadora a cada momento que passava. *Mantenha-o falando*, disse para si mesma, freneticamente. *Mantenha-o falando até alguém aparecer*.

— Empréstimo, na verdade. O dinheiro será meu, mais cedo ou mais tarde. — Levantou os ombros. — Só peguei uma quantia um pouco mais cedo. Infelizmente, meu pai não concordaria com isso. Eu lhe disse, lembra? Ele é um homem difícil.

Não pensaria duas vezes antes de me expulsar de casa e cortar minha mesada. Não posso passar por isso, Autumn. — Sorriu para ela. — Tenho gostos muito caros.

— Então, você a matou — disse Autumn, com uma voz sem a menor entonação. Estava horrorizada.

— Não tive outra escolha. Jamais conseguida arranjar todo aquele dinheiro em duas semanas. — Ele falou em um tom tão calmo que Autumn conseguia até ver a razão que existia por trás do fato. — Quase a matei naquela manhã, no lago. Ela não queria me ouvir. Perdi a cabeça e bati nela. Quando a vi

caída no chão, percebi como desejaria que ela morresse.

Autumn não o interrompeu. Viu que faltava muito para ele terminar. *Deixe que ele fale*, ordenou a si mesma, controlando o impulso de livrar-se dele e sair correndo. *Alguém tem de aparecer*.

— Eu me debrucei sobre ela — continuou. — Minhas mãos quase estavam em seu pescoço, quando vi você parada no alto do penhasco. Sabia que era você, porque o sol brilhava em seus cabelos. Não pensei que pudesse me reconhecer daquela distância, mas precisava ter certeza. E é claro que mais tarde

descobri que você não estava prestando a menor atenção em nós.

— Não, eu mal percebi. — Os joelhos começavam a tremer. Ele estava contando demais. Demais mesmo.

— Deixei Helen, dei a volta, pensando em interceptar você. Mas Lucas chegou primeiro. Que cena mais tocante.

— Você nos viu? — Ela sentiu uma ponta de raiva através do medo.

— Vocês estavam envolvidos demais um com o outro para notar. — Sorriu novamente. — De qualquer maneira, foi quando fiquei sabendo que você estava tirando

fotos. Tinha que me livrar daquele filme; era arriscado demais. Odiaria ferir você, Autumn. Eu a achei muito atraente desde o princípio.

Um coelho passou correndo pela alameda, deu uma olhada e entrou nos arbustos. Ouviu o chamado de uma codorna, fraco, à distância A textura simples e natural do ambiente à sua volta dava às palavras dele uma sensação de irrealidade.

— O estúdio de revelação.

— Sim. Fiquei contente pela batida da porta ter feito você desmaiar. Não queria ter que agredi-la com a lanterna. Não vi sua

câmera, mas encontrei um rolo de filme. Estava tão seguro de ter cuidado de tudo. Pode imaginar como me senti quando disse que perdera dois rolos, e que neles havia fotos suas, tiradas de sua viagem a Nova York. Não sabia como o outro rolo tinha sido destruído.

— Lucas. Ele acendeu a luz quando me encontrou. — Repentinamente, em meio ao horror, ela começou a compreender. *Não tinha sido Lucas*. Ele não fizera nada, além de simplesmente ser quem era. Autumn sentiu um grande alívio pela sua inocência, e depois culpa por ter acreditado que ele

fosse capaz de cometer um crime. — Lucas. — repetiu, quase tonta com tantas revelações.

— Bem, isso nem importa mais agora — disse Steve de modo pragmático. Autumn voltou a si. Teria que estar alerta, manter-se um passo adiante dele. — Eu sabia que, se simplesmente tirasse o filme de sua câmera, você iria começar a pensar. Poderia pensar mais detalhadamente sobre as fotos que havia tirado. Odiei fazer aquilo com suas coisas, quebrar sua câmera. Sei como era importante para você.

— Tenho outra em casa. — Era uma fraca tentativa de parecer

despreocupada.

Steve apenas sorriu.

— Fui ao quarto de Helen, tão logo terminei com o seu. Sabia que teria que matá-la. Ela ficou lá, apontando para o hematoma e dizendo que aquilo me custaria mais cem mil. Eu não sabia o que ia fazer... Pensei que fosse estrangulá-la. Então, vi a tesoura. Assim foi melhor. Qualquer um poderia ter usado a tesoura. Até mesmo a pequena Jane. E parei de pensar quando a peguei até tudo estar terminado.

Ele estremeceu e Autumn pensou: *Corra! Corra agora!* Mas as mãos

dele seguraram-lhe os cabelos com mais força.

— Nunca tinha passado por alguma coisa assim. Foi terrível. Quase desisti. Mas sabia que tinha de pensar, tinha de ser cuidadoso, ou perderia tudo. Ficar naquele quarto foi a coisa mais difícil que tive de fazer. Limpei a tesoura e rasguei minha camisa, pois havia sangue nela. Joguei os pedaços pela descarga. Quando voltei ao meu quarto, tomei banho e fui para a cama. Lembro-me de ter ficado surpreso quando vi que a coisa toda tinha levado menos de vinte minutos. Pareceram anos.

— Deve ter sido horrível para você — murmurou Autumn, mas ficou aliviada pela firmeza de sua voz.

— Sim, mas estava dando tudo certo. Ninguém podia provar onde estava quando Helen foi morta. A tempestade, os telefones, a eletricidade, tudo estava perfeito. Cada um de nós tinha um motivo para querer Helen fora de seu caminho. Acredito mesmo que eu e Julia seremos os menos suspeitos quando chegar a hora. A polícia deve desconfiar de Jacques, porque ele tem mais motivos, e de Lucas, porque ele tem um temperamento

forte.

— Lucas não mataria ninguém — disse Autumn imediatamente. — A polícia vai saber disso.

— Eu não apostaria nisso. — Ele sorriu meio enviesado. — Nem você mesmo estava tão segura.

Ela não conseguia dizer nada quando era confrontada com a verdade. *Por que não chega ninguém?*

— Hoje de manhã, você começou a falar sobre um quarto rolo de filme, e das fotos que tirou do lago. Soube naquele momento que você iria se lembrar.

Vou experimentar de novo meu

talento de atriz, pensou amargamente.

— Só me lembrei de que havia pessoas no lago esta manhã.

— Você estava juntando os fatos muito rapidamente. — Passou o dedo pelo rosto de Autumn, que teve de se esforçar para não se afastar dele. — Tinha esperanças de confundir você, ganhar seu afeto. Era óbvio que estava apaixonada por McLean. Se tivesse conseguido me aproximar de você, teria posto a mão naquele filme, sem ter de machucá-la.

Autumn manteve os olhos e a voz firmes. Agora, ele terminaria de

falar; ela estava sentindo.

— O que vai fazer?

— Droga, Autumn. Vou ter que matá-la.

Ele disse isso quase do mesmo jeito que seu pai teria dito: *Droga, Autumn, vou ter que bater em você*. Ela quase começou a rir histericamente.

— Desta vez eles vão descobrir, Steve. — O corpo começava a tremer, mas falou calmamente. Se conseguisse convencê-lo...

— Não, acho que não, — ele ponderou, como se tivesse considerado que ela poderia ter algum ponto viável. — Tive o

cuidado de sair sem ser visto. Todos se espalharam novamente. Duvido que qualquer um saiba ao menos que você saiu. Eu mesmo não teria descoberto, se não visse que suas botas e jaqueta não estavam lá. E, de novo, se não tivesse encontrado a jaqueta pendurada num galho, não teria podido seguir suas pistas a partir dali, e não teria encontrado você tão facilmente.

Encolheu os ombros, como se quisesse mostrar-lhe que seu raciocínio era melhor do que o dela.

— Quando descobrirem que você está desaparecida, eu mesmo virei para este lado quando procurarmos

por você. Posso confundir todas as pistas e ninguém vai ficar sabendo de nada. Agora, Autumn, preciso do filme. Diga onde o guardou.

— Não vou dizer — disse, jogando a cabeça para trás. Enquanto tivesse o filme, ele teria que mantê-la viva. — Eles irão encontrá-lo. E quando isso acontecer, vão saber que foi você.

Ele fez um ruído baixo de impaciência.

— Vai acabar me dizendo, Autumn. Seria melhor para você se me dissesse agora. Não quero feri-la além do necessário. Posso fazer tudo depressa, ou de uma forma bem

dolorosa.

Sua mão desferiu um golpe tão rápido que Autumn não teve tempo de evitar o baque. A força dele lançou-a contra a árvore. A dor espalhou-se dentro de sua cabeça e ela sentiu-se tonta. Segurou-se como pôde no tronco para manter o equilíbrio, quando viu que ele vinha em sua direção.

Ah, não, ela não iria ficar parada e apanhar novamente. Ele conseguira bater-lhe duas vezes, e duas vezes era o suficiente. Com toda a força que conseguiu reunir, chutou-o, mirando o meio de suas pernas. Ele caiu de joelhos como se tivesse

levado um tiro. Autumn saiu correndo.

Capítulo 12

Autumn correu cegamente. *Fuja!* Este era o único pensamento coerente em seu cérebro. E foi somente quando a primeira onda de pânico se desfez que Autumn percebeu que tinha fugido não só de Steve, como também havia se afastado do hotel. Era tarde demais para voltar. Só conseguia concentrar todo o esforço possível para colocar

distância entre os dois. Continuou correndo pela alameda e entrou nos arbustos espessos.

Quando ouviu que ele vinha atrás dela, Autumn não olhou para trás, mas apertou o passo. A respiração dele estava difícil, mas muito próxima dela. Próxima demais. Ela mudou novamente de direção e correu mais ainda. A terra grudava-se em suas botas, mas ela disse a si mesma que não escorregaria. Se isso acontecesse, ele a alcançaria em um minuto. Suas mãos estariam na garganta dela. *Ela não ia escorregar.*

O coração batia desesperado e os

pulmões gritavam em agonia, pedindo mais ar. Esbarrou em um ramo, que se voltou e bateu em seu rosto. Mas ela continuou dizendo que não iria parar. Continuaria correndo, e correndo, e correndo, até perceber que ele não a perseguia mais.

Uma árvore caíra com a chuva e atrapalhava seu caminho. Sem diminuir a marcha, Autumn saltou sobre ela, escorregando por um momento, quando as botas atingiram a lama, mas recompondo-se logo em seguida. Ele escorregou. Ela ouviu o ruído das botas dele deslizando pela lama e quando ele xingou baixo. Ela

continuou a manter o passo, quase feliz pelos poucos segundos de vantagem que a queda dele lhe proporcionara.

O tempo e a direção deixaram de existir. Para ela, a perseguição não tinha começo nem fim. Era apenas a corrida. Os pensamentos não eram mais racionais. Só sabia que tinha que continuar correndo, apesar de quase ter esquecido o motivo. Seu fôlego saía aos borbotões e as pernas pareciam ser de borracha. Só sabia da fuga desesperada dos que eram caçados — do medo puro e simples do caçador.

Repentinamente, viu o lago, que

brilhava quando o sol batia na superfície. Num último resquício de lucidez, Autumn lembrou-se do que Steve dissera naquela manhã. Ele não sabia nadar. A fuga agora tinha uma meta, e ela dirigiu-se como uma flecha para ela.

A corrida louca pelo bosque a afastara do penhasco, onde a inclinação podia ser vencida por uma suave descida. Em vez disso, alcançou um penhasco de 13 metros de altura. Sem hesitar, Autumn lançou-se a toda velocidade. Tropeçava e escorregava, os dedos agarrando-se em qualquer arbusto, para não perder totalmente o

equilíbrio. Ela descia pelo penhasco como um lagarto. O corpo era arranhado por rochas afiadas e escorregava na lama. A suéter cara de Julia estava em frangalhos. Autumn percebeu, quando a dor começou a aumentar, que a pele também tinha sido rasgada. Mas o medo lançava-a além da dor. O lago lá embaixo aproximava-se. Segurança. Vitória.

Mas ele continuava atrás dela. Autumn ouvia as botas batendo nas rochas acima de sua cabeça, soltando pedregulhos que choviam sobre ela. Autumn saltou os últimos três metros. A força da queda

atingiu-lhe as pernas, dobrando-as sob o corpo. Então saiu tropeçando e deslizando para o lago.

Ouviu quando ele chamava por ela. Com um ímpeto final de loucura, jogou-se na água, cortando sua superfície. Sua frieza aguda causou um choque em seu organismo e deu-lhe forças. Mergulhando, dirigiu-se para o lugar mais fundo. Ela venceria.

Como uma luz que se apagava, o momento que a impulsionara tão loucamente desapareceu. O peso das botas puxava-a para baixo. A água fechou-se sobre sua cabeça. Debatendo-se e sufocando, Autumn

lutou para alcançar a superfície. Os pulmões queimaram quando ela tentou respirar. Seus braços estavam pesados, e as braçadas fracas faziam com que subisse e descesse na água. A neblina surgiu diante de seus olhos. Ainda assim, ela resistia, lutando enquanto a água a sugava e era um inimigo tão mortal quanto aquele de que ela tentava fugir.

Ouviu o soluço de alguém e percebeu, longinquamente, que era sua própria voz pedindo socorro. Mas ela sabia que não haveria socorro para ela. A luta terminara ah. Mas era música aquilo que ela ouvia? Pensou que vinha de baixo

dela, profunda, atraente. Lentamente, rendeu-se, deixando a água envolvê-la como um amante.

Alguém a estava ferindo. Autumn não reclamou. A escuridão cobriu sua mente e diminuiu a dor. Os puxões e arrastões não a irritavam mais do que uma leve coceira. O ar forçou o caminho para entrar em seus pulmões, e ela gemeu suavemente, concordando.

A voz de Lucas tocou os limites de sua mente. Ele a chamava com uma voz estranha e antinatural. Pânico? Sim, mesmo em meio à escuridão, conseguia detectar uma nota de pânico. Que coisa estranha

presente na voz de Lucas! As pálpebras estavam pesadas e a escuridão era por demais tentadora. Porém a necessidade de contar a ele foi mais forte. Autumn forçou-se a abrir os olhos. A escuridão passou a ser uma espécie de neblina.

O rosto dele estava inclinado sobre o dela e pingava água, assim como seu cabelo, o que deixou o rosto dela mais fresco. Mas a boca ainda estava quente, como se a dele tivesse acabado de deixá-la. Autumn olhou para ele, esforçando-se para falar.

— Ah, meu Deus, Autumn! — Lucas enxugou a água do rosto dela,

apesar de continuar pingando dos cabelos. — Meu Deus. Escute. Está tudo bem, você vai ficar boa, está ouvindo? Você vai ficar boa. Vou levá-la de volta para o hotel. Você consegue me entender?

A voz e os olhos estavam desesperados. Ela nunca vira aquele tom nem aquela expressão. Não vindo de Lucas. Autumn queria dizer alguma coisa para confortá-lo, mas não tinha forças. A neblina fechava-se novamente sobre ela, e foi bem-vinda. Por um momento, conseguiu afastá-la e buscou a voz com dificuldade.

— Pensei que você a tivesse

matado, Lucas. Desculpe.

— Ah, gata. — Sua voz estava intoleravelmente preocupada. Sentiu sua boca tocar a dela. Depois, não sentiu mais nada.

Vozes vagas e sem textura flutuavam por um longo túnel. Autumn não queria ouvi-las. Só queria ficar em paz. Fez força para mergulhar em sua escuridão novamente, mas Lucas não tinha o menor respeito pelo que os outros desejassem. Sua voz interrompeu a solidão desejada, repentinamente clara e, como sempre, exigente.

— Vou ficar com ela até que acorde. Não vou sair do lado dela.

— Lucas, você está morto de cansaço. —A voz de Robert era baixa e suave, um contraste direto com a de Lucas. — Eu fico com Autumn. É parte do meu trabalho. Provavelmente, ela vai ficar acordando e apagando a noite toda. Você não saberia o que fazer por ela.

— Então diga-me o que fazer, porque vou ficar com ela.

— Claro que vai, querido. — A voz de tia Tabby surpreendeu Autumn, mesmo na escuridão e no torpor em que se encontrava. Era firme e forte. — Lucas vai ficar, dr. Spicer. O senhor mesmo disse que

se trata principalmente de necessidade de repouso, e de esperar até que ela acorde naturalmente. Lucas pode cuidar dela.

— Eu fico com você, Lucas, se quiser... tudo bem, mas se precisar, é só me chamar. — A voz de Julia acariciou Autumn, tão enevoada quanto a neblina.

De repente, sentiu uma vontade louca de perguntar o que tinha acontecido. O que eles estavam fazendo em seus mundos particulares. Lutou para achar as palavras, mas só conseguiu gemer. Uma mão fria pousou em sua testa.

— Ela está sentindo dor? — Seria a voz de Lucas, Autumn pensou. Trêmula? — Mas, que droga, dê alguma coisa para que ela não sinta dor!

A escuridão cercava-a novamente, apagando os sons. Autumn deixou-se engolir por ela.

Então, sonhou. A cortina negra tomou uma textura de um luar de veludo. Lucas olhava para ela. O rosto parecia muito nítido para ser um sonho. A mão parecia real e fresca em seu rosto.

— Gata, está me ouvindo?

Autumn olhou para ele, depois conseguiu reunir todos os fiapos de

concentração.

— Sim. — Fechou os olhos e deixou a escuridão envolvê-la outra vez.

Quando reabriu os olhos, ele continuava a seu lado. Autumn engoliu em seco. Sua garganta queimava.

— Estou morta?

— Não. Não, gata. Você não está morta — disse Lucas, fazendo com que ela engolisse alguma coisa fresca. Os olhos fecharam-se novamente, enquanto se esforçava para lembrar-se de alguma coisa. Mas isso era muito difícil, e desistiu.

Sentiu uma dor forte por todo o corpo. Inesperada e violenta, descia pelos braços e pelas pernas. Autumn ouviu alguém gemendo dolorosamente. Lucas debruçou-se outra vez sobre ela, o rosto pálido à luz do luar.

— Está doendo — ela queixou-se.

— Eu sei. — Ele sentou-se a seu lado e levou-lhe uma xícara aos lábios. — Tente beber.

Flutuando como um balão vermelho, Autumn sentiu-se carregada pelo espaço. A dor diminuiu quando voltou totalmente à consciência.

— A suéter de Julia. — murmurou

quando abriu os olhos totalmente. — Está rasgada. Acho que eu a rasguei. Vou ter que comprar outra.

— Não se preocupe com isso, gata. Descanse. — A mão de Lucas estava em seus cabelos, e Autumn recostou o rosto nela, buscando segurança. Flutuou novamente.

— Tenho certeza de que era cara — murmurou, quase uma hora depois. — Não vou precisar daquele tripé. Julia me emprestou aquela suéter. Eu devia ter tido mais cuidado.

— Julia tem dúzias de suéteres, gata. Não se preocupe.

Autumn fechou os olhos,

confortada. Mas sabia que seu tripé teria que esperar.

— Lucas — ela tentou concentrar-se mais uma vez. O luar agora era cinzento, da cor do amanhecer.

— Sim, estou aqui.

— Por quê?

— Por que o quê, gata?

— Por que você está aqui?

Mas ele saiu de foco novamente. Ela nem chegou a ouvir a resposta.

CAPÍTULO 13

O SOL BRILHAVA FORTE. Acostumada à escuridão, Autumn piscou, incomodada.

— Ah, você está conosco para ficar desta vez, Autumn, ou trata-se de outra visitinha rápida? —Julia inclinou-se sobre ela e acariciou-lhe o rosto. — Suas cores estão voltando um pouco e você está fresca. Como se sente?

Autumn ficou deitada quieta por um momento, tentando descobrir como se sentia.

— Oca — concluiu, e Julia riu.

— Acredito que seu estômago esteja.

— Toda oca por dentro — Autumn afirmou. — Principalmente, minha cabeça. — Olhou confusa por todo o quarto. — Estive doente?

— Você nos deu um susto e tanto. —Julia sentou-se na cama e a ficou estudando. — Não se lembra?

— Eu estava... sonhando? — A busca de Autumn pela memória só lhe trazia pequenos pedaços. — Lucas estava aqui, eu estava falando

com ele.

— Sim. Ele disse que você recobrava e perdia a consciência a noite toda. Que conseguia dizer uma ou duas palavras de vez em quando. Acha mesmo que eu deixaria você sacrificar seu tripé novo? — Beijou o rosto de Autumn e depois abraçou-a por algum tempo. — Meu Deus, quando Lucas a trouxe nos braços, pensamos... — Sacudindo a cabeça bruscamente, sentou-se. Autumn viu que seus olhos estavam úmidos.

— Julia. — Autumn apertou os olhos, mas nada ficou mais nítido. — Eu deveria ter ido ao seu quarto, mas não fui.

— Não, não foi. Eu deveria ter arrastado você naquele momento. Nada disso teria acontecido. — Levantou-se outra vez. — Parece que eu e Lucas fomos enganados por aqueles olhos verdes. Não sei quanto tempo perdemos procurando por aquele maldito filme, antes que ele voltasse e encontrasse você.

— Não compreendo. Por quê... — Quando pretendeu ajeitar os cabelos, Autumn percebeu que as mãos estavam cobertas por ataduras. — Por que isto? Eu me machuquei?

—Está tudo bem agora. — Julia esquivou-se de responder. — Prefiro que Lucas explique tudo. Ele

ficará furioso por eu ter vindo buscá-lo para tomar um café e você ter acordado.

— Julia...

— Chega de perguntas agora. — Ela interrompeu as perguntas de Autumn, pegando um robe em uma cadeira. — Por que não veste isto? Vai se sentir melhor. — Ela colocou a seda sobre os braços de Autumn, cobrindo as ataduras. A visão delas causou-lhe mais confusão e trouxe-lhe mais recordações conturbadas. — Fique deitadinha e relaxe. — ordenou Julia. — Tia Tabby já tem uma sopinha fumegante esperando por você. Vou pedir que lhe faça um

prato enorme.

Beijou Autumn outra vez e dirigiu-se à porta.

— Escute, Autumn. —Julia virou-se, com aquele seu sorriso de gata. — Ele viveu um inferno nas últimas 24 horas, mas não torne as coisas fáceis demais para ele.

Autumn cerrou o sobrecenho em direção à porta quando Julia saiu e perguntou-se do que afinal ela estaria falando.

Decidindo que não encontraria qualquer resposta deitada na cama, Autumn forçou-se a levantar-se. Todas as articulações, todos os músculos reclamaram. Ela quase

sucumbiu ao desejo de deitar-se novamente, mas a curiosidade era maior. As pernas fraquejaram, quando ela se dirigiu ao espelho.

— Minha nossa! — Ela parecia, concluiu, ainda pior do que se sentia. O ferimento na testa agora tinha outros como companhia. Havia uma leve descoloração ao longo do maxilar e alguns arranhados horríveis. Teve uma lembrança longínqua de uns galhos ásperos arranhando-lhe as mãos. Levantando-as, Autumn ficou olhando as ataduras. — O que fiz comigo mesma? — perguntou-se em voz alta e, em seguida, amarrou a

faixa do robe, para esconder outros ferimentos.

A porta abriu-se e ela viu pelo reflexo no espelho que Lucas entrara no quarto. Parecia não dormir a dias. As rugas de preocupação tomaram-se mais marcadas e seu queixo estava escuro pela barba por fazer. Somente os olhos eram os mesmos. Escuros e intensos.

— Você está horroroso — disse ela, sem virar-se. — Precisa dormir um pouco.

Ele riu. Com um gesto de aquiescência, que ela nunca vira nele, passou as mãos pelo próprio rosto.

— Isso era de se esperar — murmurou. Ele suspirou e depois sorriu-lhe como no passado. — Você não devia se levantar da cama, gata. Pode desmaiar a qualquer minuto.

— Já estou bem. Pelo menos, estava, antes de olhar-me no espelho. —Virou-se e olhou-o diretamente nos olhos. — Quase desmaiei com o choque.

— Você é — começou ele, em um tom suave e sério — a coisa mais linda que já vi.

— Gentileza com uma inválida — disse ela, afastando os olhos. Isso lhe doera e ela não sabia se

aguentaria sentir mais qualquer tipo de dor. — Gostaria de ouvir algumas explicações. Minha mente está um pouco confusa.

— Robert disse que isso era esperado depois... — Ele hesitou e enfiou os punhos fechados nos bolsos. — Depois de tudo o que aconteceu.

Autumn olhou novamente para as mãos com ataduras.

— O que aconteceu? Não consigo lembrar. Eu estava correndo... — Levantou os olhos para ele em busca da resposta. — No bosque, descendo o penhasco, eu... — Ela sacudiu a cabeça. Só lhe vinham à

mente pedaços esparsos. — Rasguei a suéter de Julia.

— Meu Deus! Ainda se preocupa com essa maldita suéter! — Sua explosão fez com que os olhos de Autumn se arregalassem. — Você quase morreu afogada e só consegue pensar na suéter de Julia.

A boca de Autumn tremeu e abriu-se.

— O lago. — A lembrança voltou como uma onda. Ela recostou-se na cômoda. —Steve. Foi Steve. Ele matou Helen. Ele estava me perseguindo. O filme, mas não dei para ele. — Engoliu em seco, tentando manter a calma. — Menti

para você. O filme estava no meu bolso. Corri cada vez mais depressa, mas ele corria atrás de mim.

— Gata. — Ela afastou-se, mas ele passou os braços em torno dela. — Chega. Não pense mais nisso. Droga, eu não deveria ter falado daquela forma — disse, pressionando o rosto contra os cabelos dela. — Parece que não consigo fazer nada direito com você.

— Não. Não, quero pensar no que houve. — insistiu Autumn. Queria saber os detalhes. Quando soubesse de tudo, o medo diminuiria. — Ele me encontrou no bosque depois que

você saiu. Ele estava com Helen no lago na manhã em que eu estava tirando as fotos. Ele me disse que a tinha matado. Ele me contou tudo.

— Já sabemos de tudo — Lucas interrompeu-a rapidamente.

— Ele confessou tudo quando o trouxemos para cá. E contamos tudo para a polícia hoje de manhã. — Puxou um cigarro e acendeu-o nervosamente. — Ele já está preso, sob custódia. Recuperaram o filme também, para ver se ele vale alguma coisa. Jacques encontrou-o na alameda.

— Deve ter caído do bolso. Lucas, foi tudo tão estranho. — As

sobrancelhas juntaram-se quando se lembrou do incidente com Steve. — Ele pediu desculpas por ter que me matar. Depois, quando eu disse que não lhe daria o filme, bateu em mim com tanta força que vi estrelas.

Com uma expressão furiosa, Lucas foi até a janela. Ficou olhando fixamente para fora, sem nada dizer.

— Quando ele avançou outra vez contra mim, eu o chutei, com força, onde sabia que faria o maior estrago.

Ela ouviu Lucas murmurar alguma coisa tão estranhamente vulgar, que pensou ter entendido mal. Por algum tempo, recordou-se de sua corrida

pelo bosque, falando mais consigo mesma do que com ele.

— Vi você quando começou aquela descida suicida pelo penhasco. — Continuava de costas para ela, com a voz ainda rouca. — E, em nome de Deus, não sei como conseguiu chegar embaixo sem quebrar o crânio... — Lucas olhou para ela, quando Autumn continuou em silêncio. — Procurei você por todo o bosque. Quando vi que estava correndo para o lago, eu me dirigi para a passagem. Esperava interromper Anderson. — Deu uma tragada forte no cigarro, suspirando. — Vi você despencando daquelas

rochas. Pensei que não conseguiria sair dali viva. Chamei-a, mas você continuou correndo para o lago. E peguei-o antes de você cair na água.

— Ouvi alguém me chamando. Pensei que fosse Steve. — Levou a mão enfaixada até a têmpora. — Só conseguia pensar em cair na água antes de ele me alcançar. Lembrei que ele não sabia nadar. Depois, quando tive dificuldade de manter-me na superfície, entrei em pânico e esqueci de todas as regras que aprendemos nas aulas de salva-vidas.

Lucas apagou o cigarro muito lenta e deliberadamente.

— Quando terminei de bater na cabeça dele, você já estava flutuando. Como conseguiu resistir tanto, depois de toda a corrida com aquelas botas que deviam pesar uns dez quilos, nunca vou saber. Eu já estava próximo de você quando afundou novamente. E afundou como uma pedra.

Ele se virou novamente para olhar para o vazio, fora da janela.

— Pensei... — sacudiu a cabeça e continuou: — Pensei que estivesse morta, quando a arrastei para fora. Você estava branca e não respirava. Pelo menos, não o suficiente para que eu pudesse perceber. — Pegou

outro cigarro e, desta vez, teve de lutar com o isqueiro até conseguir que acendesse. Xingou-o e tragou profundamente.

— Lembro de você pingando água sobre mim. — Autumn murmurou no silêncio. — Então, pensei estar morta.

— E quase morreu mesmo. — A fumaça saiu dos pulmões com força. — Devo ter bombeado dois galões de água de dentro de você, que voltou a si somente o tempo suficiente para pedir desculpas por ter pensado que eu tinha matado Helen.

— Desculpe, Lucas.

— Não peças desculpas! — Seu tom era curto e ele se afastou novamente.

— Mas eu não deveria nunca...

— Não? — Ele cortou o que ela dizia, com uma única palavra zangada. — Por quê? É fácil ver como chegou a esta conclusão, culminando com meu último ataque sobre o filme.

Passado um momento, Autumn confiou em si mesma para falar.

— Você falou tantas coisas que me fizeram pensar... e estava muito zangado. Quando me perguntou sobre o filme, pedi que me contasse tudo.

— Mas em vez de explicações, provoquei você. Isso é típico de mim, não é? — Respirou fundo, mas o corpo permanecia tenso. — Devo pedir-lhe desculpas por isso também. Parece que pisei muito na bola com você. Quer que eu peças desculpas por tudo junto, gata, ou uma por uma?

Autumn recusou. Não eram desculpas que ela queria, e sim explicações.

— Por que queria o filme, Lucas? Como você sabia?

— Deve ser difícil para você acreditar a esta altura, mas não sou completamente desumano. Eu queria

o filme porque esperava que, se o tivesse e se todos soubessem que estava comigo, você estaria salva. E... — Ela virou-se quando uma sombra cruzou seu rosto. — Pensei que você soubesse ou se lembrasse do que havia no filme e que estava protegendo Anderson.

— Protegendo Anderson? — Sua voz refletiu a surpresa. — Por que eu faria isso?

Ele encolheu os ombros.

— Você parecia gostar dele.

— Eu o achava simpático — disse Autumn lentamente. — Imagino que todos nós achávamos. Mas mal o conhecia. E, segundo

parece, não o conhecia absolutamente.

— Interpretei mal seu ar amigável natural por outra coisa. Então, completei meu erro, reagindo erradamente. Fiquei furioso por você estar dando a ele o que não quis dar para mim. Confiança, companheirismo, afeto.

— Você é um invejoso, Lucas? — As palavras saíram frias como gelo.

Um músculo contorceu-se no canto da boca de Lucas, contrastando com outro encolher de ombros.

— Se você acha.

— Desculpe. — Com um suspiro,

Autumn ajeitou o cabelo para trás. — Isso foi fora de hora.

— Foi? — perguntou e apagou o cigarro. — Duvido. Você tem o direito de lançar alguns dardos, gata. Já recebeu muitos de minha parte.

— Estamos fugindo do assunto. — Ela afastou-se. O robe de seda de Julia sussurrou em torno dela. — Você pensou que eu estivesse protegendo Steve. Aceito isso. Mas como você sabia que ele precisava de proteção?

— Julia e eu já tínhamos reunido vários pontos. Tínhamos quase certeza de que fora ele quem matara Helen.

—Você e Julia. — Agora era a vez dela de virar-se para ele, curiosa. Autumn fez um gesto com as mãos, mas parou no meio do caminho, pois a dor a impedia de movê-las. — Você vai ter de esclarecer algumas coisas, Lucas. Posso ainda estar um pouco confusa.

— Julia e eu discutimos as chantagens de Helen cuidadosamente. Até ser assassinada, nos fixamos no problema de Jacques. Nem Julia nem eu estávamos preocupados com as ameaças ridículas que Helen tinha contra nós. Depois que foi morta e seu quarto arrombado, concluímos

que esses fatos tinham ligação. Autumn, acho melhor você voltar para a cama. Está muito pálida.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça, afastando o calor que a preocupação que sentiu na voz de Lucas causara nela. — Estou bem. Por favor, não pare agora.

Ele pareceu prestes a discutir, mas mudou de ideia.

— Eu jamais acreditaria que você pudesse ter estragado seu próprio filme, ou chocar-se contra uma porta, desastradamente. Então, Julia e eu iniciamos um processo de eliminação. Eu não tinha matado Helen e sabia que Julia também não.

Tinha estado no quarto dela naquela noite, recebendo um sermão acalorado sobre minha técnica com as mulheres, até descer para ver você. E passara por Helen no corredor pouco antes de ir para o quarto de Julia, portanto, mesmo se Julia tivesse vontade de matar Helen, duvido muito que tivesse dois *négligés* idênticos. Haveria sangue em sua roupa. — Encolheu os ombros de novo. — E, de qualquer maneira, se Julia a tivesse matado, possivelmente teria admitido o fato.

— É — concordou Autumn com um murmúrio, e ficou perguntando-

se como teria sido o tal sermão.

— Conheço Jacques há anos — continuou Lucas. — Ele simplesmente não seria capaz de matar. Julia e eu eliminamos logo os Spicer. Robert é completamente dedicado à vida para tirar a de alguém, e Jane se desmancharia em lágrimas.

Lucas passou a caminhar pelo quarto.

— Anderson se encaixava. E, por motivos pessoais, eu desejava que fosse ele. Então, a intrépida Julia roubou a chave extra de tia Tabby e revistou o quarto dele, procurando a camisa que ele tinha vestido na noite

do crime. Quase a estrangulei quando ela me contou o que havia feito. Ela é uma mulher e tanto.

— É. — O ciúme mesclava-se com o afeto em Autumn, e o afeto venceu. —Ela é maravilhosa.

— A camisa não estava lá. Julia afirma ter um olho afiado para guarda-roupas e eu quis acreditar nela. Decidimos que deveríamos avisá-la de que deveria ficar em guarda, sem entrar em detalhes. Eu achava que seria melhor se você ficasse prevenida contra todos. Decidimos que Julia falaria com você, porque você confiaria nela mais rápido do que em mim. Eu não

fizera nada para merecer sua confiança.

— Ela me assustou bastante. — lembrou-se Julia. — Cheguei a ter pesadelos.

— Sinto muito. Parecia a melhor maneira, na ocasião. Pensamos que o filme tinha sido destruído, mas não queríamos nos arriscar.

— Ela estava contando para Jacques naquela noite, não foi?

— Foi. — Lucas notou a concordância tácita em sua voz. — Achamos que assim seríamos três a cuidar de você.

— Eu mesma teria me cuidado, se vocês tivessem me contado.

— Não, acho que não. Seu rosto é um livro aberto. Naquela manhã, durante o café, quando você começou a falar sobre um quarto rolo, lembra? Tudo transparecia no seu olhar.

— Se estivesse prevenida...

— Se não tivesse sido uma boboca e tivesse ido com Julia, poderíamos mantê-la a salvo.

— Eu queria pensar — começou ela, zangada por ter sido mantida no escuro.

— A culpa foi minha. — Lucas levantou a mão para impedi-la de continuar. — Tudo o que aconteceu foi culpa minha. Devia ter feito as

coisas de maneira diferente. Você nunca teria sido ferida.

— Não, Lucas — disse, e foi tomada pela culpa quando se lembrou da expressão do rosto dele, quando a tirou do lago. — Eu estaria morta, se não fosse por você.

— Pelo amor de Deus, gata, não me olhe desse jeito. Não posso suportar. — Ele se afastou. — Estou fazendo o possível para manter minha palavra. Vou chamar Robert para examinar você.

— Lucas. — Ela não iria deixá-lo sair por aquela porta até ele contar-lhe tudo. — Por que você veio aqui? E não diga que veio para a Virgínia

para escrever. Eu sei... ainda me lembro de seus hábitos.

Lucas voltou-se, mas manteve a mão na maçaneta.

— Já lhe disse antes que o outro motivo não existe mais. Esqueça.

Ele se escondera outra vez atrás do ar frio e distante que sabia usar tão bem, mas Autumn não pretendia recolher-se.

— Este hotel é da minha tia, Lucas. Sua vinda para cá, apesar de indiretamente, desencadeou esta série de acontecimentos. Tenho o direito de saber por que você veio.

Ele ficou olhando para ela durante vários segundos, depois enfiou as

mãos nos bolsos outra vez.

— Está bem — concordou. — Acho que não tenho o direito de esconder meus motivos e você merece alguma atenção da minha parte, depois do jeito com que a tratei. — Não se aproximou, mas os olhos fixaram-se diretamente nos dela. —Vim para cá por sua causa. Porque tinha que reconquistar você para não ficar louco.

— A mim? —A dor foi tão aguda que Autumn riu. Não choraria mais. — Ah, Lucas, por favor, diga a verdade. — Ela viu que ele vacilava antes de dirigir-se de novo para a janela. — Você me dispensou,

lembra? Você não me queria naquela época e não me quer agora.

— *Não queria!* — Ele girou nos calcanhares com tanta força que esbarrou em um vaso, quebrando-o. A raiva que sentia era nítida e vivida. — Você nem pode compreender o quanto eu queria você, como continuei querendo todos estes anos. Pensei que fosse ficar louco, de tanto que a desejava!

— Não, não quero ouvir isso. — Autumn voltou-se para apoiar-se na cabeceira da cama. — Não quero ouvir.

— Você perguntou. Agora vai ter de ouvir.

— Você me disse que não me queria — ela falou, irritada. — Nunca significuei nada para você. Simplesmente me disse que estava acabado e sacudiu os ombros como se nada tivesse acontecido. Nada, nada me magoou tanto quanto o jeito de você me colocar de lado.

— Sei o que fiz. — A raiva tinha desaparecido de sua voz, dando lugar à tensão. — Sei tudo o que disse para você, enquanto me olhava parada. Eu me odiei. Queria que você gritasse, xingasse, tornasse mais fácil, para mim, deixá-la. Mas você só ficou lá parada, com as lágrimas descendo pelo rosto.

Jamais vou me esquecer de como você estava.

Autumn conseguiu finalmente controlar-se e encarou-o de novo.

— Você disse que não me queria. Por que diria isso, se não fosse verdade?

— Porque você me assustava.

Ele disse isso com tal simplicidade que ela se sentou na cama para olhá-lo melhor.

— Assustava você? *Eu* assustava você?

— Você não sabe o que fez comigo. Toda aquela doçura, toda aquela generosidade. Nunca me pediu nada, mesmo assim pediu

tudo. — Ele recomeçou a andar pelo quarto. Autumn observava-o, atônita. — Você era uma obsessão, foi o que eu me disse. Se a mandasse embora, se a magoasse o suficiente para obrigá-la a me deixar, eu ficaria curado. Quanto mais tinha você, mais precisava de você. Acordava no meio da noite e a xingava por não estar lá. Depois, me xingava por precisar que estivesse lá. Tinha que fugir de você. Não podia admitir nem para mim mesmo que a amava.

— Me amava? — Autumn repetiu as palavras, como uma tonta. — Você me amava?

— Amava naquela época, amo

agora e vou amar pelo resto de minha vida. — Lucas respirou profundamente, como se as palavras o tivessem deixado chocado. — Mas não conseguia dizer para você. Não conseguia acreditar. — Parou de andar e olhou para ela. — Mantive contato com o que você fazia durante estes três anos. Descobri toda a sorte de desculpa para fazer isso. Quando descobri sobre o hotel, e sua ligação com ele, comecei a vir aqui de vez em quando. Finalmente, consegui admitir para mim mesmo que não conseguia mais viver sem você. Fiz então um plano. Tinha pensado em tudo. — Deu um sorriso

irônico para ela.

— Plano? — repetiu Autumn. A mente ainda girava.

— Foi fácil plantar a ideia na cabeça de tia Tabby de escrever para você para convidá-la a vir aqui. Conhecendo você, tive certeza de que viria sem discutir. Era tudo de que eu precisava. Estava tão seguro de mim mesmo. Pensei que tudo o que teria a fazer seria criar o convite, e você cairia em meus braços. Como antigamente. Eu a teria de volta, casaria com você antes que percebesse tudo e me desse uma palmadinha nas costas por ser tão esperto.

— Casar comigo? — As sobrancelhas de Autumn elevaram-se com a surpresa.

— E logo que nos casássemos — emendou Lucas, como se Autumn não tivesse interrompido —, não teria nunca mais que me preocupar em perdê-la outra vez. Simplesmente, não lhe daria o divórcio, mesmo que você teimasse muito. Eu merecia um bom chute nos dentes, gata, e foi o que você me deu. Em vez de cair nos meus braços, levantou o nariz e me mandou desaparecer. Mas isso não me afastou por muito tempo. Não, você me amara uma vez, e eu faria

com que me amasse de novo. Podia lidar com sua raiva, mas com o gelo...

— Eu não sabia que podia ser ferido daquela maneira. Foi um grande choque. Ver você de novo... — Fez uma pausa, enquanto parecia lutar para achar as palavras. — Foi uma tortura, pura e simplesmente, estar tão perto de você e não poder tê-la. Queria dizer-lhe o que você significava para mim, e então, toda vez que me aproximava de você, agia feito um louco. O que você fez comigo ontem, afastando-se de mim, dizendo para eu não feri-la outra vez... nem posso lhe dizer o que isso

me fez sentir.

— Lucas...

— É melhor me deixar terminar — disse ele. — Não vou conseguir falar sobre isso outra vez. — Pegou um cigarro, mudou de ideia e depois continuou: — Julia me censurou, mas eu não conseguia parar. Quanto mais você resistia, pior eu tratava você. Toda vez que me aproximava de você, terminava fazendo a coisa errada. Naquele dia, lá no seu quarto... — Ele parou e Autumn viu a luta interior em seu rosto. — Quase violentei você. Fiquei louco de ciúmes ao vê-la com o Anderson. Quando vi você chorar, jurei que

nunca mais seria responsável por aquela expressão em seu rosto. — Subi, naquela noite, preparado para implorar, rastejar, pedir, fazer qualquer coisa. Quando vi você beijando-o, alguma coisa arrebentou dentro de mim. Comecei a pensar nos homens com quem você tinha estado nos últimos três anos. Nos homens que poderiam tê-la de novo, quando eu não poderia.

— Nunca estive com outro homem além de você. — Autumn interrompeu-o com brandura.

A expressão de Lucas mudou de uma fúria mal contida para confusão, antes de ele estudar-lhe o rosto com

sua intensidade familiar.

— Por quê?

— Porque toda vez que começava um relacionamento lembrava de que ele não era você.

Como se sentisse uma dor profunda, Lucas fechou os olhos e virou-se de costas para ela.

— Gata, nunca fiz nada na minha vida para merecer você.

— Não, possivelmente não. — Ela levantou-se da cama e parou bem às costas dele. — Lucas, se você me quer, fale, me diga por quê. Lucas, me peça. Quero ouvir tudo.

— Está bem. — Ele moveu os ombros enquanto se virava, mas seu

olhar não era casual. — Gata... — Esticou a mão para tocá-la no rosto, mas logo enfiou-a novamente no bolso. — Eu a quero, desesperadamente, porque a vida não é suportável sem você. Preciso de você porque é, e sempre foi, a melhor parte da minha vida. Amo você por motivos que levariam horas para explicar. Por favor, me aceite de volta. Case comigo.

Ela sentiu o impulso de jogar-se em seus braços, mas conteve-se. *Não torne as coisas tão fáceis para ele*. As palavras de Julia dançavam em sua cabeça. Não, as coisas tinham sempre sido muito fáceis

para Lucas. Autumn sorriu para ele, mas não se moveu.

— Está bem — disse simplesmente.

— Está bem? — Ele franziu a testa, duvidando. — Está bem o quê?

— Eu me caso com você. É o que você quer, não é?

— É, droga, mas...

— O mínimo que você pode fazer, Lucas, é me beijar. É o tradicional.

Suavemente, ele descansou as mãos nos ombros dela.

— Gata, quero que você tenha certeza, porque jamais conseguirei largar você. Se for por gratidão,

estou desesperado o suficiente para aceitar. Mas quero que pense no que está fazendo.

Ela balançou a cabeça.

— Sabia que pensei que era você quem estava com Helen naquele filme?

— Gata, pelo amor de Deus...

— Eu fui para o bosque — continuou em voz baixa. — Já ia expor aquele filme quando Steve me encontrou, Lucas. — Ela aproximou-se. — E você sabe como me sinto sobre a santidade de um filme?

A respiração dele saiu em um pequeno sopro de alívio, quando levou as mãos ao rosto dela. Sorriu.

— Sim. Sim, eu sei. Alguma coisa parecida com o 11º mandamento.

— Não exporeis filmes não revelados. Agora... — Ela passou os braços pelas costas dele. — Você vai me beijar, ou vou ter que obrigá-lo?

* * * * *

PUBLISHER
Kaíke Nanne

EDITORA EXECUTIVA
Livia Rosa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL
Isis Batista Pinto

COPIDESQUE
Mariana Moura

REVISÃO
Marcela Isensee
Mônica Surrage

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

CAPA
Coralina Estudio